Quintan.ª Cuyto - 480 - E.13.C 3 V.as

L

1.750

SEGUNDO TOMO
DAS
SESSÕES LITERARIAS.

SEGUNDO TOMO
DAS
SESSÕES LITERARIAS
DOS
ALUMNOS DA ACADEMIA
DOS OBSEQUIOSOS
DO LUGAR DE SACAVEM
DEBAIXO DA PROTECÇAÕ
DE SUA
MAGESTADE FIDELISSIMA,
E FAMILIA REAL:
DEDICADO, E OFFERECIDO
Á AUGUSTISSIMA RAINHA
NOSSA SENHORA,
NO DIA DOS SEUS FELICES ANNOS,
SENDOLHE APPRESENTADO PELA MAÕ
DO
ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR
JOSÉ DE SEABRA DA SILVA,
E DADO AO PUBLICO
PELO CAPITAÕ JOAÕ DIAS TALLAIA
SOTTO-MAIOR.

LISBOA
NA OFFICINA DE ANTONIO RODRIGUES GALHARDO,
Impreſſor do Eminentiſſimo Senhor Cardeal Patriarca.
ANNO M. DCC. XC.
Com Licença da Real Meza da Commiſſaõ Geral, ſobre o Exame, e Cenſura dos Livros.

Foi taixado eſte Livro em papel a mil quatrocentos e quarenta réis: Meza 12 de Julho de 1790.

Com tres Rubricas.

ILLUSTRISSIMO,

E

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

O Segundo Tomo das Seſſões Academicas, com que os Obſequioſos do Lugar de Sacavem pertendem immortalizar a gloria da Real Caſa Bragantina, como podia apparecer no Mundo, ſem que no ſeu Frontiſpicio levaſſe gravado o Nome da Noſſa Auguſtiſſima Soberana, ſendo-lhe dedicado, e offerecido pelas auxiliadoras mãos de

V.

V. EXCELLENCIA. A' ſua ſombra he que póde conſeguir aquelles applauſos, de que neceſſita para que contra a malevolencia dos Zoilos (de que o noſſo Paiz he abundante) prevaleça o merecimento, que eu conſidero em todos os Membros, de que ſe compõe aquelle diſtinto Corpo.

V. EXCELLENCIA ornado daquelles conhecimentos, que tem adquirido com a liçaõ daquelles Authores, que formaõ a delicadeza do noſſo eſpirito, com que goſto ſe naõ intereſſerá quando tome debaixo da ſuá protecçaõ as Artes, e as Sciencias, de cujo progreſſo depende a felicidade das Monarquias.

Roma, e primeiro que Roma a Grecia ſó ſe reputáraõ felizes no tempo, em que os Demoſthenes, e os Homéros, os Tullios, e os Marões eternizáraõ com os ſeus eſcritos a ſua fama. Entre nós ſem buſcarmos exemplos de fóra, temos a prova, naõ ſó adiantando as noſſas Conquiſtas; mas grangeando entre as Nações polidas aquelles louvores, de que ainda hoje nos liſongeamos, merecidos pelos Camões, e pelos Ferreiras, pelos Souſas, e pelos Britos: Pouco importa, que a Eſpada córte os loiros, ſe a penna naõ toma

por

por ſua conta illuſtrar as façanhas dos Heróes. Com o curſo dos annos confundir-ſe-ha a ſua memoria.

V. EXCELLENCIA conhece verdades taõ ſólidas. Ama os Sabios, por ſer mais que Ulyſſes ſabio. Nem eu devo temer, que V. EXCELLENCIA deixe de patrocinar-me, advertindo, que nem ao meu ſangue, nem ao meu ſocego perdôo, ſempre que ſe trata de oſtentar aquella fidelidade, e aquelle amor, por que tenho conſeguido a eſtimaçaõ dos Noſſos Soberanos, que Deos bajaõ, ſobre cujas cinzas correráõ perennemente as minhas lagrimas, continuando para que naõ desfalleça a animar-me com a profuſaõ dos beneficios da Noſſa Inclita Soberana, que com a ſuavidade do ſeu Governo, fabrica dos noſſos corações o Throno que occupa.

Se Deos proſperar os meus deſignios levando adiante as minhas idéas, eu terei a conſolaçaõ de formar mais groſſos Volumes com as acções, que da eminencia do Throno nos dimanaõ, e felicita a Noſſa Incomparavel Soberana, a qual fará voar por differentes Climas a ſua gloria, dando-nos na Auguſtiſſima Succeſſaõ do Noſſo

Ama-

Amabiliſſimo Principe o Sereniſſimo Senhor **D. JOAÕ**, *e a Sereniſſima Senhora D. CARLOTA JOAQUINA, larga materia para muitos Elogios.*

O Deos, que he por eſſencia tres vezes Santo, e véla ſobre eſte Reino, como o ſeu eſcolhido, dilate a ſaude, e vida de V. EXCELLENCIA, que he quanto lhe rogo.

De V. EXCELLENCIA

O mais antigo favorecido, obrigado, e fiel criado

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

SE-

SENHORA.

A Sombra do Throno he que florecêraõ fempre todas as Academias, e os Reinados mais venturoſos foraõ aquelles, em que as Artes, e as Sciencias mais ſe cultiváraõ: Roma, a antiga Roma podia-nos dar huma inconteſtavel prova,

mas

mas ſem mendigarmos exemplos, naõ ſó remotos, mas eſtranhos; a Naçaõ, de que V. MAGESTADE he a Arbitra, quando mais feliz, que quando mais Sabia! Sem que nos lembremos do noſſo ſeculo de ouro, agora que V. MAGESTADE ſe digna de proteger as Letras, que vantagens naõ temos! A pública voz he hum clarim, que por toda a parte eſpalha o Nome de V. MAGESTADE, e eſte meſmo Corpo, que V. MAGESTADE benignamente protege, e o ſeu Secretario, que aſſumpto naõ vai tendo nas acçõeſ, que V. MAGESTADE executa, para engroſſar os Volumes da ſua Hiſtoria! De que naõ eſtá ocioſa, ninguem o ignora, e para que os ſeus progreſſos ſejaõ mais rapidos, ſubmetto eu á cenſura de V. MAGESTADE as materias, ſobre que ſe ha de diſcorrer na noſſa primeira Seſſaõ. Tendo a ſeu favor a approvaçaõ de V. MAGESTADE, ſerá eſſe hum novo eſtimulo, para que todos remontando-nos ſobre as noſſas forças, moſtremos no noſſo adiantamento o goſto, com que himos de dia em dia guarnecendo de brilhantes flores a Coroa, que V. MAGESTADE

cin-

cinge. Queiraõ os Ceos dilatar-nos a Precioſa Vida de V. MAGESTADE, para que Lisboa entre as Côrtes polidas, conte como França hum Luiz Quatorze, e Portugal huma Auguſtiſſima D. MARIA PRIMEIRA.

Do mais fiel, favorecido, e reverente Vaſſallo

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

SO-

SONETO.

NAÕ de bronze, nem de ouro derretido
Ao teu Nome huma Eſtatua ſe levanta;
Sim de nova materia Sacroſanta;
Duravel premio ao teu louvor devido:

Quantas ſe tem lavrado, e tem fundido,
De quem a Hiſtoria eſcreve, e a Fama canta,
Naõ tem valor, naõ tem grandeza tanta,
Que naõ lho tenha a tua eſcurecido:

Todas podem cahir, porque he memoria,
Que por mais que a Arte empenhe o ſeu deſvélo,
Conſerva a condiçaõ de tranſitoria:

Mas eſta, oh das Rainhas o modélo,
Já mais póde cahir, que he ſem vangloria,
A tua Eſtatua o Monte do Carmelo.

LETRA.

DA URNA CRISTALINA
O TEJO ERGUE A CABEÇA
PARA CANTAR OS ANNOS
DE MARIA A PRIMEIRA.

VOLTA.

Ó VENTUROSO DIA
QUE OS CORAÇÕES INNUNDAS DE ALEGRIA.

Juramento que faz o Capitaõ Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior em nome dos Allumnos da Academia dos Obſequioſos no dia dos Annos da Auguſtiſſima Rainha Noſſa Senhora, a Senhora Dona MARIA I. á Santiſſima Virgem com o Titulo da Victoria, firmando o dito Juramento com o ſeguinte Soneto.

SONETO.

QUE foſte ante dos ſeculos izenta
No Conſiſtorio da Trindade Santa,
Para ſer taboa firme a gente tanta
No graõ diluvio da original tormenta:

Que ao Dragaõ infernal que os homens tenta,
Com maõ armada, com forçoſa planta
Calcas invicta a tumida garganta,
Que erguer-ſe contra nós de balde intenta:

Tudo juramos, cheios de honra, e gloria
Se he poſſivel com votos ſanguinarios,
Por ficar noſſa fé mais meritoria:

Ouçaõ noſſo louvor teus Santuarios,
E pois ſem ti naõ póde haver victoria
Dá-nos virtude contra os teus contrarios.

A' Virgem Mãi de Deos, Rainha dos Anjos, Protectora dos homens, com a invocaçaõ do milagroſo, e devoto Titulo da Senhora da Victoria, Orago da ſobredita Academia, a quem invoca em ſeu auxilio o Author.

SONETO.

VIrgem das Virgens, Virgem Protectora
Da Real Bargantina deſcendencia
Do Eterno Verbo Mãi, Mãi de Clemencia
A quem o inferno teme, o Ceo adora:

Do voſſo influxo neceſſito agora
Reflectindo do aſſumpto na excellencia,
Para deſempenhallo com decencia
Digna de Vós, Santiſſima Senhora:

Já de fogo Divino a minha mente
Sinto inflammar-ſe, quando com mão prompta
Do Pletro firo as cordas docemente:

Nem frio ſuſto o animo me affronta,
Que quem de voſſas graças na torrente
Chega a beber, como Aguia ſe remonta.

Se-

SENHORA:

SEM que eu fizeſſe huma violencia grande ao meu coraçaõ naõ podia deixar de conſagrar a V. Mageſtade o ſegundo tomo das Seſſões Academicas, que á ſombra do Throno que V. Mageſtade occupa, e da protecçaõ de toda a Real Familia gozaõ da pública eſtimaçaõ. O Nome de V. Mageſtade gravado no fronteſpicio daquella obra, que credito me naõ dá? Conhecendo a poſteridade, que debaixo dos auſpicios de huma Soberana que immortaliza a gloria do ſeu ſexo, e da Naçaõ, de que a Providencia a conſtituíra arbitra independente, eu com as minhas debeis forças animei hum corpo de Literatos, que com as ſuas producções levaõ a differentes climas a fama de hum Reinado, que entre os noſſos Faſtos conſeguirá a honra de immortal pelo influxo de V. Mageſtade, que he a fonte de que ſó hoje em dia dimanaõ todos os noſſos bens?

Fundar Cidades como Dido em Carthago: defender muros como Semiramis em Babylonia, naõ he mais, que reger V. Mageſtade em paz o Imperio Luzo: accreſcentando ao explendor de ſeus Auguſtos Aſcendentes,

tes, hum raio de virtude Divina, que deſde o berço inflamma o ſeu heroico peito. Os abuzos que corrige, as felicidades que promove, os merecimentos que remunera, tendo ſempre abertas as ſuas mãos para entornar ſobre nós as graças, e os favores; como engroſſaráõ o brado da Deoſa de cem bocas nos Elogios que por todos os mundos conhecidos eſpalhará da Primeira MARIA, que Emula das Heroinas com que a antiguidade nos ſeus Annaes ſe deſvanece, ſabe unir na ſua Peſſoa tudo o que a natureza repartio com diſcreta economia, já ás Iſabeis, já ás Chriſtinas; e as qualidades raras que illuſtraõ a V. Mageſtade aſſim como ſervíraõ de aſſumpto á Oraçaõ que huma de minhas filhas dirigio a V. Mageſtade, e eu recitei na ſua reſpeitavel preſença: ſerviráõ tambem de exemplar porque ſe amoldem todos aquelles Principes, que na carreira eſcabroſa de ſeu governo quizerem acertar com o caminho que conduz para o templo da immortalidade.

Eu temo Senhora ferindo a modeſtia de V. Mageſtade, chamar o ſangue a ſuas faces bellas. Eis-aqui porque ſem deſafogar o meu deſejo, eu me naõ atrevo a tecer dos dotes ſublimes, que ornaõ o ſeu eſpirito, o meu diſcurſo: Quem mais ſuave no trato? Quem mais benefica nas expreções? Quem mais exacta na juſtiça? A compaixaõ naſceu com V. Mageſtade, como com aquelle Principe da Idumea, de quem a Eſcriptura faz menção. A liberalidade dos Alexandres, e a Religiaõ mais pura, que a dos Numas, trasladarem-ſe para

o

o coraçaõ de V. Mageſtade. Que ſumptuoſa Baſilica naõ erige? Que pingues rendas naõ eſtabellece, para que as Caſtas Eſpoſas do Cordeiro Immaculado mais commodamente ſe dediquem ao culto, e aos obſequios do Coraçaõ daquelle Deos, aonde V. Mageſtade como caſta Pomba faz o ſeu ninho. A inteireza .... mas eu vou levando muito além dos limites que me devo preſcrever neſta Dedicatoria. Conſollo-me porém que eu ſou o orgaõ por onde a voz de todos ſe diffunde: Digo o que dizem todos, ſem que a liſonja com ſeu mortifero veneno corrompa a minha lingoa, coſtumada a louvar unicamente o merecimento, e a virtude, baze ſobre que V. Mageſtade ergue a ſua Eſtatua.

O Supremo Ente que governa o deſtino das Monarquias: aquelle Deos a quem V. Mageſtade ſeguindo os exemplos de ſeus Auguſtos Pais, Charo Eſpoſo, digno, e Santo Tio, o meu particular Bemfeitor, que Deos em ſanta gloria haja, ſobre cujas cinzas correráõ ſempre as minhas lagrimas, tomará por ſua conta naõ ſó dilatar a duraçaõ de V. Mageſtade, como todos preciſamos: mas proſperar-lhe todos os ſeus deſejos, para que em torno do Solio, que dignamente occupa, veja creſcer como freſcas, e viçoſas oliveiras a ſua deſcendencia. Eſtes ſaõ os meus votos: eſtes ſaõ os votos de toda a minha caſa, que entereſſada na conſervaçaõ de V. Mageſtade naõ ceſſa de rogar ao Todo Poderoſo, que deferindo ás ſúpplicas dos fieis Vaſſallos, conte V. Mageſtade pelas ſuas virtudes os ſeus annos, que he co-

como o illuſtre corpo de homens taõ doutos, animados da protecçaõ de V. Mageſtade, poderá tambem naõ affrouxar na empreza começada, ſervindo com os ſeus talentos á gloria de huma Monarquia, de que V. Mageſtade he a Soberana.

Diſſe.

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

ERU-

ERUDITISSIMOS ACADEMICOS,

E

EXCELLENTISSIMOS SENHORES.

COmo Deos entre os beneficios que me liberaliza o maior que me tem feito he dar-me huma familia honrada, confeſſo-vos Senhores, que me naõ pude diſpenſar de recitar na voſſa preſença a Oraçaõ, que huma de minhas filhas, uſando da inſtrucçaõ que unicamente póde ter recebido de mim, aprezenta a eſte reſpeitavel congreſſo: naõ lhe parecendo bem, que na falta da Illuſtriſſima Preſidente a Excellentiſſima Senhora Dona Joanna Iſabel Forjás, houveſſe de ſahir do ſeu ſexo aquella empreza, principalmente quando adoramos no Throno a huma Soberana, que com os raros talentos de que he dotada, nenhuma inveja nos faz ter ao governo dos mais famigerados Reis.

Eu naõ me cégo Senhores: e ainda que o diſcurſo que ouvireis tenha muitos deſeitos, com tudo ſempre he louvavel que em tão poucos annos, e ſem ſe extrahir do retiro de ſua caſa penſe taõ nobremente: o que eu tomo, naõ como materia de vaidade, mas como argumento dos favores que devo a Deos, rendendo-lhe as graças porque haja na minha poſteridade quem, ſeguindo os meus veſtigios, ſeja grata á Auguſtiſſima Mo-

narca a quem nós todos devemos os vantajoſos bens de que goſamos. Neſtes termos eſpero que, preſtando-me a voſſa attençaõ, naõ dezaprovareis, que erguendo a minha voz eu vos entretenha por hum pouco.

Ouvi-me.

A' AUGUSTISSIMA RAINHA
NOSSA SENHORA
A SENHORA

D. MARIA I.

ODE.

QUE turbilhaõ de luzes
De Lizia coroa os empinados montes!
Vejo outros Ceos, outras Eſtrellas vejo!
Do criſtalino Tejo
Vós Ninfas, que ſoltando
As loiras tranças pelas alvas coſtas
Fóra da agoa deitais as brancas teſtas,
Ao ſom das voſſas lyras
Docemente cantai altos louvores

Daquella que entre nitidos fulgores
Do Bargantino Throno illuſtra a gloria,
Conſeguindo a Victoria
De levar o ſeu Nome, Auguſto Nome,
Da Fama ſobre as tranſparentes azas
De hum pólo a outro pólo! Eu o repito
Por conſolar meus labios.
Rainha incomparavel! Que eſmaltando
De ſolidas virtudes o teu Sceptro,
De noſſos corações tens fabricado
Eſſe Solio que occupas, oh Maria!
Quem te naõ ama, quem te naõ adora?
Nós os precioſos fructos
De teu ſabio governo recolhemos:
Nós a ventura temos
De gozarmos a dita incomprehenſivel,
De admirarmos os dotes, com que a Dextra
Do Omnipotente Deos tua alma adorna.
Com que alegria, com que fino goſto
Que d' alma reverbera em noſſo roſto
A maõ te beijaremos, a maõ regia
De que eſtá dependendo a noſſa vida
Do teu natal no refulgente dia?
Póvos da Luſitania
Voai, voai ligeiros, para dares
Da voſſa vaſſallagem claras provas.
Aquella he a noſſa Mãi: como eſtendendo
O infatigavel braço a todos enche

De bens, que nunca o tempo
Por mais que volva a arrebatada roda
Deſtruir poderá! Quem nos enxuga
Na conſternada face o triſte pranto?
Quem as noſſas vantagens adianta,
Da Juſtiça trilhando
A eſcabroſa vereda? Ah ſe eu pudera
Ter de candido Ciſne a voz ſonora
Como eſpalhára agora
As ſuas qualidades? Como dera
Demonſtrações ingenuas
Do meu contentamento
Louvando o ſeu ditoſo Naſcimento.

Cantou

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

ORA-

ORAÇAÕ

QUE NA REAL SALLA DO ORATORIO
DO PALLACIO DA PRAÇA NOVA DO COMMERCIO
SE RECITOU
NO DIA DA SESSAÕ PUBLICA
EM APLAUSO AOS ANNOS
DA AUGUSTISSIMA RAINHA
NOSSA SENHORA
A SENHORA

D. MARIA I.

AMor nacional, que ſacrificio te naõ vou fazer agora? Quem ſenaõ tu, me obrigaria a deſembargar da minha garganta a minha debil voz no meio de huma aſſemblea taõ reſpeitavel, como a que eſtou vendo? Como hum vime que o vento açoita eu tremera, ſe me naõ lembraſſe, que ha emprezas, que ſó concebidas enchem de gloria a quem as medita?

Tal he, Senhores, a que me traz á voſſa preſença. Todos vós ſabeis, que para eſta acçaõ eſtava deſtinado hum daquelles genios, além de ſublimes, originaes, que honrando o meu ſexo com a delicadeza dos ſeus talentos, dezabuſa a todos aquelles, que ou por ignorancia, ou por malevolencia, nos naõ ſuppõem capazes de ſizudas applicações, como que ſe do cerebro de Jupiter naõ naſcêra Minerva, reputada pela Deoſa das Sciencias.

Todavia as noſſas eſperanças ſe fruſtráraõ, e ſem entrar no exame da cauſa, nós nos achamos certificados da devoradoura foice da morte nos uzurpar á tempos a Illuſtriſſima Preſidente, a Senhora Dona Joanna Iſabel Forjás, que vós eſcolheſtes.

Ora ainda que eu naõ tenha mais, que aquella inſtrucçaõ, que o meu bom pai me tem dado, naõ cedendo a nenhum Chefe de familias, nem na honra, nem no amor com que nos educa a todos, propondo-nos ſempre nas ſuas acções huns eſtimulos, que ſuavemente

nos

nos provocaõ, e excitaõ, para obras grandes, como podia deixar de me animar, julgando por huma eſpecie de afronta feita ás mulheres, faltar quem ſupriſſe aquelle lugar, ſem mendigarmos entre vós o reparo de huma falta pública! Portugal naõ he de inferior condiçaõ aos outros climas. Tambem tem como Grecia as ſuas Safos: e em huns tempos taõ illuminados, que maravilha ſerá, que a par de tantas Sabias Portuguezas, que immortalizaõ o Governo da Noſſa Soberana, depondo agulha, e pegando na penna, eu me encorpore com as Joannas de Heſpanha, com as Fauſtinas de Italia, com as Le Febres de França, e com a noſſa D. Bernarda, que nas ſuas Soledades de Buſſaco immortalizou a ſua gloria, para diſcorrer hum pouco ſobre a felicidade que nós todos temos com o naſcimento da Noſſa Auguſta. Entre tantas producçõeſ engenhoſas com que vós nos arrebatareis, appareça a minha tal qual Oraçaõ, que a luz confrontada com as ſombras brilha mais.

Mas terei eu por ventura a temeridade de querer unir em hum Panegirico todas as ſublimes prerogativas com que a natureza, entornando todas as ſuas graças, a fez incomparavel! Bella mais que as bellas, quererei eu moſtrar-vos, que a ſua formoſura he hum reflexo daquella alma grande, que eſmaltada de ſuas virtudes, a conſtituem benemerita dos applauſos com que levamos até ás Eſtrellas a ſua Fama? Que da ſua preſença todos ſahimos por extremo conſolados, acolhendo-nos como

Mãi carinhoſa no ſeu coraçaõ, ſabendo temperar a Soberania com a affabilidade para ſer goſtoſa a noſſa ſujeiçaõ.

Que largo campo ſeria eſte, lembrando-me, que mais que no poder de ſeus exercitos, no amor de ſeus Vaſſallos confiáraõ ſempre os noſſos Principes, para obrarem aquelles prodigios, com que leváraõ a differentes mundos o terror, e a victoria, quando ſobre voadoras quilhas gemeo debaixo do noſſo ferro, o Oceano, abrindo-nos livre paſſagem para embalarmos o berço aonde naſce o dia? Trazendo-vos á memoria o que já cantou o noſſo Sá.

Outros Reis os ſeus Eſtados
Guardaõ de armas rodeados,
Vós rodeado de amor!

Que religiaõ mais ſincera, que a ſua? Sordida hipocriſia, eu naõ deſejo ſomentar as tuas ardiloſas caballas? Mas quem naõ admira na Noſſa Soberana huma modeſtia rara, com que encubrindo o ſervor do ſeu eſpirito, todo o ſeu ſiſtema he recatar aos noſſos olhos o progreſſo, com que quaſi do berço ſe adiantou naquella perfeiçaõ, a que aſpiraõ as almas juſtas: caritativa ſem limites: humilde ſem baixeza: reſoluta ſem ouſadia: liberal ſem prodigalidade! Deſejando unicamente agradar ao ſeu Deos, com quem intimamente ſe enlaça pela ſua Fé?

Quem

Quem naõ admira huma inclinaçaõ innata para fazer bem a todos, nunca regateando as mercês, quando a juſtiça naõ repugna? Conhece perfeitamente, que he huma imagem de Deos na terra ; que entaõ ſe conformará mais com o Ente-Supremo , liberalizando as ſuas dadivas; que em fim Deos deriva-ſe de dar.

Mas eu porque eſtou defraudando o meu diſcurſo , ſe he milhor , que com huma eloquencia muda, mas mais efficaz fallem as obras públicas , com que no eſcaſſo periodo de poucos annos, tem felizmente cheio os ſeus deveres. E começando pelos córpos de letras, dizei Vós, Senhores, ſe naõ he por que a ſua protecçaõ vos cobre , que vós volvendo de dia , e de noite os Gregos, e os Latinos exemplares, vos inſtruís cada vez mais, polindo os taientos que recebeſtes? Os Reinados mais ſabios ſaõ os mais felices; quando as Artes, e as Sciencias achaõ abrigo nos Thronos , tudo vai ávante : e a noſſa decadencia, aſſim como a dos Romanos, veio com a ignorancia.

Fallem as manufacturas , que humas ſe eſtabelecem , outras ſe promovem ? Da arvore do Eſtado exaqui o ramo mais florente ; quando menos dependermos dos eſtranhos , ſeremos naõ ſó mais ricos , mas mais temidos: haja, quando mais naõ poſſa ſer , huma igualdade que conſerve o equilibrio da balança.

Fallem tantos públicos edificios, com que ſe lavra a Eſtatua mais glorioſa ao ſeu nome? Eſtando reſervada para o ſeu tempo a illuminaçaõ da noſſa Capital,

para que a ſegurança dos ſeus Vaſſallos, ſeja mais huma flor de que ſe matize a ſua Coroa.

Falle a paz de que goſamos, naõ havendo quem ſe atreva a eſtragar o reſpeito dos noſſos pavilhões, que ſeguros aſſoberbaõ os mares com vantajem notoria do noſſo Commercio, he aſſim que as Simiramis, e as Didos ſe fizeraõ amadas: he aſſim que a noſſa Soberana conſeguindo univerſaes applauſos, reina nos noſſos corações?

Fallem os acertos das novas allianças, e felizes deſpoſorios: fallem ... mas quando acabariaõ! Senhores! Se com animo verdadeiramente Real, nada ha que naõ emprehenda a Primeira MARIA, que poſſa conduzir para a noſſa felicidade. Eſtes ſaõ os preſentes mais precioſos que o Dador de todos os bens coſtuma fazer aos Póvos. Reis bons, que amando-os promovaõ a ſua utilidade geral.

Ora com que ardor nos naõ devemos intereſſar pelo naſcimento da noſſa Auguſta, dando do noſſo contentamento perennes provas, nos applauſos com que cantamos os ſeus annos? Eis-aqui o motivo porque eu ſem contemplar a minha inhabilidade, me arrojei ao que vós vedes. A minha alegria, e o meu agradecimento me diſculpaõ.

Vós porém, que me excedeis tanto, completai o quadro de que eu naõ tracei mais que o esboſſo: o voſſo delicado pincel lhe dará as cores que lhe faltaõ: e accumulando votos ſobre votos, naõ vos eſqueçais de

pe-

pedir ao todo Poderoſo , que a par do ſeu Amabiliſſimo , e Charo Filho o Sereniſſimo Principe o Senhor D. JOAÕ , e Sereniſſima Princeza , a ſabia , a Senhora D. CARLOTA JOAQUINA , firmes apoios de noſſas eſperanças , e de toda a Real prole , nos conſerve huma Rainha , que como Aſtro de extraordinaria magnitude com os ſeus influxos nos felicita : que eu curvados os joelhos , e erguidas as mãos , miſturando-me com a minha familia honrada , e agradecida , naõ ceſſarei de render a Deos as graças pelo bem de que goſamos , rogando-lhe que aos ſeus annos , e aos de ſeu Adoradiſſimo Filho o Sereniſſimo Principe D. JOAÕ , que tambem hoje ſe celebraõ , e na Corte Iberia ſe applaudem , acreſcente longos annos.

Diſſe.

D. Franciſca Benedicta Tallaia Collaça de Caſtello Branco.

NO-

NOBILLISSIMOS, E SABIOS COLLEGAS.

SE eu pudera, Senhores, remontando-me ſobre a minha natural inhabilidade, engolfar-me no largo mar, que vós, ſoltando as vélas da voſſa erudicçaõ navegareis agora, de que imagens brilhantes naõ enfeitaria o meu diſcurſo, demorando-me nos argumentos, que a noſſa Academia nos propõe, em obſequio da noſſa Auguſta Portugueza? A minha penna mais feliz que o pincel de Apelles, que quadro naõ traçaria, que arrebatando-vos com a formoſura de ſuas matizadas cores, vos faria conhecer os merecimentos de que a natureza, eſgotando o theſoiro de ſeus encantos, a enriquecêra, para a collocar entre aquellas Heroinas, que honrando o ſeu ſexo, tem deixado na poſteridade de ſeu nome, naõ menos, que da ſua gloria illuſtre fama.

Pois reflectindo na felicidade, que com ſigo nos trouxe o ſeu naſcimento, fruto das lagrimas com que mandavamos ao Ceo os noſſos votos, com quanto prazer cantaria em torno do ſeu berço os ſeus annos, que coroados de virtudes, fazem a epoca das noſſas venturas! O Sol no ſeu oriente naõ arrebataria mais os póvos da Aſia, que o ſeu deſejado natal tranſportou os noſſos corações, congratulando-nos antecipadamen-

mente com a esperança daquelles bens, de que foi para nós inexaurivel fonte a sua appariçaõ no mundo. As graças eu as veria concorrendo todas para a formarem a mais bella das Princezas, que para honra da Casa de Bragança tem estendido do Téjo ao Ganges, com a sua memoria, a nossa reputaçaõ, adormecendo aquelles rios as suas aguas, quando por suas frescas margens soassem os seus louvores. A Africa, e a America vaidosas de tremolarem sobre os seus certões, e os seus rochedos as nossas Quinas, que gostosa vassallagem lhe naõ renderiaõ, desentranhando-se em preciosas riquezas para engrossarem a opulencia de seus erarios?

Pois de que contentamento inundando as minhas faces naõ agradaria ao Fundador do nosso Imperio a Lei fundamental porque nos governamos, quando da successaõ do Sceptro Luso naõ exclue aquelle sexo injustamente reputado por fraco? Arrostando aos Francezes a iniquidade com que excluíraõ do Throno as Princezas, naõ só ingratos á humanidade, mas allucinados com huma preoccupaçaõ, além de injuriosa, injusta? Sem que me lembrasse das Simiramis, e das Didos, que em Babylonia, e em Carthago eternizáraõ a fama de seus nomes, eu lhe poria ante os olhos a Russia: referindo-lhe as vantajens de que está gosando debaixo do influxo de hum astro, que a cobre de luzes: naõ havendo utilidade que naõ promova, mal que naõ atalhe para felicitar os Vassallos que a Providencia lhe destinára. As almas todas saõ da mesma especie. E a organi-

nizaçaõ eſtá mais a favor das mulheres , que dos homens, por mais delicada.

Nem ſeria de menos pezo para o meu diſcurſo, ponderar-vos que do progreſſo dos eſtudos depende o eſtabelecimento das Monarquias. Volvei os annaes do mundo, trasladai-vos aos ſeculos de illuminaçaõ : unicamente a Grecia , e a Roma , ſem amontoar mais exemplos , de que provas nos naõ forneceraõ levando quaſi ás extremidades do Univerſo os ſeus Dominios, quando as Artes , e as Sciencias florecêraõ mais naquelles doirados tempos. Franciſco v., os Medicis, e entre nós, todos aquelles Soberanos, que naõ perdoavaõ a deſpezas para dobrarem uteis , e ſabias Academias, mandando os ſeus mais habeis Vaſſallos a aprender fóra , para que cheios de mais luzes podeſſem inſtruir os ſeus nacionaes : que frutos naõ colheraõ de hum ſiſtema , que nunca pôde illudir a quem o ſegue?

Mas ſe nós temos á maõ milhores provas, naõ as mendiguemos de ſeculos remotos! Incomparavel Soberana de que nova face naõ tem apparecido condecorado Portugal , principalmente depois que Vós, ſeguindo os veſtigios de voſſo grande Pai , tendes introduzido entre nós hum novo modo de penſar , que ſem que offenda á Religiaõ, he o mais proficuo; acolhendo com benignidade á ſombra do voſſo Throno aquellas Artes, que como deſconhecidas vagavaõ exiliadas do noſſo paiz, aonde, em idade mais venturoſa para nós, tiveraõ o ſeu aſſento?

Naõ

Naõ he neceſſario, Senhores, que eu deſça com a minha oraçaõ a particularidades. Bella agricultura, que adiantamento naõ vas tendo preſentemente. Eſte he o nervo principal das Républicas. Eſta he a baſe. Sem paõ ninguem ſe mantem. Quanto, quanto prefe-res aos famoſos Conquiſtadores! Thomaz, o grande Thomaz, em poucas palavras decidio o Problema.

Le conquerent détruit tu conſerves le monde
Il renverſe la terre, & tu la rends ſeconde.

Só deſta fonte he que naſcem as ſolidas rique-zas, mais que todo o ouro do Ofir ſe devem eſtimar os bens que da cultura dos campos reſultaõ, ſendo a induſtria a que faz mais opulentos os Eſtados: nós o experimentamos, que ſomos mais pobres depois que tivemos mais ouro.

Ora ſobre argumentos taõ delicados como voaráõ as voſſas pennas, enobrecendo eſtes aſſumptos com a erudicçaõ copioſa de que eſtais ornados? Cada producçaõ voſſa ſerá hum Padraõ, que no templo da immortalidade eternize o reinado da Noſſa Auguſta: muito mais ſe como coroa das voſſas compoſiçõe nos fizerdes ver, que Deos abençoa os Portuguezes, dilatando-nos a ſerie dos Fiadores, para que o ſuſto de vermos paſſar á alheias maõs o Sceptro do primeiro Affonſo nos naõ conſterne. Huma poſteridade numeroſa he o premio de huma virtude ſolida. Nós o temos regiſtado nos

ſantos Codigos, quando lemos que a fé de Abrahaõ he remunerada com huma deſcendencia que ſe multiplica como as arêas do mar.

Aqui Senhores com que artificio naõ introduzireis o elogio do noſſo amabiliſſimo Principe, que imagem de ſeus Regios Pais! naõ ha qualidade boa de que ſe naõ vá eſmaltando aquella alma, para ſe conſtituir digno de todos os Thronos do mundo. Feliz tres, e muitas vezes feliz Portugal, que tanto bem poſſues, o bom Deos no-lo conſerve: Mas eu vou levando além do juſto o meu diſcurſo! E naõ he razaõ, que prive a taõ illuſtre aſſemblea do goſto de vos ouvir, ſoltai as voſſas vozes. Com a melodia do voſſo canto attrahi, á maneira do Muſico de Tracia, huns corações, que inflammando-ſe pela gloria da ſua Patria, nada mais querem que perpetuar na poſteridade o reinado de huma Soberana, que he as noſſas delicias, como Tito as delicias dos Romanos.

Diſſe.

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

NO

NO FAUSTISSIMO DIA DOS ANNOS
DA
AUGUSTISSIMA RAINHA
NOSSA SENHORA
A SENHORA
D. MARIA I.

SILVA.

A Jove o coraçaõ, a Marte o peito,
Para outro melhor fim, mais alto effeito,
Quem fora taõ feliz, que o arrancára?
Dos raios o poder, a força rara
Da temivel vifeira, com que aterra
Na apetecida paz, fanguinea guerra
O Altipotente pai, bravo Mavorte
Punindo, debellando, e dando a morte
Quizera: naõ a apocrifos gigantes
Vencendo, mas proftrando os mais poffantes
Verdadeiros Antéos, cuja grandeza
Se eftende pelos fins da redondeza.

Dos ambitos do mundo mais remotos,
Por climas, e por mares inda ignotos,
Vencendo com vallor forças ingentes
De indomitas nações, barbaras gentes,
Cativos, e riquezas eu traria,
E tudo a voſſos pés no fauſto dia
Do voſſo Natalicio protentoſo
Em dia para nós o mais ditoſo!
Neſte dia feliz, que aos Luſitanos
Brilhante faraõ ſempre os voſſos annos,
Offerecêra humilhado, e reverente
Rainha maior, mais excellente,
Com hum acatamento o mais profundo
Quanto da terra, e mar mais préza o mundo.

Mas que hade, ó Rainha inextimavel
Delicias de hum Imperio a quem affavel,
Beneficio o bom Deos, por juſto abono
Do ſeu ſexo, elevou de Luſo ao Throno,
Para nelle oſtentar ſem paralello
Dos Reinantes hum raro, alto modello.

Que hade a hum objecto, que he taõ alto
De inſtrucçaõ, de vallor, de tudo falto,
Offerecer-vos, Senhora, hum pobre moço!
Pouco tenho de meu, mas quanto poſſo,
Que he o meu coraçaõ, a minha vida
De puras intenções enrequecida,

Hu-

Huma vida á Igreja dedicada,
Quem duvída por vós ſeja eſtimada
Por vós, e com razaõ, pois ſois Senhora
Da Apoſtolica Igreja defenſora?

Eſſe nobre attributo da piedade,
De meus dons diſculpando a pouquidade
Voſſa Religiaõ, mais predicados
Todos ſantos, e em vós todos achados;
Eſſe recto equilibrio na juſtiça,
Pois a cauſa he de Deos, com ella omiſſa
Bem creio naõ ſerá: benignamente
A pia vocaçaõ, o zello ardente
Que me inflamma amparai, com maõ piedoſa
Protegei meu deſignio, generoſa
Adoravel Rainha, excelſa, e pia
O' como entaõ ſereis a melodia
Com que ſirvo talvez em tempos noſſos
Com minhas orações aos annos voſſos.

Mas em quanto a maõ do Omnipotente
Naõ deſpença comigo a regia enchente
De graças a que aſpiro taõ ancioſo;
O meſmo Grande Deos todo Poderoſo
Voſſos annos Senhora felicite,
De tudo o que ſaõ bens nada limite,
Que naõ chegue a fazer-vos venturoſa
Rainha nas acções prodigioſa,

Para gloria immortal dos Luſitanos
Eternize o Senhor, os voſſos annos;
Servindo a toda a Europa, neſte Imperio
Como luz vinda lá deſſe Emisferio,
Como luz n'outro tempo entre os arnezes
Promettida por Deos aos Portuguezes.

Eſcrevia

Joaquim Ignatio Tallaia Collaço de Caſtello Branco.

Aos

Aos Annos da Fideliſſima Rainha Noſſa Senhora, fallando comigo meſmo neſtes dois

SONETOS.

TEmos outra, que tal! Eu benzer-me-hia!
Quem me mette em camiſa d'onze varas!
Ah meu rico Doutor, quanto eſtimáras
Eſconder-te n'hum canto á luz do dia!

Preſumpçaõ, como a tua, merecia..!
Naõ o quero dizer em vozes claras
Aſpirares a louvar acções taõ raras
Deſſa Auguſta, e Magnanima MARIA?

Quereres nos ſeus annos dar penada
Como os mais Oradores de alto engenho,
Se em ti naõ he loucura, he ... naõ he nada:

Oh deixa o Faetontico deſenho:
Que aproximar-te á eſfera ſublimada,
He com azas de cêra hir ó deſpenho.

SONETO.

AO Sol he ſimilhante a noſſa Auguſta
Elle, em diario giro, a redondeza
Do vaſto mundo corre, e com preſteza
A todos alimenta com maõ juſta.

Quatro partes do mundo Ella robuſta
Domina com brandura, e ſem dureza:
Que a Real Mageſtade mais ſe preza
Do poder, que ſuave naõ aſſuſta.

Elle, lá do ſeu carro, vivifica
A toda a creatura, e em intervallos
Dos homens em favor todo ſe applica:

Ella, cá do ſeu Throno, a conçolallos
Se dirige, e de ſorte os benefica,
Que filhos antes ſaõ, do que Vaſſallos.

A's melhoras da moleſtia da Fideliſſima Rainha Noſſa Senhora, fallando com o Sapientiſſimo congreſſo neſtas duas

OITAVAS.

TRra gli Dei ſi gareggia con fortezza,
Chi di loro a guarir quagiu verrano
Quella, chi fa la noſtra contentezza,
Quella per cui in noi creſce l' affanno:
Ma Mercurio, chi vede la contezza
Nel Cielo, il Nectar rubba, e piano piano
Scende Apollo, Æſculapio, e Boherave,
Ripiglia la Regina il Ben ſoave.

Doppo co' tal merce, im mantinente
Il Popolo ſmarrito ſi conſola;
Queſto al vero Iddio Omnipotente,
Quello grato ai ſuoi ſanti or or convola,
Grave dando col cor ben penitente
Per guarirci la Bell' d' Iddio Figluola.
Fu il gaudio ſi forte, il Ben co' tanto,
Ch' ognun' prendi il piacer, raſciuga il pianto.

Ao assumpto que propõe a Augustissima Rainha Nossa Senhora, adornada de todas as moraes virtudes, exercitando em summo grão o da Piedade, sem faltar á justiça.

SONETO.

SE pergunto aos Juristas, qual a empreza;
Qual da Justiça seja o Instituto?
Que he obrar, lhe daõ por attributo,
Com constancia inflexivel, e inteireza.

Qual seja da piedade a natureza,
O empenho, o timbre, o santo fruto?
O Theologo nos diz, que he o producto
Da suave virtude, sem aspereza.

He logo fortemente incompativel
A piedade, e o rigor, que de ordinario
Tem discordia entre si quasi indivisivel:

Mas oh Moral d' Augusta em gráo primario
Que o que a todos os mais he impossivel
A concordia o reduz, sendo contrario!

O Bacharel Antonio Moreira Pegas.

Outro officio

ORA.

ORAÇAÕ

ÀOS FELICISSIMOS ANNOS

DA

AUGUSTA RAINHA

D. MARIA FRANCISCA

NOSSA SENHORA,

EM 17 DE DEZEMBRO DO PRESENTE ANNO.

HE grande gloria para hum Vaſſallo ſer admittido a elogiar a ſua Soberana. A faculdade que para iſſo me concede a noſſa Academia, eu a reputo pela maior honra, pela maior fortuna.

A natureza a todos nos inſpira hum particular reſpeito pelo Poder Supremo: mas, quando eſte Supremo Poder concorre com os doces attractivos do bello ſexo, entaõ o reſpeito ſe troca em amor, ou para melhor dizer, entaõ he o amor inſeparavel do reſpeito.

Tudo nos reprezenta neſte Feliciſſimo dia dos ſeus Annos a Noſſa Auguſta Rainha D. MARIA FRANCISCA. Ella por eſpecial Mercê do Grande Deos, em cuja maõ eſtaõ os corações dos Reis, foi a primeira das Senhoras, que empunhou o Sceptro Portuguez. Ella a primeira, a quem depois de ſeiscentos, e ſin-

coenta annos, conſtituio a inexcrutavel Providencia do Altiſſimo Arbitra Suprema, e Senhora Abſoluta de dois milhões de vidas. Ella a eſcolhida do Senhor, para ſer Herdeira de hum Reino, que deſde os fins da Europa até os fins da Aſia, eſtende os ſeus Dominios a quatro mil legoas.

Ella he finalmente, a que á formoſura do ſeu parecer ajunta huma graça, que he ſobre a meſma formoſura: aquella graça, que propriamente ſe chama *decoro*, e que em todo o rigor he a que conſtitue a verdadeira, e ſolida amabilidade. Os que olhaõ para ella, a hum meſmo tempo a reſpeitaõ, e amaõ: reſpeitaõ-na como Soberana que tudo póde na terra; amaõ na, como huma Mãi cheia de carinho.

Mas a graça dos roſtos humanos, diz o Eſpirito Santo, a graça dos roſtos humanos he enganoſa; a formoſura dos roſtos humanos he vã: e ſó a mulher temente a Deos, he a que merece ſer louvada. *Fallax gratia, & vana eſt pulchritudo: mulier timens Dominum, ipſa laudabitur*: E que Princeza ha hoje no mundo, que ſeja mais temente a Deos, do que a Noſſa Santa Rainha? Eſte he o ſeu caracter: temer a Deos em tudo o que determina fazer, para que tudo o que faz, ſeja do agrado de Deos.

Oh grande Rainha, tanto mais para temer dos Vaſſallos, quanto mais temente dos juizos de Deos. Louvem outros a voſſa Mageſtade, a voſſa Pudencia, a voſſa Diſcriçaõ, o voſſo Agrado, o voſſo Modo.

Eu

Eu ſó louvarei o voſſo temor de Deos , que ſegundo as Divinas Letras he o principio da ſabedoria , e a fonte do amor do meſmo Deos. Huma Soberana , que tanto teme a Deos , naõ tem nada que temer no mundo , antes todo o mundo a deve temer. Naõ diſſe bem : antes todo o mundo a deve amar , e amando-a reſpeitalla, veneralla, e attendella.

Antonio Pereira de Figueiredo.

AOS

AOS FELICISSIMOS ANNOS
DA FIDELISSIMA RAINHA
NOSSA SENHORA
A SENHORA

D. MARIA I.

ROMANCE JOCO-SERIO.

EU, cantar os voſſos Annos
Queria, Auguſta Senhora;
Porém que póde cantar
Quem tem huma voz taõ rouca.

Como póde ſer poſſivel
Que taes Annos cantar poſſa,
Quem como Vós taõ diſcreta
Tem huma Muſa taõ tonta?

Vós bella, Vós engraçada,
Clara Eſtrella, e linda roſa;

Eu

Eu hum mono, eu hum basbaque
Sem dizer coiſa com coiſa.

Do voſſo alto Naſcimento
Hoje o dia ſe recorda:
Naõ he novo; porque naſce
Todos os dias a Aurora.

Ou Vós naſceſtes de dia,
Ou de noite? E he coiſa propria:
De dia? Sois qual he Phebo;
De noite? Sois qual Latona.

Qualquer noite a mais ſerena
Naſce a Eſtrella mais formoſa;
Que n'huma noite de eſcuro
Só naſceo minha avó torta.

Em todos os dias naſce
No jardim a flor mimoſa:
E ſendo Vós flor, que muito
Que tenhais a meſma gloria?

Todos os dias o orvalho
Cahe na manhã ſobre a conxa,
Onde a perola eſtimavel
Se concebe, cria, e fórma.

Quem,

Quem, como Vós, exercita
Virtudes as mais heroicas,
Naõ naſce á noite, ou de dia,
Mas renaſce a toda a hora.

Contai, pois, Senhora Auguſta,
De dias huma tal conta
Que perdido o algariſmo
Nos traga a cabeça á roda.

Inda que vivais mil Annos,
Se forem mais naõ importa:
Vive ha dez mil meu Avô
E ainda joga a bolla.

A pezar do tempo aduſto
Que tudo muda, e transforma
Vivei ſempre linda, e bella
Ao tempo fazendo affronta.

A's voſſas plantas, proſtrada
Do mundo a fabrica toda,
Humilde ſe veja a Aſia,
Africa, America, e Europa.

E eu, em Vós embasbacado
Baixo o queixo, e aberta a boca,

Mais do que papa caſtanhas
Serei voſſo papa moſcas.

DECIMA.

SEnhora, como Deidade
Voſſos Annos, quanto a mim;
Naõ tem principio, nem fim,
Com jus á immortalidade.
Com tudo, ſe a voſſa idade
He como a das creaturas,
Entre goſtos, e venturas,
Permittaõ fados humanos
Que vivais vós tantos Annos
Como o mundo tem figuras.

Cantou.

Joaquim Ignacio Tallaia Collaço de Caſtello Branco.

Man-

Mandando Sua Mageſtade Fideliſſima a Noſſa Auguſta, e Soberana Rainha, e Senhora com Religioſa piedade fabricar hum Novo Templo dedicado á Seraſica Doutora, e Matriarcha do Carmello Reformado Santa Thereza de JESUS.

SONETO.

FEliz Rainha Auguſta imitadora
De outras Rainhas Santas: eſta empreza
De erigir novos Templos a Thereza,
Do Carmello vos faz Propagadora:

A Santa Madre Eſpoſa Zeladora
Foi da honra de Deos com inteireza
Vós que aſſim a imitais com tal grandeza
Sois de outro premio igual merecedora:

Já voſſo coraçaõ transverberado
Com as ſetas de Amor Divino ardente
Novo Templo nos moſtra fabricado

Será no fim da vida felizmente
Como candida pomba tresladado
Voſſo Eſpirito á Gloria permanente.

AMEN. AMEN.

TAnto Divini amoris incendio cor Thereſiæ conflagravit, ut merito viderit Angelum ignito jaculo ſibi præcordia tranſverberantem, & audierit Chriſtum data dextera dicentem: Deinceps ut vera Sponſa meum zelabis honorem.

Hæc eſt dies, qua candidæ
Inſtar Columbæ, Cælitum
At Sacra Templa Spiritus
Se transtulit Thereſiæ.

De D. Manoel Evangeliſta Maſcarenhas.

A' Rainha Noſſa Senhora fundando ao Santiſſimo Coraçaõ de JESUS hum Convento de Carmelitas junto á Eſtrella.

SONETO.

SE dos Magos foi guia Eſtrella bella,
Pr' adorarem JESUS n' humanidade,
Coloc' agora Voſſa Mageſtade
O Coraçaõ de JESUS junt' á Eſtrella.

A Mirr' Oriental pra' offrecella,
Sim tereis, e d'our' a quantidade;
Mas d'Eſther lh' offertais a humildade,
Prenda p'ra JESUS melhor que aquella.

Eſcolheſteis a Ordem Carmellita
P'ra nova fundaçaõ, que já luzia
Com Elias Protector na Lei Eſcrita.

Que pr' o Ceo compenſar obra taõ pia,
E qu' o Sceptro logreis elle permitta,
Diſcret' Abigail, fecunda Lia.

Ao meſmo mais que digno aſſumpto.

SONETO.

O Regio Salomaõ, ſabio, e prudente
P'ra governar Judéa em paz ſegura
Hum Templo de belliſſima ſtructura,
Fabric' ó Grande Deos Omnipotente.

Para Liſia reger ditoſamente,
Qual outro Salomaõ na mór doçura;
Dedica noſſ' Auguſta, com fé pura,
De JESUS ao Coraçaõ, caſa excellente.

Eſt' acçaõ a dizer hoje m' incita;
Pois Maria com Deos tanto ſ'enlaça,
Qu' o Ceo em recompença a felicita

Seu Nom' o meſmo Deos eterno faça,
Quant' excede ao Heroe da Lei Eſcrita,
A Rainha Maior da Lei da Graça!

Ao meſmo aſſumpto, enterrando a Real Maõ a primeira pedra do Convento com toda a ſorte de metaes.

SONETO.

ESta pedra, Senhora, qu' enterraſte,
Com impulſo Real, com maõ piedoſa,
He Padraõ de virtud' acçaõ zeloſa,
Ond' a tua devoçaõ eternizaſte

Mas ſe teu Regio Nom' acreditaſte;
No toque deſſa Pedra precioſa,
Igualment' oſtentaſte Mageſtoſa,
Nos metaes que com ella ſepultaſte

D'Evangelho terás liçaõ inteira;
Eſpera, pois de Deos que em tudo abunda,
Cento por hum, e a gloria verdadeira;

Conſervando tua fé ſempre profunda,
Os Buſtos reſpeitaveis de Primeira;
Os mais nobres Padrões de ſem Segunda.

Em tempo que era Juiz do Crime do Porto, e hoje Dezembargador.

Joſé Soares de Barboſa.

COM-

COMPRIMENTO
AOS FELICISSIMOS ANNOS
DA
FIDELISSIMA RAINHA
D. MARIA
NOSSA SENHORA.

POR JOSE' JOAQUIM MELITAÕ.

O Memoravel dia em que naſceo Voſſa Mageſtade, huma Grande Rainha, que honra o Sceptro, e o Throno Portuguez ; he dia muito feliz para todas as Nações do Univerſo. A voz do genero humano me parece ſe levanta hoje , para agradecer á Providencia hum taõ grande bem , e para obrigar os ſeculos vindouros a imitar os grandes exemplos, que já recebe o mundo. A virtude ſobre o Throno , na Reſpeitoſa, Amavel, e Auguſta Peſſoa de Voſſa Mageſtade, fórma o verdadeiro elogio deſte taõ famoſo, e celebrado dia; que ſerve de grande gloria a Portugal, á humanidade, e de eſmalte perfeito á meſma Coroa Real. Voſſa Ma-

 geſ-

geſtade conheee que naõ he a Grandeza , a Riqueza, o Poder , e a Mageſtade o que attrahe os coraçõeſ; o que deixa immortal o glorioſo nome de quem ſó depende o deſtino das Nações do Univerſo ; mas ſim o bem que recebem os Vaſſallos, e a felicidade que conſeguem os ſubditos. He a agradavel Virtude, a maternal Piedade , a bondade Heroica que caracteriſa huma Poderoſa Rainha, como he Voſſa Mageſtade , e que fará eſquecer os nomes famoſos das Heroinas coroadas, que illuſtráraõ o mundo.

He a utilidade pública que tem por fim as Reaes Ordens de Voſſa Mageſtade , e em todos os dias dá Voſſa Mageſtade teſtemunhos evidentes da ſua Real Clemencia, Piedade, Bondade, e Compaixaõ. Que ſabias determinações ſe naõ admiraõ emmanadas da alta Sabedoria de Voſſa Mageſtade! Tal he a felicidade de huma Benigna , e Generoſa Rainha ; dá hum ar de grandeza ás peſſoas, que tem a fortuna , e a diſtincta honra de ſe empregarem no ſeu Real ſerviço. O amor da juſtiça, ditou hum util deſengano, para que já os pertendentes naõ percaõ hum tempo , que podem empregar utilmente, quando naõ tem fundamento, o que requerem. Voſſa Mageſtade allivion dos tributos aquelles eſtabelecimentos , que ſervem de allivio á miſeria humana, e aonde a infeliz creatura acha ſoccorro. Voſſa Mageſtade conhecendo que as Manufacturas ſervem de utilidade, e fazem independente a Naçaõ ; deo ſabias Providencias a eſte reſpeito ; como tambem pelo que

per-

pertence ao Commercio; e eſtabeleceo Aulas públicas de Mathematica para a Marinha, Artilheria, e Engenharia.

Voſſa Mageſtade he Filha Amada de huma Soberana, que naſceo para felicitar Portugal, e Heſpanha; e cuja Real auſencia naõ faz mais que avivar a cruel dor, que cauſa a adorada Imagem que exiſte impreſſa no mais intimo dos noſſos corações; e que nem a diſtancia, nem o tempo póde diminuir a juſta, penetrante, e tormentoſa ſaudade, que com muita razaõ ſentem os Portuguezes. Voſſa Mageſtade tem a gloria de ſer Auguſta Eſpoſa de hum Monarca Superior pela ſua Real, e Exemplar Piedade, e Santa Religiaõ a toda a Suprema Grandeza; e que do meſmo modo que Voſſa Mageſtade eſtabelece o ſeu Regio Eſplendor em praticar todas as Virtudes Chriſtans, que ſervem de utilidade ao mundo; e de honra ao Heróe Chriſtaõ. Voſſa Mageſtade tem a fortuna de ſer Mãi de hum Principe Amavel, e Perfeito, digno de ter a grande honra de ſer Filho de Voſſa Mageſtade; Mãi de hum Infante, que em tenra idade dá a conhecer a ſua penetraçaõ, e comprehençaõ; de huma Infanta, que une em ſi as graças com a formoſura. Voſſa Mageſtade he Irmã de huma Princeza, que deve ſer a inveja, e admiraçaõ de todas as Cortes; como he a gloria de Portugal; e Irmã de huma Prodigioſa Infanta, dotada de hum ſublime Eſpirito verdadeiramente Real.

A Naçaõ Portugueza neſte pompoſo dia do Real

Naſcimento de Voſſa Mageſtade, taõ glorioſo para a Hiſtoria de Portugal, da Europa, e do Univerſo; em que a Virtude ſe vê Coroada, Reſpeitada, e Admirada, ſó deſeja que a Precioſiſſima Vida de Voſſa Mageſtade ſeja immortal.

PA-

PANEGYRICOS,

QUE A' MUITO ALTA,
E MUITO PODEROSA RAINHA
NOSSA SENHORA,
A SENHORA

D. MARIA I.

E A' SERENISSIMA SENHORA INFANTA

D. MARIANNA VICTORIA,

CONSAGRA

NO DIA FELICISSIMO DOS SEUS ANNOS

O CAPITAÕ JOAÕ DIAS TALLAIA SOTTO-MAIOR,

Bacharel formado pela Univerſidade de Coimbra nos Sagrados Canones, Academico da nova Academia dos Obſequioſos, eſtabelecida em ſua Caſa.

AO ILLUSTRISSIMO,
E EXCELLENTISSIMO SENHOR
DUQUE DE LAFÕES.

ILLUSTRISSIMO,
E EXCELLENTISSIMO SENHOR.

PARA que nós, reconhecendo os merecimentos de Vossa Excellencia, lhe consagremos juntamente com os nossos corações os nossos applausos, basta reflectir no

no-

nome immortal, que nas Nações mais illuminadas adquirio, naõ havendo quem ſe naõ empenhaſſe nos obſequios de hum Principe, que para ſer util á ſua patria, ſe ſacrificou naõ ſó aos trabalhos de aſperas, e longas peregrinações, como o ſabio Ulyſſes, mas no ardôr da guerra, affrontando com animo impavido os perigos, e a morte, dos louros, que cortou com a ſua triunfadora eſpada, teceo á coroa, que eternizará na poſteridade a ſua gloria. Eſta he a lingua, porque todos ſe explicaõ, quando ſallaõ do Duque Bragança, como chamavaõ a Voſſa Excellencia: eſta he a lingua da verdade.

E querendo eu, que os Panegyricos, que dirijo a Sua Mageſtade, tenhaõ hum valor correſpondente á materia, de que ſe organizaõ, naõ o podendo participar de quem os compoz, vai buſcallo nas mãos de Voſſa Excellencia, que honrando-me, como coſtuma, nenhuma difficuldade terá de os appreſentar ao Noſſo Auguſto Soberano, animando-os daquellas bellezas, com que Voſſa Excellencia orna, e enriquece os ſeus diſcurſos todos.

Eſta empreza eu a naõ tomaria, ſe naõ ſoubeſſe, qual he o modo de penſar de Voſſa Excellencia, que ſempre, que ſe trata de favorecer a alguem, nunca ſe poupa, deſejando cooperar para a felicidade de todos. Tanta he a humanidade de Voſſa Excellencia. Feliz patria, que tem a Voſſa Excellencia por Filho. Feliz Monarquia, que tem a Voſſa Excellencia por Vaſſallo.

Naõ

Naõ degenerando do tronco , de que he florente ramo, que esplendor naõ communicará ao Throno Erigantino? Throno dos seus grandes Avós.

Sou

De Vossa Excellencia

Hum dos mais sincéros admiradores , e dos mais reverentes criados

José Vallerio Tallaia Collaço de Castello Branco.

A' Mageſtade Fideliſſima da Rainha Noſſa Senhora.

IDYLLIO.

DOS altos horizontes
Naõ ſei que nova luz o Sol doirado
Eſpalha ſobre os montes,
Que tem mais reſplendor que o coſtumado:
Até a fontezinha
Mais vagaroſa para o mar caminha.

Filomella do ramo,
Já como d'antes, naõ ſuſpira e chora:
Variou de reclamo,
E em vez de ſe queixar, ſó canta agora:
Té nas margens do Téjo
Hir rebentando, novas flores vejo.

Do natural ſuſtento
Eſquecido o pacifico rebanho,
Moſtra hum contentamento
Novo, exquiſito, deſuſado, eſtranho:

Na praia, e nā eſpeſſura
Naõ ronca o mar, o boſque naõ murmura.

Os ſatiros Silvanos
Inimigos mortaes da ſociedade,
Que diſtingue os humanos
Que já fizeraõ pacto de amizade
Com elles bem parece,
Pois nenhum foge, antes apparece.

Driades, e Napéas
De mil flores coroando as alvas frontes,
Formando mil coréas
Em torno eſtaõ das cryſtallinas fontes:
Guiando as danças bellas,
Eſſe antigo Deos Pan no meio dellas.

As Ninfas, que ſe banhaõ
Por coſtume, no fundo de altos mares,
Lá de mergulho apanhaõ,
Para formar riquiſſimos collares,
Perolas reluzentes,
Que do collo gentil trazem pendentes.

Os Paſtores, cantando
Nos patrios arraiaes da ſua aldêa,
Eſtaõ deſafiando
Nadadores Delfins, que ſobre a arêa,

Ao ſom dos inſtrumentos,
Fazem mil nunca viſtos movimentos.

Co' as Aves rapinantes
Voaõ as manſas Aves ſobre o Téjo,
Naõ foi iſto aſſim dantes:
O Leaõ ao menino, abraçar veio,
Nem já vivem dos roubos
Do manſo gado, os carniceiros lobos.

Taes ſucceſſos naõ houve
No tempo antigo, que nos conta a hiſtoria
Entendo que quer Jove
Reformar o Univerſo, ou para gloria
De alguma divindade,
Formar a idade de ouro, em noſſa idade.

De tamanho ſucceſſo
Quem me póde informar vates divinos,
Se tanto vos mereço,
Explicai-me os myſterios peregrinos,
Dizei-me, donde naſce
Mudar a terra, a ſua antiga face.

Mas huns écos ſuaves
Já ferem meus ouvidos brandamente,
Naõ do canto das Aves,
Quando ſahe a manhã reſplendecente,

Mas

Mas de hum eterno brado
Só ao clarim da fama reſervado.

Ella me diz Rainha,
Virtuoſa Rainha, ſangue puro
Alta Senhora minha
Que na altiva Ulyſſea em vaõ procuro
Louvar com baixo canto,
Pois ainda Apollo naõ ſe atreve a tanto.

Diz-me que ſois objecto
De regias maravilhas: voſſos annos
Das attenções de Alecto
Merecedores ſaõ entre os humanos,
Pois do ſeu braço rude,
Triunfa o braço da immortal virtude.

O tempo vigoroſo
A fouce tem, a voſſos pés quebrada,
Pizando reſpeitoſo
Já do relogio a arêa derramada:
Parece em fim, Senhora,
Que deixa o tempo, de ſer tempo agora.

Para os voſſos louvores
He ſó, que o tempo velozmente gyra,
E nos annos voadores
Em voſſo obſequio tanto amor lhe inſpira,

Que

Que por vós vaõ paſſando,
Porém ſempre as virtudes reſpeitando.

Sim, ſe Vós nos faltares,
Quem ſervirá aos triſtes de columna!
Em que pios Altares
Soccorros pediráõ contra a fortuna!
Contra a fortuna ingrata,
Que eſſa Maõ tantas vezes desbarata.

Que ſeria de quantos
A medonha prizaõ, a negra fome
Entre continuos prantos
A liberdade, a vida lhe conſome
De todos, que ſeria!
Se em Vós perdeſſem protecçaõ taõ pia.

Naõ, miſeraveis gentes
Que o roſto vedes da mortal pobreza
Naõ andeis deſcontentes
Porque já reina a ſingular Princeza
Pelo Ceo reſervada
Da carreira dos annos reſpeitada.

No berço de Portugal
As virtudes herdou de altos Varões
Huma graça immortal
Lhe dirigio os paſſos, e as acções:

Goſ-

Goſtou na tenra idade
O puriſſimo leite da verdade.

Vede-a hombro, com hombro,
Igualar nas virtudes do Conſorte,
Aſſombro, com aſſombro,
E fiel, com fiel; forte, com forte;
Taõ iguaes eſtaõ ambos,
Que he cada hum delles, o retrato d'ambos.

Vinde cheios de affecto
Alegrai-vos, beijai-lhe a Maõ comigo,
Maria he o digno objecto
Das maravilhas, que eu taõ mal vos digo;
Gravai a ſua hiſtoria,
Melhor que em pedra branca, na memoria.

A geral alegria,
Que ſe vê nos mortaes, accompanhemos
O grande, o feliz dia,
Dia feliz, que eternizar devemos;
He dia taõ eſtranho,
Que o Sol naõ faz no anno, outro tamanho.

Hoje a culta Lisboa,
Hymnos, Odes, e Cantos lhe offerece,
E a mais gentil Coroa
Do Padre Téjo, a ſabia maõ lhe tece,

Dá-lhe vivas Portugal,
Reſponde a Heſpanha : ſim, viva immortal.

Vivei, Regia Heroina,
Para exemplo immortal da heroicidade,
Que o Ceo vos vaticina
A mais amavel, reſpeitoſa idade,
Finalmente, huma vida
A nenhum dos humanos concedida.

Cantou

Joaõ Dias Talaia Sotto-Maior.

CANÇAÕ.

COmo innunda de goſto
Meu fiel coraçaõ? eu vejo, eu vejo
Chamejar no meu roſto
A candida alegria? o meu deſejo
Já ſatisfeito eſtá, que feliz dia?
Amavel Pedro, inclita Maria.

Correi, póvos ditoſos
A maõ beijai dos grandes Soberanos:
Ante o Throno vaidoſos,
Adorando os reconditos arcanos
Do Énte Supremo, eternos vivas ſôem
Que a fluida regiaõ do ar atrôem.

Tornou a idade de ouro:
A fugitiva idade: o Imperio Luzo
Orna de novo louro
A mageſtoſa fronte. Ah que confuzo
Da frenetica inveja o orgulho geme!
Vime que o vento açoita, mais naõ treme.

Vós, famoſos Menezes,
Vós, Noronhas, Reſendes, Vós, Engenjas,
Luſtre dos Portuguezes!
Do Léthes entre as frigidas arêas;
Já involta naõ morre a voſſa gloria,
Tendes quem honre já voſſa memoria.

As Artes promovendo,
Os Reis que o Solio occupaõ por Deos dado,
A eſtatua vaõ erguendo,
Que deixará no mundo eternizado
De Pedro, e de Maria o grande Nome,
Com que do tempo o avido dente dome.

Da ſordida ignorancia,
O vergonhoſo jugo ſacudindo;
Com que juſta jactancia,
Do aureo Téjo ao prateado Indo
A ſua fama remontar faremos,
Que muito mais a taõ bons Reis devemos.

Tempos da tyrannia,
Triſtes tempos, que ainda recordados
Naõ, naõ ſei que maõ fria
Nos faz ficar de medo congelados
Lyſia naõ vos conhece, Lyſia goza
Da virtude entre os braços paz ditoza.

A' ſombra dos Reinantes
Que agora temos, como a noſſa Lyra
Inda em climas diſtantes,
Com o furor, que o intonſo Numen inſpira
Defuſados louvores eſpalhando
Mil coroas hiremos fabricando.

Mil coroas que enfeitem,
Da Real Prole a deſcendencia Auguſta,
Que por mais que ſe eſtreitem
Os limites da idade, nunca a injuſta
Inexoravel Libitîna poſſa
Diminuir-nos a ventura noſſa.

O D E.

DO Pegazo ligeiro,
Sobre as azas voando
Do intenſo Numen ao farpado outeiro,
Como os ares atroando,
As filhas da memoria
Lyzia coroaõ de incorrupta gloria.

Ao ſom da tuba de ouro,
Que ditas annuncia
O Deos, que enrama de virente louro
A ignea teſta? Oh dia
De todos deſejado,
Nos Portuguezes coraçõẽs gravado!

Nunca ſobre o oriente
Raiou luz mais ſerena:
O eſpaçoſo prado, o erguido monte
De que verdura amena,
Veſte a engraçada Flora!
Cobrem-nos outros Ceos, brilha outra Aurora.

Hum anno mais numéra
A PRIMEIRA MARIA:
Do noſſo goſto ſe dilata a eſféra:
Brilhante Monarquia,
Faz a tua ventura
Tanta virtude, tanta formoſura.

Da bella Filha a idade,
Que hoje tambem começa,
Novo eſplendor augmenta á Mageſtade:
Corre, corre de preſſa
Para a Mão lhe beijares,
A Mão, que doma a terra, e enfrêa os mares.

Mas de que fino goſto
Eu naõ vejo banhado,
Incomparavel Rei, teu ſanto roſto!
Ah como tranſportado
Do teu contentamento
Feſtejas hum, e outro naſcimento!

Ao Ceo piedoſo erguendo
As mãos, as graças rendes,
Do Ceo toda a alegria recebendo:
Aſſim a gloria eſtendes
Da tua juſta fama,
Que por eſtranhos climas ſe derrama.

Gozai, gozai ufanos
Hum bem, que he bem de todos:
Huns ſobre os outros caiaõ muitos annos,
Que por diverſos modos
Propaguem noſſa gloria,
Aſſumpto largo dando á Luſa Hiſtoria.

Vós, felices Conſortes,
Que em doce paz unidos,
Como fortes, gerando eſtais os fortes;
Frutos appetecidos
Colhereis novamente;
Que aſſim o eſpera a Luſitana gente.

De Netos rodeados,
Que a ſerie propagando
Dos Principes, que temos, os traslados
Voſſos ſejaõ; lavrando
Hireis eſtatuas bellas,
Que vos collocaráõ ſobre as Eſtrellas.

De que felicidade
Todos inundaremos
Com as copias de tanta Mageſtade!
Vivas eſpalharemos,
O' Inclita Maria,
Do teu Natal eternizando o dia.

SO-

SONETO.

NO forte eſcudo o Tempo recoſtado,
Depondo a fouce, hum grande livro abria,
Onde os Nomes de PEDRO, e de MARIA
Tinha com letras de ouro aſſignalado.

Pela Fama, que eſtá junto a ſeu lado,
Parabens manda á Luſa Monarquia:
E o Téjo, que ligeiro ao mar corria,
Para os ouvir melhor, ficou parado.

Aſſim dizia a Deoſa: *Hum fauſto agoiro*
Por mim te manda, quem reſiſte a tudo;
Porque te crôes, Portugal, de loiro.

Pois ambos temos com ſublime eſtudo,
Eu para te cantar, cem bocas de ouro,
Elle para cobrir-te, hum forte eſcudo.

C O N T E N T S

Nº I. Entre ciudad y Tarjeta recibida, ... 1

Depende á duro, Juan grande libro abre, ... 2

Dale en Somos de PUJARO y de MARIA 3

Dicha cual lleva de pura ridiculez, ... 4

Dale Pedro, ya ella pone a Dos Luis, ... 5

Pasaron mucho a Luis Mercedes: 6

Si a Luis, que Ingles no me rompa, ... 7

Para en cuyo mediar, Rosa grande. 8

Alla Rosa a Hoy, Flora Hagan agua 9

Por ella a verde, pues rojo a todos 10

Luego a cada, Antiguo, a Rio. 11

Del verde Luego con Medico Ojos, ... 12

Un pero a cuyo, con Luis Ojos de ave, ... 13

Alla pero a cuyo, con Luis Ojos 14

A' Sereniſſima Senhora Infanta D. Mariana Victoria.

O D E.

TEnra, e mimoſa Infante,
Que como flor mimoſa,
Na Eſféra azul, na Eſféra rutilante
Tens lugar preparado,
Para ſer com vantajem prodigioſa
Teu Nome entre as Eſtrellas collocado.

Ouve de hum fiel Vaſſallo
A voz, inda que rouca:
Mas, bella Infante, eu naõ ſou o que fallo,
A Deoſa Prégoeira,
A tuba de ouro, quando applica á boca,
Quer ſer nos teus louvores a primeira.

De bons Pais, boa Filha,
Que os ſeus exemplos ſegue,
Enlaçando com rara maravilha

A virtude, e a belleza,
Porque naõ haja quem ouſado o negue,
Com os dons da graça, os dons da natureza.

Como no teu ſemblante
Reverbera hum ar nobre,
Que a Purpura faz ainda mais brilhante!
Se hum véo tranſparente,
Que de eſperanças hum theſouro cobre,
Que ditoſa fará a Luſa Gente.

A diſcriçaõ ſuave,
A modeſtia, a innocencia,
Que o Real Sangue eſmaltaõ, de que grave
Aſſumpto faraõ digna
Das tuas perfeiçõeſ a grande eſſencia,
Seu licor eſgotando a Caballina!

Ah! E como admirado
Ouvirá o mundo inteiro
Da tua Fama o ſonoroſo brado!
Minho, Mondego, e Téjo
Suſpendêraõ o curſo liſongeiro,
Colhendo os frutos, do que ao longe eu vejo.

SENHORA.

QUando Voſſa Mageſtade conta hum anno mais da noſſa ventura, que da ſua vida, perſuado-me eu, que naõ haverá Portuguez, que exultando de contentamento, naõ dê no ſeu roſto igualmente que nas ſuas palavras ſincéras, e repetidas provas da ſua alegria. Naſceo Voſſa Mageſtade para felicitar huma Monarquia, que eſtendendo-ſe pelas quatro partes do conhecido mundo, reconhece, que tem huma Soberana, que com as virtudes, de que eſmalta o Sceptro, que empunha, unicamente cuida no adiantamento dos noſſos intereſſes, naõ perdoando nem a deſpezas, nem a trabalhos para conſeguirmos com a independencia das eſtranhas Nações o placido repouſo, de que gozamos.

Com tudo, ainda que eu me naõ deixe penetrar do ſubtil fumo da vaidade, com que deſvanecimento naõ entro na empreza de ſer o primeiro, que alçando a minha voz tómo por objecto dos meus taes quaes eſtudos, tecer o panegyrico de Voſſa Mageſtade. He eſte hum mar, que naõ tem limites, que o comprehendaõ: mas huma, ou outra acçaõ, que eu toque.

da-

daquellas, com que Voſſa Mageſtade immortaliza a fama do ſeu Reinado, que eſpaçoſo theatro me naõ abrirá para muitos louvores? Eu verei huma Soberana, que cheia da Religiaõ, que profeſſa, naõ conſente, que nem levemente ſe manchem os ſagrados Myſterios da noſſa Fé, confundindo o orgulho deſſes injuſtamente chamados Filoſofos, que ſem mais guia que a da ſua razaõ allucinada, querem deſenvolver arcanos, que ſaõ ſuperiores a toda a razaõ, dilacerando com maligno dente a túnica inconſutil, que pervalecerá ſempre ao poder dos abyſmos, ſegundo as promeſſas Santas.

Eu verei huma Soberana, que conhecendo a fraqueza da noſſa humanidade eſtá ſempre prompta para perdoar, ſem que a juſtiça clamando pelos ſeus inconteſtaveis direitos, haja de notar de exceſſiva a ſua clemencia, punindo, mas com moderaçaõ, para que a maldade naõ lavre, como contagio.

Eu verei a huma Soberana: que emula daqueilas Heroinas, que deixáraõ na Synagoga, e na Igreja eternizada a ſua memoria, ſabe fazer conter dentro da ſua devida eſféra, o Sacerdocio, e o Imperio, naõ negando a Deos, o que he de Deos, e conſervando a Ceſar, o que he de Ceſar: obediente á voz do Supremo Paſtor, ſempre que ella naõ offenda gravemente as Regalias da Corea que cinge.

Mas eu que faço? Vós, Portuguezes fiéis, que tendes a felicidade de correr o véo ao ſantuario das Muſas, que bebeis a largos ſorvos no Helicon, que ma-

te-

teria mais grata pôdeis ter para os voſſos Epinicios! As voſſas Lyras, quando poderáõ ſoltar com mais juſtiça as ſuas vozes, que cantando os aſſignalados feitos da PRIMEIRA MARIA; que herdando de ſeus Regios Progenitores com o Sangue as qualidades, naõ ha momento, que nos naõ dê novo aſſumpto para Poemas novos; levantando por cima das Eſtrellas a honra de hum Nome, que nos Faſtos da Luſitania ficará eſcrito com pedra branca, excitando a inveja, e a admiraçaõ de todos os que o ouvirem: Hum Nome, que communicando á ſua Regia Filha, he o mais efficaz eſtimulo, que póde ter, para ſe diſtinguir de todas aquellas Princezas, que daõ ao ſeu ſexo todo o luſtre, para o fazer mais reſpeitavel.

Ao menos eu, que vos conſidero cheios de zelo, e de amor á ſombra dos loiros, que vos haõ de guarnecer a ſábia fronte, naõ farei mais, que applicar-me, para que attrahido da harmonia dos voſſos Verſos, tenha o merecimento de engroſſar com os meus applauſos o ecco das voſſas producções, que ſoando em torno do Mageſtoſo ſolio, que occupa a noſſa Auguſta Soberana, ſejaõ as demonſtrações mais vivas do geral contentamento, que todos temos: ficando-me unicamente para ſatisfaçaõ dar eu o principio a huma Seſſaõ, que tem por objecto celebrar os Annos da digna Filha do PRIMEIRO JOSE'.

E Vós, Invicto PEDRO, que ſois o noſſo Protector, com que júbilo naõ participais das vantagens deſ-

te

te dia, unindo-vos com o fagrado vinculo de hum conforcio o mais feliz á mais feliz das Rainhas! A voſſa eſtatua tambem aqui ſe forja, merecendo aquelles Elogios, que traçados por mãos taõ habeis, diſputaõ ao Areopago o lugar, tendo-vos a Vós, e a toda a Real Familia por Patronos. Eſtes ſaõ aquelles monumentos, que o tempo naõ gaſta; porque os Sabios até ſobre os Aſtros governaõ.

Diſſe.

Mui-

Muito Altos, e muito Poderoſos Reis Fideliſſimos, e Senhores noſſos.

QUando eu ouſo levantar a voz ante o Throno, que Voſſas Mageſtades ornaõ com as virtudes, que exercitaõ, eu ſinto que o meu fiel coraçaõ reciprocamente enlaçando a vaſſallagem, e o amor, me communica hum novo brio para naõ temer a difficuldade da empreza, ainda que ardua, a que me arrojo. Huns Reis, que trilhando os caminhos da Juſtiça, e da Piedade, levaõ o ſeu Nome nas tranſparentes azas da fama ao templo dos Heróes, tecendo das acçóes brilhantes, que executaõ ſegundo Diadema, com que guarnecem a Mageſtoſa fronte; que animo naõ inflammaõ para conceber, e produzir idéas, que de algum modo dêm a conhecer os ſeus relevantes merecimentos! Simplesmente repetindo o que Voſſas Mageſtades fazem, que diſcurſos pompoſos ſe naõ formaõ, que tendo por baſe a formoſa, e ſólida verdade, docemente nos encantaõ! Que eſta foi ſempre a indole das grandes Obras: ainda ſem o apparato de expreſsóes, que as ennobreçaõ, inſenſivelmente attrahem a quem as ouve.

Pois ſem que me envolva em hum labyrintho taõ intrincado, para que me ſeriaõ neceſſarios outros talentos, que eu naõ tenho; correndo o véo, que cobre os myſterios de hum Gabinete taõ reſpeitavel pelos ſazonados frutos, que todos os dias colhemos, repouſando placidamente no candido regaço de huma paz imperturbavel, quem naõ admira a madura reflexaõ, com que Voſſas Mageſtades repartem os premios, e modéraõ os caſtigos, naõ confundindo humas virtudes com outras? Voſſas Mageſtades amaõ os ſeus Vaſſallos. A humanidade collocada ſobre o Solio, de que a Providencia os fizera arbitros, com o Imperio de Voſſas Mageſtades tem tambem o ſeu Imperio, conſeguindo mais o carinhoſo nome de Pais dos Portuguezes, que o refulgente titulo de noſſos Soberanos.

Eu me encho de conſolaçaõ. As Nações eſtranhas eſtendendo por Portugal mais que as ſuas admirações, com que reſpeito naõ contemplaõ o rapido progreſſo, com que Voſſas Mageſtades, vigiando ſobre os noſſos intereſſes, unem circunſtancias, que parece, que ſaõ inſaciaveis? Quem já mais vio a inteireza, e a affabilidade, a religiaõ, e a politica taõ intimamente germanadas. Sagrados templos, com que edificaçaõ naõ ſoaõ pelas voſſas abobedas os louvores de Deos, andando como apoſtados os animos pios nos obſequios naõ ſó publicos, mas particulares, que lhes conſagraõ? Quando mais refórma nos Clauſtros? Quando mais decencia nos Altares? As Mitras, as Dignidades naõ he

a paixaõ quem as confere : Diſtribue-as a juſtiça. Os mais beneméritos ſaõ os mais attendidos. Tribunaes ſeculares, de que Juizes vos naõ vemos condecorados? Se a balança de Aſtréa ſe conſerva perfeitamente equilibrada, dando-ſe a cada hum o que he ſeu, confórme as Leis da Juſtiça: de Voſſas Mageſtades nos dimana tudo. Tudo he ſazonado fruto dos exemplos, que Voſſas Mageſtades nos daõ.

Porém eu tenho cores mais vivas para o quadro, que agora traço. Auguſto Infante! Quem ha, que reflectindo nas maravilhoſas qualidades, que ornaõ o ſeu eſpirito, naõ confeſſa, que hum Filho tal baſta para eternizar na poſteridade os Nomes de huns Soberanos, que fazem toda a noſſa ventura? Acaſo podemos nós deixar de nos alegrarmos muito, quando vemos naõ ſó ſegura a noſſa Coroa, mas advertindo, que o ſeu Naſcimento he como a Aurora de hum dia para a Portugueza Naçaõ muito glorioſo? Se ama a Igreja, honrando os ſeus Miniſtros: ſe a Religiaõ, que profeſſamos, he a baſe de todos os projectos, que concebe: ſe deteſtando ſyſtemas, que a politica livre inſpira, e promove talvez com irreparavel prejuizo, ſe naõ da Fé, ao menos da Piedade Chriſtã, que foi ſempre a virtude caracteriſtica dos noſſos Principes, quem naõ dirá, que da ſabia educaçaõ, que Voſſas Mageſtades lhe deraõ, he que reſultaõ eſtas brilhantes producçõeſ?

Naõ he liſonja, naõ he artificio de Orador apaixonado: eu digo o que vejo: eu digo o que ouço a

todos. Quem mais liberal ? Sabe , que he neſta parte, que os Soberanos ſe aſſemelhaõ mais a Deos. Quem mais dá, mais grangêa o noſſo amor. Quem mais inclinado ás Artes , e ás Sciencias ? Os ſeculos da noſſa vantajem foi a dos Manoeis , dos Joões , que promovendo os eſtudos, leváraõ a noſſa memoria a hum gráo taõ ſublime , que ainda hoje parece, que á ſombra dos Teives , dos Caiados, e dos Rezendes mil outros eſtamos deſcançando. Quem faz os ſabios ſaõ os Reis : talvez com muito pouco : honrando-os.

Com que ardor naõ vemos a Sua Alteza applicado ao exercicio da tropa ? Rapidas Conquiſtas de Portugal , Vós pareceis fabula , mas he a quem naõ reflecte , quaes eraõ os noſſos Principes. Hum povo de Heróes era creado nas eſcolas de huns homens , que o Regio Sangue , que lhe pulſava nas veias , os incitava , para que na teſta dos noſſos exercitos levaſſem as noſſas Quinas a novos mundos , fazendo quaſi milagroſos deſcubrimentos , ſem temerem nem a braveza de deſconhecidos mares , nem a tyrannia de indomitas Nações.

Ora ſendo Voſſas Mageſtades o tronco de Ramo taõ florente , que graças lhes naõ devo render ? De que contentamento ſe naõ deve inflammar o meu coraçaõ , para que ante as ſuas reſpeitaveis , e ſagradas Peſſoas , inclinando a cabeça , e dobrando o joelho , eu lhes beije muitas vezes a Maõ ? Aquella Maõ , que me mantêm , e de que eſpero o meu eſtabelecimento. Eu

co-

conheço-me : tenho ſó huma vantajem que me favorece : amo a Voſſas Mageſtades mais que a minha vida : na minha fidelidade a ninguem cedo. Na preſença de Deos, rodeado de huma familia honrada, eſtas ſaõ ſempre as minhas preces.

Deos ! Juſto Deos ! Os Reis, que temos, ſaõ huma dádiva puramente Voſſa. Conſervai-os. Nós naõ queremos mais : os ſeus Auguſtos Filhos, toda a Brigantina Familia he o apoio das noſſas eſperanças. A ſua duraçaõ meça-ſe pelo ſeu mereeimento.

Diſſe

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

ODE

ODE

NO FAUSTISSIMO DIA

DOS ANNOS DA

AUGUSTA FIDELISSIMA MAGESTADE

DA

RAINHA NOSSA SENHORA

DONA MARIA,

COMPOSTA, E RECITADA PELO CAPITAÕ

JOAÕ DIAS TALLAIA

SOTTO-MAIOR,

Bacharel formado pela Univerſidade de Coimbra nos Sagrados Canones, Academico da nova Academia dos Obſequioſos, eſtabelecida em ſua Caſa.

O D E.

ROlaõ pela inflammada fantaſia
Idéas de Grandeza. Eu naõ applaudo
O Impavido Argonauta, que raſgando
Sobre vôadoras quilhas de Neptuno
As largas coſtas do argentado Ganges.
Corre a cortar nas margens
As Palmas, de que enrama
O bellicoſo elmo, quando o berço
Quer embalar do dia. Menos louvo
O affoito Capitaõ, que com o ſangue
Que das vêas eſpreme, eſmalta a Coroa,
Quando da cára patria pelas portas,
Ao lado da Fortuna, que o acompanha,
Entra victorioſo nas farpadas
Ameias, ondeando
Os ſoltos Eſtendartes, que arrancados
Das inimigas mãos, o carro enfeitaõ

Do cantado triunfo. Triſtes póvos,
Que de Marte temendo o acceſo roſto
Gemeis debaixo do commum flagello,
Graves damnos ſentindo, que naõ póde
O encarquilhado Velho, que dos annos
A veloz roda volve,
Reparar muitas vezes: Vós baſtais
Para offuſcar da imaginada Gloria
O brilhante eſplendor. A humanidade
Que invectivas naõ faz contra os inſultos
De hum ambicioſo braço, que as leis ſantas
Da Natureza québra; porque apague
A inſaciavel ſede, que o devora
De huma fama immortal. Virtude bella,
O meu incenſo ſó nos teus Altares
Queimar pertendo agora. Mas que Nome
Subir do coraçaõ aos labios vejo!
Eu o repito, eu quero conſolar-me.

Rainha incomparavel, que da Gloria
Trilhas a aſpera eſtrada. Naõ te cégaõ
Da Mageſtade os raios, com que banhas
Teu alto naſcimento:
Outros brazões tens tu de mais eſtima,
Com que da Bragantina Caſa o luſtre
Levas a eſtranhos climas; o teu Nome
Perpetuando nos ſeculos vindouros.
Com os bons dictames

Da

Da sã Filoſofia alimentada;
No regalo da candida verdade
A fronte reclinando;
He a juſtiça quem teus paſſos guia:
Eu naõ o digo; o público, engroſſando
Cada vez mais o brado, he quem o atteſta.
Todos nunca ſe enganaõ.
Quem do merecimento deſvalido
Ao pállido ſemblante as cores torna,
Torna a alegria! Tu naõ és de témpera,
Que aos rogos inſurdeças.
Conſta-te da indigencia, promptamente
O ſoccorro lhe preſtas:
Das acções que executas.
Solida Religiaõ, vós ſois a baſe?
Da compaixaõ ſeguindo os movimentos,
Matas a fome a huns, a outros cobres
A esfarrapada deſnudez, das garras
Da vil neceſſidade, monſtro infame,
As deſgraçadas victimas ſalvando,
Nuvem, que manda ſobre os ſeccos campos
Chuva opportuna, mais naõ fertiliza
As myrrhadas ſearas.

Ah! Se o Deos Fundador do Luſo Imperio
Os meus votos ouviſſe! Quanto a dita
Dos Vaſſallos que tens ſe dilatára!
Nós veriamos creſcer a tua vida,

Do Ceo como as Eſtrellas?
Do teu Conſorte na uniaõ precioſa,
Sobre o Throno que occupas, que venturas
Sobre nós chuveriaõ: Propagada
De teus Netos a ferie refulgente;
Para que entre os Heróes, que immortalizaõ
Da Liſia os faſtos, mais Heroes contemos,
Que da Primeira Auguſta eternizada
Deixem a gloria, que he a Eſtatua bella
Que a minha gratidaõ erigir póde
A PRIMEIRA MARIA,
Do ſeu Natal no memorando dia.

ORAÇAÕ.

SENHORA.

AO redor do Sólio, que V. MAGESTADE para honra do ſeu amavel ſexo dignamente occupa; ſegunda vez ouço levantar a voz, como deſaffogo innocente de alegria de que inunda o meu agradecido, e leal coraçaõ, no dia dos ſeus annos, que todos devemos conſiderar como a Epoca das noſſas felicidades. Hum amor ſincero, gerado no conhecimento das bellas virtudes que V. MAGESTADE exercita, he quem me guia a timida maõ. De outra ſorte os meus vôos ſeraõ de Icaro. Eu veria derretidas as minhas azas, dando com o meu naufragio hum documento á poſteridade, pa-

para que aprendeſſe da minha ruina a moderar o ſeu atrevimento.

Mas no turbilhaõ de luzes que V. MAGESTADE eſpalha, conſervando os ſeus placidamente deſcançados no regaço de huma paz ſólida, que animo ha, ou taõ ingrato, ou taõ timido, que naõ queira ſervir de orgaõ á formoſa verdade, tecendo-lhe aquelles louvores, que ſe naõ igualaõ ao incomprehenſivel merecimento de V. MAGESTADE, daõ huma idéa, ainda que incompleta da admiraçaõ, com que todos ouvimos contar as ſuas acções? Eu que naõ cedo a ninguem no zelo, com que me intereſſo pela gloria do Auguſto Nome de V. Mageſtade, poſto que reconheça a fraqueza de meus talentos, pertendo, unindo-me a huma Naçaõ de que V. MAGESTADE he a Arbitra independente, fazer manifeſta a minha gratidaõ no Panegyrico que lhe conſagro. Ainda que meu, tem huma fonte de que deriva hum valor muito grande: A Incomparavel Rainha que lhe ſerve de aſſumpto.

Pompoſos enfeites d'arte, com huma ſobria economia, eu vos regeito. Naõ he nas voſſas cores, ainda que finas, que o meu pincel ſe ha de enſopar agora para traçar o quadro da PRIMEIRA MARIA, que ao lado do ſeu bom Eſpoſo, com quem reparte os cuidados, e o Imperio, faz, que engroſſando o brado, leve a Fama a noticia do ſeu governo, que ſervirá de exemplo a todas as Monarquias, ás extremidades da terra, lavrando cada dia novas Eſtatuas, com

que

que immortalize nos ſeculos vindouros a ſua memoria. Hum ar ſimples, e modeſto, que eu dê aos meus diſcurſos, baſta, para que todos, preſtando-me huma benevola attenção, eſcutem com aſſombro, e com goſto, que a noſſa Soberana, trilhando a vereda, poſto que eſcabroſa, da Juſtiça, nada obra que naõ ſeja conforme á recta razaõ: Baſe incontraſtavel, ſobre que eſtriba os projectos, que concebe.

Pois quem naõ confeſſa que he por eſta cauſa, que recorrendo ſempre V. MAGESTADE a DEOS, he a ſua Santiſſima Vontade a regra, por que ſe deſeja dirigir, para que no vaſto pelago das difficuldades, que a cada paſſo ſe encontraõ, cumpra exactamente os ſeus deveres? Sagrados Altares, dizei-nos vós, com que eſpirito de humildade naõ vedes proſtrada ante as Imagens, de que ſois decente throno, aquella, que deſde as mantilhas, como caſta Pomba, eſtendeo ſempre o vôo do Libano ao Empyreo? V. MAGESTADE conhece que nada ſomos. Ramos de hum corrupto tronco de que frutos nos coroaremos, ſe ò orvalho celeſte nos naõ fertilizar. Os Principes comparados com o reſto dos homens, ſaõ como o ouro entre os metaes: tem mais valor; mas ſe por meio de huma perfeita quimica ſe reſolvem, ultimamente o que fica, he huma pouca de cinza, que o vento leva.

A quem naõ conſola a ſolicita fadiga, com que V. MAGESTADE promove a utilidade dos ſeus ſubditos, que ama com ternura de Mãi carinhoſa? Naõ

he

he com a ſeveridade do caſtigo, que V. MAGESTADE ſe quer fazer mais que reſpeitada, temida. O medo he hum affecto baixo, que nunca honra, nem a quem o excita, nem a quem o tem. Deixa para os tyrannos aquella maxima eſcrita com o ſangue de algum tigre, que os Politicos, infames ſequazes de Machiavello, adaptaraõ = *Aborreçaõ, com tanto que temaõ.* V. MAGESTADE pertende que unicamente ſeja o amor quem lhe ſegure na cabeça o Diadema. Com que agrado naõ falla a quem a buſca? Com que promptidaõ naõ acode a quem na ſua preſença ſolicita o preciſo ſoccorro das neceſſidades, que padece?

Mas que he o que eu vejo? De que conſolaçaõ ſe naõ penetraõ aquellas almas, que cevadas com o leite da sã doutrina do Chriſtianiſmo, obſervaõ hum acto de piedade, e de religiaõ, de que V. MAGESTADE nos quiz dar a conhecer toda a formoſura? Eu ſallo, Senhora, do acatamento, e do fervor, com que V. MAGESTADE indo ſeguida da ſua Corte, encontrando o SANTISSIMO SACRAMENTO, que hia por Viatico a hum doente, apea-ſe, naõ eſpera que lhe dem o braço os ſeus Cameriſtas, a pé, os olhos baixos, reverberando no ſeu ſemblante bello a pureza do ſeu eſpirito, acompanha-o á caſa do enfermo, e até que ſe recolha aquelle Paõ de Virgens, Paõ dos Anjos nos ſeus tabernaculos, naõ o deixa, encorporando com a voz do povo devoto a ſua voz nos hymnos, que lhe canta, para confundir, e ſoffocar o

or-

orgulho dos filhos de Belial, que negaõ, e contradizem a verdade de hum Myſterio, que he todo de amor, que he o maior de todos os milagres. Eſta acçaõ ainda tocada, ſem os adornos, de que podia enfeitalla hum genio mais fertil, que o meu, que louvor naõ grangea a V. MAGESTADE?

Porém como naõ ha de V. MAGESTADE ſer o exemplar, por que todos nos regulemos, ſe deſde que toma as redeas para governar o Imperio, que por todos os direitos lhe compete, he no regaço da candida verdade, que reclina a ſua Regia fronte? V. MAGESTADE conhece que a liſonja he o maior tyranno do mundo. O ſeu veneno, ainda que o prepare huma maõ déſtra, naõ o bebe. Deteſta todas aquellas maximas, que tem por baſe o amor proprio. Quer ſempre o mais juſto. A ſuave Lei do Crucificado, que V. MAGESTADE tem gravada na ſua innocente alma, he a fonte de que deriva todos os acertos do ſeu feliciſſimo governo.

Porque ſaõ as ſuas promoçõeſ as mais rectas? Se ha queixoſos, eſta he huma raça, de que nunca as Républicas ſe veraõ purgadas: he mais coſtume, que deſaſſogo. Com tudo V. MAGESTADE póde dizer ſeguramente, que quaſi toda a ſua Naçaõ vive naõ ſó ſocegada, mas ſatisfeita. Quando mais deſpachos de Miniſtros? Quando mais adiantamentos de Militares? Ha alguem, que tendo da ſua parte o merecimento, naõ conſiga, o que eſpera?

Logo que a PRIMEIRA MARIA começou a carreira do ſeu reinado, ninguem geme debaixo do aſpero jugo da perſeguiçaõ. Contra o longo uſo, de que ha enſanguentadas provas, nós podemos liſongear a noſſa idéa com a certeza de que vivemos já tendo naõ ſó huma Soberana a mais pia, e a mais virtuoſa; mas que, ou para o ſeu gabinete, ou para o ſeu regimen interior, elege huns homens de notoria probidade, de vaſtos conhecimentos, que ſabendo dar a cada hum o que he ſeu, conſervaõ hum perfeito equilibrio na repartiçaõ dos premios, e dos caſtigos: huns homens, que ſó deſejaõ acertar para fazer memoravel na terra o Auguſto Nome de V. MAGESTADE. Quanto, quanto te devemos, Amavel RAINHA!

Ora no dia que V. MAGESTADE conta mais hum anno, quem ha que em torno do Sólio que dignamente occupa, naõ queira dar do ſeu contentamento as mais ſinceras demonſtraçõe? Eſte he o dia da noſſa ventura. O dia grande he eſte: muito mais ſe reflectimos, que extincta a ſua ſaudade, temos com que dilatar mais a noſſa alegria, conſiderando a V. MAGESTADE plenamente conſolada com a companhia de huma Mãi, que o he tambem de todos os Portuguezes? As lagrimas de V. MAGESTADE enchugáraõ-ſe: os noſſos cuidados tiveraõ termo: com que goſto, unindo-me a toda a Familia Bargantina, ainda que com huma voz debil, eu naõ clamarei: Incomparavel Auguſta. Vivei contando a voſſa duraçaõ pelo voſſo me-

re-

recimento : na doce uniaõ do voſſo Conſorte charo, dos voſſos adorados Filhos de toda a Real poſteridade, vivei. Os noſſos votos todos ſe dirigem ao Ceo, para que nunca haja, quem nos perturbe a paz, e a dita, de que eſtamos poſſuidores. Nada mais appetecemos para ſermos feliees.

Diſſe.

A' MUITO ALTA, MUITO PODEROSA
AUGUSTISSIMA RAINHA NOSSA SENHORA

DONA MARIA,

NO FAUSTISSIMO DIA
DE SEUS ANNOS.

SYLVA.

COMPOSTA, E RECITADA
POR

JOSE VALLERIO TALLAIA
COLLAÇO DE CASTELLO BRANCO,
Alumno da Academia dos Obſequioſos, eſtabelecida em Caſa de ſeu Pai.

DE huns annos Reaes, ó Muſa,
Em fraſe culta ſim, mas naõ diffuſa,
Cantar, e cantar bem hoje queria:
Eu te invoco; hoje ſim, chara Talía,
Neſſe bipartido monte,
Lá deſſa perennal Parnazea Fonte;

Dos

Dos Zoilos para inveja, e para paſmo,
Me ſolta de hum feliz enthuziaſmo
Os nobres aqueductos ſoberanos:
A feſta já te eu diſſe que era de annos;
Mas que annos cuidas tu? Para os louvores
Saõ optimos, ſaõ bons, ſaõ os melhores:
Saõ annos portentoſos, ſaõ egregios,
Annos grandes, em fim, ſaõ annos Regios.
Real o influxo quero, ó Muſa minha,
Que a feſta que hoje canto, he de Rainha.

O' ditoſo, importante naſcimento
Da minha Excelſa Auguſta; eſſe Portento
De attributos reſpeitaveis;
De prendas ſempre bellas, ſempre amaveis;
Seus annos de ventura nunca exhauſtos,
Crédores dos mais ternos holocauſtos,
Cantar devo; e cumprindo o que prometto,
Seja em metro Real; vá de Soneto.

SONETO.

FAZ annos a Auguſtiſſima MARIA,
Compendio de virtudes ſoberanas;
Rainha a mais formoſa entre as humanas,
Mais ſabia das que Deos alenta, e cria:

E com benefica luz foi eſte dia
Preludio das venturas mais uſanas;
Taõ fauſto para as Gentes Luſitanas,
Como hoje reconhece a Monarquia.

Legitima Senhora verdadeira
De toda a Luſitania, lhe ſegura
De feliz exiſtencia a Gloria inteira;

Porque Affonſo por Lei, que em Cortes jura,
Ao Reino precavêo na Bella Herdeira,
De ſincopas fataes a efficaz cura.

SE-

SENHORES.

E Que pezado cargo he o que eu exercito? Eu conheço agora por experiencia vendo-me na triſte ſituaçaõ de vos dizer, que aquelle goſto de que vós vos preveniais para ouvir a hum Fidalgo igualmente diſtinto pelo ſeu naſcimento que ſabio pela ſua applicaçaõ, ramo de hum tronco, que tem produzido ſazonados frutos, ou na Campanha, ou nas Academias, hum Filho do Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Marquez de Penalva, que honra a Patria com as ſuas virtudes, naõ menos, que com os ſeus talentos, como neſta Academia ſe tem ouvido, repita-ſe já o ſeu Nome, o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Marquez de Penalva Filho, tyranna indiſpoſiçaõ o inhabilita, para que na noſſa preſença ſegunda vez nos attrahiſſe a todos com a ſuave cópia da ſua eloquencia.

E hei de eu poder encher o lugar, que eſperava ſer occupado de hum Grande, e de hum Sabio taõ recommendavel no acanhado periodo de tempo, que ſe

O me

me concede, envolto em outras circunſtancias, que dizem reſpeito ao meu decente eſtabelecimento, cumprindo com as obrigações do lugar público, que actualmente eſtou exercitando? Sim, Senhores, ſe naõ deixo correr a minha penna pelo aſſumpto de que eſtava incumbido o noſſo inhabilitado Preſidente, eu tenho outro, que mais vos intereſſe, para deſempenho do qual baſtaõ os meus fracos hombros. As virtudes, a rara virtude de amar, amar aos ſeus Vaſſallos, caracteriſtica de todos os noſſos Principes, principalmente de huma virtuoſiſſima Soberana, que tem agora nas ſuas mãos a rédea do Governo. Baſta que eu repita ſimplezmente o que nós todos vemos para que Vós inflammados no zelo de bons Patricios, naõ ſó me deſculpeis, mas ainda prodigaliſando-me os voſſos louvores me animeis para a empreza, a que ſem talvez conſultar as minhas forças denodadamente me arrojo: eu começo.

Que os noſſos Principes amem extremoſamente os ſeus Vaſſallos naõ ſaõ neceſſarios longos diſcurſos, vós o vedes. Que ſignificaõ todas as ſabias providencias, com que do Throno eſtaõ ſempre fazendo dimanar as graças, que nos liberalizaõ? Que ſignificaõ tantos movimentos de piedade, com que a cada momento nos eſtaõ fazendo conhecer a Regia compaixaõ dos ſeus animos. Vós o teſtemunhaſtes ha poucos dias na Igreja da Senhora Santa Luzia a maternal caridade, uſada com aquelles infelices livrados das garras da pena ulti-

ma

ma a que os conduziaõ orador da ſua fortuna. Que ſignifica aquella carinhoſa affabilidade, com que ouvem a todos deferindo-lhes no que a juſtiça ſofre, como ancioſamente pedem.

Ah Senhores, perguntai áquelle Rei de Heſpanha, por que os noſſos Exercitos ſe faziaõ ſempre reſpeitaveis das ſuas tropas? Os meus, dizia, pelejaõ como Vaſſallos: os Portuguezes como filhos.

Naõ tivemos nós ſempre por timbre levarmos diante dos noſſos olhos o amor, quê os noſſos Soberanos nos tinhaõ, para que inflammados nas chammas, que o meſmo amor atêa, naõ perdoaſſemos, nem ao ſocego, nem ao ſangue, para lhes dilatarmos a gloria! Todos os noſſos esforços ſaõ como humas dividas, que pagamos aos Soberanos, que amando-nos ternamente, unicamente cuidaõ em promover, já com o ſeu exemplo, já com as ſuas acções a noſſa utilidade, iſto he o que hoje Portugal na ſanta, e doirada paz poſſue, no ſabio, e illuminado Governo da PRIMEIRA MARIA, taõ amavel pelas ſuas exemplariſſimas virtudes, quanto pelo amor, e deſvélo com que nos conſerva no doirado deſcanço de huma paz imperturbavel.

Perſuado-me que na rapidez do tempo que ſe me permettio de pouco mais de huma hora, tenho dado idéa do aſſumpto, que ſe encarregava ao ſabio Preſidente, que deixámos de ouvir. Aſſim como admirareis ao muito Reverendiſſimo Padre Meſtre na oraçaõ, que havia feito para a antecedente Academia, a ſua litera-

tura tem admirado a quem como eu tem tido a dita de o ouvir nos actos, a que tem assistido como consummado Mestre: agora cedendo aos movimentos da minha justa paixaõ, premitti-me, que vos entretenha, em quanto naõ ouvis mais sonoros Cysnes, com os louvores de huma Rainha, e mais Familia Real, a quem eu devo a honra, a vida, e a quem devo tudo:

Ouvi-me.

SO-

SONETO.

NAs freſcas agoas da Caſtalia Fonte
Naõ banhar me naõ quero, o vôo eſtendo,
No arduo caminho, que trilhar pertendo,
Da formoſa Siaõ ao ſanto monte:

Aquella, que de Eſtrellas cinge a fronte,
He a quem votos humilhado rendo,
Porque da minha parte a Virgem tendo,
Subirei mais, que ſobre alado Ethonte:

Bem que preciſa forças ſuperiores
O aſſumpto, a que a lialdade o animo arraſta,
Aſſumpto digno de immortaes louvores,

Nada da empreza que tomei me afaſta;
Que para diſſipar os meus temores
Ampara-me MARIA, iſto me baſta.

NO

NO FAUSTISSIMO DIA
DOS GLORIOSOS, E REAES ANNOS
DA
AUGUSTISSIMA RAINHA
NOSSA SENHORA,
FAZ SEU REVERENTE, E FIEL VASSALLO
O CAPITAÕ JOAÕ DIAS TALLAIA
A SEGUINTE

FALLA.

QUem poderá metter a maõ na Urna dos ſegredos de Deos ! O denſo véo que os cobre quem poderá corrello ! Com que goſto naõ vimos nós (amados Socios) collocada a Imagem da Senhora da Victoria pela primeira vez. Nos noſſos roſtos reverberava a noſſa alegria. Lagrimas de conſolaçaõ vertiaõ os noſſos olhos. Razões ſolidas nos obrigavaõ a crer, que naõ haveriaõ forças que daquelle lugar a arrancaſſem. O reſpeito devido á ſanta Imagem. A Protecçaõ do Noſſo Auguſto

So-

Soberano, a quem Deos ha tempos chamou para a ſua ſanta Gloria, e o amparo de huma exemplariſſima, e Pia Soberana, a Auguſtiſſima Senhora D. MARIA I., e a condeſcendencia, e approvaçaõ de toda a Real Familia, eis-aqui as noſſas eſperanças.

Todavia ſuccedeo-nos pelo contrario: tem hoje a Virgem outra habitaçaõ: e além de eu naõ a deixar em quanto viver, quem naõ adora a Providencia, com que Deos deſtinou que appareceſſe huma generoſa mão, que facilitando-me a minha accommodaçaõ, podeſſe eu trasladar aquelle theſouro para defronte do Templo, que ſe erige á memoria do ſeu Nome: Templo, em que talvez a Santa Imagem queira ter depois da minha morte a ſua perpétua reſidencia.

E naõ he eſte hum myſterio, que nos deve inflammar a todos? A noſſa gratidaõ de miſtura com a noſſa dependencia naõ he agora que nos deve remontar ſobre nós meſmos, para deſaffogarmos nos noſſos Elogios o noſſo amor?

O' tres, quatro vezes Bemaventurada Virgem, que mais que a benefica Abigail vélas ſempre ſobre nós intercedendo ao Fruto precioſo de teu caſto ſeio pelo noſſo bem?

Eu mais que todos (amados Socios) com que ardor me naõ devo applicar pelo ſeu Culto, ſendo mais copioſas as graças, que como brando, e cryſtallino orvalho na madrugada ſerena derrama ſobre mim. Quem me conſerva, para que poſſa ſer o amparo de huma fa-

familia honrada ? Quem me anima para que bebendo a largos ſorvos as agoas, de que a Caſtalia abunda, cante nos Hymnos, que lhe conſagro a ſua gloria ? Quem contra a malevolencia de mens inimigos me esforça para que da tribulaçaõ ſaia purificado como o ouro da frágoa ?

Naõ ſois Vós, Santa Virgem, a Medianeira, por cujas mãos ſe nos liberalizaõ todos os bens, de que gozamos, como diz S. Bernardo ? Naõ ſois Vós a primeira, que para nos ſerenar o animo, eſtendeis do Throno, que occupais, o compaſſivo Braço, como affirma S. Bernardino de Sena ? Nas minhas dúvidas, nos meus perigos, por todo o curſo da minha vida naõ ſois Vós a minha unica advogada, como atteſta S. Fulgencio ?

Tu peccatorum, & auxilio diſtitutorum unica es Advocata.

A' minha unica Advogada ? Parece-vos aſpera a propoſiçaõ ? Quereriеis talvez, amados Socios, que eu a corrigiſſe ? Santo Arcebiſpo, eſplendor da Benedictina Congulla do Sepulcro, aonde em paz deſcançaõ as voſſas cinzas, levantai a cabeça para confirmares em minha defeza eſta verdade.

Ha coiſas, diz Santo Anſelmo, que mais facilmente nós as adquirimos invocando o Nome de Maria, que invocando o Nome de Jeſus. Naõ, porque ſeja mais poderoſo : longe de mim eſta blasfemia : mas porque Deos a quer honrar, de ſorte que ſaibaõ os homens, que tudo por Maria podem conſeguir. O Author naõ

ſó Orthodoxo, mas Santo. Eu repito as ſuas palavras. *Facilius adquiritur ſalus invocato Nomine MARIÆ, quam invocato Nomine JESUS : non quia potentior ſit , ſed quia Deus ſic eam decrevit honorare ut ſciant homines omnia per MARIAM poſſe obtinere.*

Oh Santa Virgem , embora conſpirem contra mim os meus inimigos : contra mim ſe arme a terra toda, como eu vos tenha da minha parte, eu nunca ceſſarei de vos louvar : a victoria eu ſempre a cantarei , levando o Nome da Minha Auguſta Soberana , de quem Vós ſois eſpecial Protectora até ás Eſtrellas : até as Eſtrellas , de que guarneceis o brilhante Diadema , que cingis : com muita particularidade a gloria daquella Rainha , que hoje nos governa, que he taõ ſabia, como Sabá , taõ bella como Raquel , taõ valoroſa como Judith , he naõ ſó a felicidade , mas as delicias de huma Naçaõ , que a adora , e que mais que a ſua vida deſeja eternizar a ſua fama nos ſeculos futuros.

Naõ menos pedirei a voſſa protecçaõ para elogiar a huma Princeza , ſobre cuja Mageſtoſa face entornaráõ as graças os ſeus encantos todos , affavel , generoſa , mais que tudo cheia de humanidade , ratifiquemos os noſſos votos á Virgem Mãi Santiſſima da Victoria , e ao Glorioſo Senhor Santo Antonio , para nos obterem a conſervaçaõ daquella Chriſtã conformidade , com que ſe reſigna na vontade do Altiſſimo no penetrante punhal de huma perda irreparavel do Noſſo Amabiliſſimo Principe que Deos haja.

Con-

Conſervai-nos o Auguſtiſſimo Principe, o Sereniſſimo Senhor D. JOAÕ, e a Sabia a Sereniſſima Princeza a Senhora D. CARLOTA JOAQUINA, igualmente huma Infante que faz conſiſtir na ſua ſciencia a ſua diſtinçaõ, curvada ſempre ſobre os livros, de que aprende aquellas maximas ſaudaveis, que ſaõ as regras, por que ſe dirige, naõ ſe contaminando como branco lyrio com os peſſimos dictames, de que certos chamados Filoſoſos empeſtaõ com a belleza de ſuas palavras a ſociedade.

E para que ſeja completo o meu goſto: para que em huma palavra diga tudo, cobrindo Vós, Santa Virgem, com o voſſo manto toda a noſſa Real Familia, com que prazer naõ verei eu reproduzidas as ſuas imagens, talvez verificando-ſe o que já em tempos remotos nos foi annunciado, ſendo Portugal, ditoſo Portugal com as novas allianças, que ſe celebráraõ abſoluto, e diſpotico Senhor do mais vaſto Imperio.

Naõ ſaõ enthuſiaſmos, Santa Virgem, que a paixaõ excita. Naõ ſaõ dilirios de huma ſantaſia eſcaldada. Saõ deſejos, que accende no meu coraçaõ honrado aquelle Deos, que concebido no voſſo caſtiſſimo ſeio velou, e véla ainda ſobre a geraçaõ attenuada, como fundador de hum Reino, que tem a JESUS por Author, a Vós por Protectora: verdades, de que o campo de Ourique, e Claraval ſaõ fiéis abonadores.

Agora permitta-ſe-me para remate do meu diſcurſo deſaffogar naõ comvoſco, Virgem Santa, mas com a mi-

nha Naçaõ. E haverá inda quem ſe atreva a dizer, que a cultura das letras he eſcuſada? Que a Oratoria, e a Poetica he inutil? Seculos da barbaridade, eſta era a voſſa lingoa. Entre nós naõ ſe ouça eſta raça vil. O Reinado da Primeira MARIA, e do Terceiro PEDRO, que Deos haja, affaga as Muſas, honra os Sabios, principalmente aquelles, que nos ſeus eſcritos tem por timbre exaltar a gloria da Virgem, e a honra de huma Soberana, que com as ſuas virtudes olha para as Artes, e para as Sciencias, como para huma fonte, de que mana o eſtabelecimento da ventura, do Eſtado, e da Igreja.

Neſtes termos naõ affrôxeis, amados Socios, vapores que ſe levantaõ da terra, nada fazem perder da ſua mageſtade o Sol, o Grande Duque, ramo do Bargantino Throno, como zombando deſtas invectivas, faz á teſta de hum corpo reſpeitavel, com que Vós ſem temeres a maledicencia de envenenadas lingoas leveis ávante os voſſos penſamentos. A gloria os inſpirou: a gloria he unicamente a voſſa Coroa. He o que vos baſta, para cantares com o Poeta.

Magnum iter aſcendo, ſed dat mihi gloria vires.

SO-

SONETO.

THrono por Deos ao ſanto Affonſo dado,
Que erguido ſobre as Luas Mahometanas,
A differentes mundos tens levado
A gloria das Bandeiras Luſitanas:

Emprezas concebendo mais que humanas,
O braço Portuguez da Fé guiado,
Para arraigar verdades ſoberanas,
Que prodigio naõ tem executado?

Agora mais que nunca preſumido
Da tua ſegurança te contemplo
Da Primeira MARIA poſſuido:

Seu Nome manda da memoria ao Templo
Nas almas mais que em Porfido eſculpido
Dos Pais imagem, da virtude exemplo.

Diſſe

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

A' SOBERANA MAI DE DEOS,
E
SENHORA DA VICTORIA,
NA SOLEMNIDADE DOS ANNOS
DE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA
A RAINHA NOSSA SENHORA,
D. MARIA I.

SE eu levanto minha voz, ainda que fraca, e desconhecida para invocar o Santo Nome de MARIA, Protectora, e Advogada nossa, se principío a entoar seus louvores no meio de taõ brilhante congresso, he para engrossar com este pequeno brado as bem concertadas vozes desta Illustre Academia, que desempenhando os deveres sagrados da gratidaõ, e reconhecimento, se desvela nos cultos da Mãi de Deos. Este foi sempre o assumpto dos Sabios, que no gremio da Santa Igreja nossa Mãi se uniraõ pelos vinculos das sociedades literarias para lustre das Naçoes, que honravaõ o credito de seus nomes; esta tambem he a primeira em-

pre-

preza da Sabia Academia , que liga noſſos animos pelos laços mais eſtreitos da Religiaõ , Piedade, e Literatura: ſeus votos ſe elevaõ ao Ceo, ſe dirigem a Maria Santiſſima , e á Senhora da Victoria confeſſa dever ſeus triunfos; ao aſtro Matutino dá graças, as luzes, com que illuſtra o orbe literario , continuai meus Senhores, faõ juſtos voſſos votos, ſaõ juſtos. No centro das luzes, na luz inacceſſivel , no eſplendor dos Santos, onde habita a Mãi do Altiſſimo. Naõ temais, naõ vos envergonheis, hide mendigar o fogo ſagrado, que ſantamente inflammando voſſa imaginaçaõ vos arrebatará para conceberdes idéas ſublimes , idéas divinas, dignas dos aſſumptos , que emprehendeis para honra, e gloria de Maria Santiſſima , da Naçaõ Portugueza, e dos elevados talentos , com que a natureza com liberal maõ vos dotou. Deos Omnipotente depoſitou nas mãos de ſua Santiſſima Mãi as chaves de ſeus theſouros : ſubaõ voſſos ſacrificios como incenſo odorifero até ſeu Throno , e ella derramará ſobre vós em benções copioſas as riquezas da graça, e ſabedoria. *Nihil nos Deus voluit habere, quod per manus Mariæ non tranſiret.* S. Ber.

Mas ſe todos os progreſſos deſta Illuſtre, e Sabia Sociedade , ſe o deſempenho das emprezas , as mais arduas, confeſſamos dever aos benignos influxos da Eſtrella Divina, que nos guia ; nós ſeriamos refponſaveis a Deos , e á patria , ſe naõ empregaſſemos eſſes dons nos elogios da Noſſa Auguſta, Pia, e Glorioſa Sobera-

na,

na, naõ ſó como tributo da noſſa vaſſallagem, mas como obſequio da noſſa gratidaõ.

Amavel Soberana, que ſentada no Throno, que eleváraõ voſſos Maiores ſobre as deſpedaçadas Luas Mahometanas, ſeguindo o eſforço, e valor do Santo Rei D. Affonſo Primeiro de Portugal, eſmaltais a Coroa, que cingis, com as mais heroicas virtudes, volvei voſſos affaveis olhos a eſta Academia eſtabelecida ao abrigo, e protecçaõ da Mãi de Deos, e da Voſſa; os votos, que lhe conſagramos ſaõ como hum hymno, que cantamos em torno de ſeus altares pelo augmento de voſſos dias, precioſos dias, de que pende toda a noſſa felicidade.

Sem macular minha lingua com palavras, que dicta huma vil liſonja, eu digo defaſſombradamente, que nada ha de Auguſto, nada de ſublime, que naõ ſe ache na ſua Real Peſſoa, e Religioſos coſtumes para ſer collocada a par das Heroinas Chriſtãns, que immortalizáraõ a gloria de ſeu ſexo, e fizeraõ admirar ſeus nomes nas idades futuras: emula das Conegundes, Iſabeis, e Chriſtinas, naõ retrata em ſi a bondade daquelle Supremo Senhor, de quem os Reis ſaõ imagens na terra? Por eſta bondade de coraçaõ he que os Iſraelitas queriaõ reconhecer o ſangue de ſeus Monarcas, os meſmos eſtranjeiros o publicavaõ. *Audivimus, quod Reges domus Iſrael clementes ſint.*

E naõ temos nós eſta vantajem ſobre os mais póvos do mundo, de que a piedade, e clemencia ſaõ

virtudes, como hereditarias á Caſa Auguſta de Bragança? Naõ julgueis, meus Senhores, que eu me deixo illudir pelo eſpirito de patriotiſmo, as meſmas Nações eſtranhas o confeſſaõ; os outros Soberanos ſaõ Reis, a noſſa Auguſta he Rainha, e juntamente Mãi de ſeus Vaſſallos: ſe he obrigada a caſtigar, com que violencia, e moderaçaõ manda cumprir ſuas Leis; mas ſe perdôa, e faz mercês, ou beneficios, que júbilo, que alegria reverbera na ſerenidade de ſeu roſto, taõ bello, e mageſtoſo, como ſua alma Real, e virtuoſa?

Saiaõ pois doces canticos de louvor, e alegria. As Lyras douradas, que recebeſtes naõ de Apollo, nem das Muſas fabuloſas, porém da Mãi da Sabedoria increada, entoem ſeus louvores, e neſte dia eſcrito com letras de ouro nos faſtos Luſitanos, ſejaõ celebradas as virtudes da noſſa benefica Soberana; peçamos á Mãi de Deos, que ella tambem imita na piedade, e clemencia, proſpere, e dilate ſeus formoſos dias, entornando ſobre elles, e toda a Familia Real as miſericordias de Deos Omnipotente, os prodigioſos effeitos da ſua bondade, e protecçaõ.

Diſſe

Fr. Theodoro de Carvalho.

Aos

Aos Fauſtiſſimos Annos da Rainha Noſſa Senhora, he offerecido o ſeguinte

SONETO.

DO velho tempo a aligera figura;
Cercando a vaſta esféra luminoſa,
Se alegra vendo a Deoſa Mageſtoſa,
Que hoje hum diſtincto goſto lhe aſſegura:

O anciaõ venerando entaõ pendura
Num alto Cedro a fouce rigoroſa,
Cedendo a fortaleza monſtruoſa
Aos Imperios da regia formoſura:

A' Auguſta Mageſtade, que governa
Do aureo Téjo os famoſos Luſitanos,
Lhe beija reverente a mão Superna:

Deſtinando eximir de injuſtos damnos
A Heroina Real, para que eterna
Seja a gloria dos ſeus felices annos.

Pelo mais humilde Vaſſallo

O Bacharel Miguel Rodrigues dos Santos.

EPIGRAMMATA

Ad Beatiſſimam Virginem Mariam.

Virgo beata licet communi Voce Voceris,
In mulieribus es tu benedicta magis:
Nil mihi prodeſſes, ſi tantum Virgo fuiſſes;
Quantum profueras, ó, quia Mater eras.

Ad Auguſtam Mariam Luſitanorum Reginam Beneficentiſſimam.

EPIGRAMMA

Regina, quæ nos fauſto moderamine ducit,
Aurea, quid maius, ſæcla tulere! Nihil.
Non quæris, ſis laude licet digniſſima, laudem;
Eſt inter laudes hæc prope ſumma tuas.

SE-

SENHORES.

SEmpre que eu me vejo na neceſſidade de levantar a minha debil, e rouca voz na voſſa preſença, de que differentes affectos me ſinto combatido! Já o conhecimento da pobreza do meu engenho: já a notoria benevolencia dos voſſos animos, como me aſſuſta! Como me anima! Se quero diſpenſar-me da obrigaçaõ de obedecer-vos, com a certeza de que os meus hombros ſaõ deſproporcionados para o aſſumpto, que me cometteis, a rara benignidade, com que ſempre me tendes favorecido, louvando as pequenas producções do meu talento, que força me naõ faz para cumprir o que me ordenais! Eu naõ quero ſer temerario: eu naõ quero ſer ingrato. Fugir de hum, e de outro vicio ſer-me-hia muito conveniente. Mas havendo preciſamente de eleger qualquer dos caminhos, que ſe me appreſentaõ agora, acho que na minha obediencia levo anticipada a deſculpa do meu arrojo.

Porém vendo me precifado pela obrigaçaõ, que ſe incumbe aos Secretarios das Academias, a encher o lugar deſtinado para os Meſtres, Gradil, e Brandaõ, que com os eſtrondos das ſuas vaſtas literaturas tem eſtremeci-

cido as cadeiras, que regêraõ no ſeu Convento, e na Univerſidade de Evora, e preſentemente na Univerſidade de Coimbra ; que parte do Problema propoſto me compete , para que naõ tropece a cada paſſo nas difficuldades que encontrarei , moſtrando-vos que ſaõ mais arriſcados os exceſſos da Religiaõ , que os exceſſos do valor ! Ao menos aſſáz relevará á felicidade do exito, que deſejo hir com muita madureza na eſcolha das provas , para que naõ incorra na feia nota de ímpio. Eu ſou Chriſtaõ : eu tenho pela minha maior ventura naſcer no gremio de huma Igreja , que Jeſu Chriſto fundára. Creio que nada ha que ennobreça mais o homem , que promover com as ſuas fadigas a ſanta Lei que profeſſa : com as algemas nos pulſos , com o cutélo na garganta , com que goſto ſuſtentarei a Fé, que com o leite bebi ?

Todavia digo , que hum enthuſiaſmo de piedade levado além dos ſeus juſtos limites tem produzido no mundo irreparaveis damnos. Faſtos do Chriſtianiſmo, eu naõ preciſo revolver-vos. De que guerras inteſtinas, de que ſedições tumultuoſas naõ tem ſido funeſto principio huma demaſiada crença ! Os filhos conjurados contra os pais : os maridos contra as mulheres , quebrados , com eſcandalo da humanidade , os ſagrados vinculos do ſangue, e do amor. Nós, nós meſmos ſe nos trasladamos aos paſſados ſeculos , que triſte ſcena naõ achamos no indiſcreto zelo de hum Principe moço , que ſeguindo os rapidos movimentos do ſeu eſpi-

ri-

rito, ſem conſultar a prudencia dos mais pios, e fieis Portuguezes, ſe arremeſſou do ſeu Throno contra os infames ſequazes de Mafamede, com o fim de propagar entre aquellas barbaras gentes o culto do verdadeiro Deos.

A caſo, Senhores, naõ ſentimos nós por longos annos os tragicos, e laſtimoſos effeitos daquella temeridade? A noſſa cerviz naõ ficou por muito tempo calejada com o jugo, que ávido uſurpador nos pôz, paſſando debaixo de alheio dominio, a perdermos a gloria que grangeámos nas conquiſtas que fizemos deſcubrindo novos mundos? Vós Artes, vós Sciencias, que tinhais como eſtabelecido o voſſo domicilio nas freſcas margens do Téjo, como vós viſtes arruinadas eſpalhando-ſe entre nós aquelle péſſimo goſto, que corrompeo a mageſtoſa pureza da noſſa lingua, com que os Mirandas, os Camões, os Ferreiras, os Teives, os Oſorios, os Coſtas, mil outros, que guarnecendo as teſtas de viçoſos louros, fizeraõ eſtremecer com os ſeus eſcritos a poſteridade? Se jaz no chaõ a arvore, que produzio taõ fazonados frutos, he he daquella exceſſiva piedade que naſcêraõ tantos males: naõ ſe proporcionando os meios ao fim, que ſe propunha: como ſe Deos approvaſſe cégas, e precipitadas reſoluções.

Mas que graças naõ devemos render aquelle Ente Supremo, que governa ao ſeu arbitrio o deſtino dos Imperios? Porque collocando no Throno Luſo a Amavel Rainha, que temos, de que religiaõ diſcreta a naõ or-

na

na para ſervir de norma a todos ? No ſeu mageſtoſo ſemblante reverberando a piedade de ſeu coraçaõ, como ſabe diſtribuir o incenſo, contendo-ſe nos juſtos limites, ſem que o exceſſo faça menos precioſas as acções, com que nos annaes da noſſa Monarquia fará eterno o ſeu Nome. A juſtiça, e a clemencia enlaçadas intimamente, como guarnecem a Coroa que cinge, adiantando com o ſeu exemplo naõ ſó nos ſeus Vaſſallos o progreſſo das virtudes, mas immortalizando a ſua Fama, com as ſabias providencias do ſeu Reinado, que mais que o de Tito faz as delicias de huma Naçaõ, que tem por timbre, ſer fiel ao ſeu Deos, e fiel aos ſeus Soberanos.

Naõ ceſſemos pois, de lavrar com as noſſas producções a eſtatua, que ſobre as azas do tempo conſerve indelevel a ſua memoria, os Nomes da I. MARIA, que Deos para noſſas delicias, e felicidades nos conſerva no Throno, e de PEDRO III. que Deos haja, façamo-los ſoar por toda a parte com o agradavel éco das noſſas ſonoras lyras, para que ſeja hum modelo perfeito da piedade. Eſte he o caracter que a diſtingue: eſta a devida gratidaõ, com que nós daremos ſempre inconteſtaveis provas do ardor, com que nos intereſſamos pela ſua felicidade.

Diſſe

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

Aſſum-

Aſſumptos que ſe deraõ no ultimo Certamen literario, no qual ſe fizeraõ os ſeguintes verſos, goloſados pelo Capitaõ Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

Dos Pais Imagem, da Virtude exemplo.

Gloza.

SONETO.

DA Paz no branco ſeio reclinada
A Rainha do Téjo a maõ abria,
A maõ, que de precioſos bens enchia
Do velho Luſo a geraçaõ honrada:

Das Sciencias a gloria propagada
Por eſtranhas regiões apparecia,
E de raiva mordendo-ſe fugia
A torpe ocioſidade envergonhada:

A vil calumnia, a detracçaõ pungente
De males fim repara cauſa injuſta,
Que inflammavaõ de Aſtrea o ſanto Templo:

Como Hydras infernaes calca valente
Com pé triunfante a Portugueza Auguſta
Dos Pais Imagem, da Virtude exemplo.

Dada por Deos aos Póvos Luſitanos.

Gloza.

SONETO.

DE ſangue os cadafalſos ſe alagavaõ
De ſangue Illuſtre, com que Heróes ingentes
Vibrando a eſpada, mundos differentes
Do ſanto Affonſo ao Imperio avaſſallavaõ

Vis calumnias do Averno ſe ſoltavaõ,
Que ataſſalhando com roazes dentes
Da Cara Patria os filhos innocentes,
Em ſeu ávido ſeio devoravaõ:

Ateava-ſe a indomita fereza,
Huns apos outros ſuccedendo os annos
Como faiſca em ſecco mato preza,

Para reparo de taõ graves damnos
Eis-que apparece a Auguſta Portugueza,
Dada por Deos aos Póvos Luſitanos.

Da

De Virtudes a Purpura guarnece.

Gloza.

SONETO.

DA Fama pelo Santo Templo entrava,
E a par do Deos, que ao mundo traz o dia,
Sobre deſpedaçadas Luas via
Que de ouro fino hum Throno ſe elevava:

De hum lado Aſtréa, de outro lado eſtava
A Paz, que as brancas azas eſtendia,
Como quem muitas ditas annuncia
Ao refulgente ſolio que guardava:

Eis-que montada no fogoſo Ethonte
A Portugueza Auguſta reſplendece,
Qual aſtro novo, no farpado monte.

E quando entre os mais Numes apparece
De Eſtrellas cinge a Mageſtoſa Fronte,
De Virtudes a Purpura guarnece

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

Glozáraõ-ſe os ſeguintes motes no meſmo dia da Academia por Joaquim Ignacio Tallaia Collaço de Caſtello Branco.

Dos Pais Imagem, da Virtude exemplo.

Gloza.

E Quando, ó Luſitania, imaginaſte,
A ſublime ventura, que obtiveſte!
Dadiva foi do Ceo, a que alcançaſte,
Duvido, e com razaõ, ſe a mereceſte:
Reverente inda aſſim porque a imploraſte,
Benefica te deo a Maõ celeſte,
Huma Excelſa Rainha, a quem contemplo
Dos Pais Imagem, da Virtude exemplo.

Da-

Dada por Deos aos Póvos Luſitanos.

Gloza.

HOje ſim, Portugal, que alegremente
Cantar podes vaidoſo as tuas ditas,
Por que os annos de Auguſto certamente
Nos annos de MARIA agora imitas:
Aos Ceos lhe agradece reverente,
Com juſtas oblações ſempre infinitas,
A Rainha que tens, com fauſtos annos
Dada por Deos aos Póvos Luſitanos.

Da Mãi tranſmigra o eſpirito na Filha.

Gloza.

REge MARIA em paz aos Luſitanos,
Pois conhece da guerra os accidentes;
Plauſiveis deſte modo faz ſeus annos,
Deſta ſorte aos Vaſſallos tem contentes.
He maxima que herdou dos Soberanos,
Illuſtres, Glorioſos Aſcendentes;
A luz do Grande Avô na Neta brilha
Da Mãi tranſmigra o eſpirito na Filha.

Glo-

Gloria de Sacavem, gloria de todos.

Gloza.

NAõ he, naõ de Ethonte a luz radiante,
Quem hoje nos illuſtra a Monarquia
Outro aſtro tem a Liſia mais brilhante
Que lhe dá taõ pompoſo, e fauſto dia:
Melhor Sol ſem queſtaõ mais ſcintillante
Temos nós na Auguſtiſſima MARIA,
Do Throno no Zenith por muitos modos
Gloria de Sacavem, gloria de todos.

De Virtudes a Purpura guarnece.

Gloza.

AQuella, que do orgulho em vituperio
Diſtingues elevada em alto aſſento,
He MARIA PRIMEIRA, neſte Imperio
Rainha de immortal merecimento:
Aquella que em governo, juſto, e ſerio,
Para eterno fazer ſeu luzimento,
De altos dons o Diadema eſmalta, e tece,
De Virtudes a Purpura guarnece.

COL-

COLCHEA.

Mais ditoſos do que Auguſto
Faz os ſeus annos MARIA.

Gloza.

EXtincto de todo o ſuſto
De pena ſem ter abalos,
Faz MARIA os ſeus Vaſſallos
Mais ditoſos do que Auguſto:
Com fundamento o mais juſto,
Tem taõ alta regalia,
Pois na noſſa Monarquia
Contados (ſe bem o alludes)
Pelos dias das virtudes
Faz os ſeus annos MARIA.

COLCHEA.

Os annos de MARIANNA,
Pelos annos de MARIA.

Gloza.

EM época Soberana
Que a de Auguſto bem imita,
Saõ annos da noſſa dita
Os annos de MARIANNA:
Tem ventura, que lhe emana
De huma nobre jerarquia:
Virtudes a Mãi lhe envia,
Que façaõ entre os humanos
Sempre plauſiveis ſeus annos
Pelos annos de MARIA.

O REINADO DO AMOR:
DISSERTAÇAÕ FILOLOGICA,
E
ENCOMIASTICA,
COMPOSTA NO ANNO DE 1778.

A que deo occaſiaõ o novo Cunho de Ouro, em que vemos eſculpidos os Roſtos, e Nomes dos dois Auguſtos Conſortes,

D. MARIA I.
E
D. PEDRO III.
NOSSOS REIS, E SENHORES.

POR
ANTONIO PEREIRA DE FIGUEREDO,
Deputado Ordinario entaõ da Real Meza Cenſoria, e hoje da Real Meza da Commiſſaõ Geral ſobre o Exame, e Cenſura dos livros.

O REINADO DO AMOR: DISSERTAÇAÕ FILOLOGICA, E ENCOMIASTICA.

Antiga ſentença he de hum grande Poeta, que à Mageſtade, e o Amor naõ ſe acordaõ bem entre ſi, nem podem concorrer ambos juntos.

Non bene conveniunt, nec in una ſede morantur, Maieſtas, & Amor.

EA razaõ parece eſtar por eſte dito de Ovidio. Por que a Mageſtade em quanto Monarquica, naõ admitte Conſorte do Imperio; quer-ſe ſolitaria, quer-ſe unica: ao meſmo tempo que o Amor, como de ſua natureza he vinculo de dois, todo o ſeu Officio he enlaçar, e unir extremos. A Mageſtade como Soberana, naõ reſpira ſenaõ elevações, e grandezas: ao meſmo tem-

tempo que o Amor, como de ſi he pezo, naõ produz ſenaõ humiliações, e abatimentos. A Mageſtade como independente, moſtra-ſe eſquiva, moſtra-ſe inteira: ao meſmo tempo que o Amor como affeiçoado, todo ſe desfaz em ternuras. Em fim, a Mageſtade affugenta, o Amor attrahe: a Mageſtade atemoriza, o Amor deleita: a Mageſtade he ſevéra, o Amor doce.

Taes ſaõ as propriedades da Mageſtade, comparada com o Amor, e as do Amor, comparado com a Mageſtade. Mas acaſo ſeraõ eſtas propriedades taõ inſeparaveis de cada ſujeito, que ſempre a Mageſtade exclua o Amor, e nunca o Amor ſe una com a Mageſtade? Digo que naõ. Porque ainda que por via de regra, ſaõ o Amor, e a Mageſtade dois extremos oppoſtos, que mutuamente ſe excluem hum ao outro; algumas vezes como por excepçaõ da regra, tem ſuccedido verem-ſe ambos juntos.

Eſta uniaõ foi ſempre obra do Amor. Por que elle como ſummamente engenhoſo, foi o que inventou varios Modos de ſe acordar com a Mageſtade: elle o que como igualmente activo, excitou os Principes a dallos á execuçaõ. E aſſim eſtes Modos, que faõ os que conſtituem *o Reinado do Amor*, ſeraõ tambem os que formem as Provas do preſente Diſcurſo. Entre as quaes terá o ultimo lugar, como coroa, e remate de todas, o ſuaviſſimo Amor, que reciprocamente ſe profeſſaõ hum ao outro, os dois Auguſtos Conſortes, noſſos Reis, e Senhores, D. MARIA I. e D. PEDRO III., cu-

cujos magestosos Rostos, e Nomes esculpidos agora em Ouro, (que em Ouro se devia esculpir hum Amor taõ fino, como puro) assim como fazem hoje as delicias de toda a Naçaõ Portugueza, assim tambem demostraõ claramente, ser o presente Reinado, *o Reinado do Amor.*

PRI-

PRIMEIRO MODO.

Hum Imperador fazendo Conſorte do meſmo Imperio a outro, para o governarem ambos de maõ commum, ſem differença alguma de Titulo, ou de Poder.

POr morte de Antonino Pio, décimo ſexto na ordem dos Imperadores Romanos, tomou poſſe do Imperio ſeu filho adoptivo Marco Aurelio por ſobre nome *o Filoſofo*, que em memoria de ſeu Pai ſe chamou tambem *Antonino*. E fizeraõ as virtudes de ambos taõ amavel, e venerando eſte nome, que ainda depois de extincta a linha de Marco Aurelio, ſe continuou o nome de *Antonino* na de Septimio Sevéro, por eſpaço de alguns ſeſſenta annos.

Era Marco Aurelio dotado de todas aquellas virtudes, e prendas, de que podia ſer capaz hum Principe, a quem faltava a verdadeira Religiaõ. Na paz juſto, na guerra valoroſo, na victoria modeſto, na adverſidade conſtante. Sempre amigo dos bons, e honrador dos Sabios. Sempre clemente até com os inimigos: humano, e affavel até com a infima plebe.

He

He verdade, que os Monumentos da Igreja referem alguns martyrios do tempo de Marco Aurelio: como o dos Santos de Leaõ pelos annos de Chriſto de 177. que Sulpicio Sevéro atteſta terem ſido os primeiros que ſe víraõ na França. *Tunc primum in Galliis viſa martyria.* Porém todos os bons Criticos convém, que eſta Perſeguiçaõ ſe naõ deve attribuir a algum Edicto particular de Marco Aurelio contra os Chriſtãos; (pois que Tertulliano no ſeu Apologético claramente atteſta, que nenhum publicou eſte Imperador:) mas ou á furia do Povo cruelmente enteſtado contra a nova Religiaõ; ou ao máo uſo que alguns Magiſtrados faziaõ da recente Lei de Trajano, que prohibia todas as Aſſociações, e Conventiculos.

Em fim a moderaçaõ, e doçura, com que Marco Aurelio ſe portou no Governo do Imperio, moſtrou bem, que elle o acceitára mais pela gloria de ſer util ao Genero humano, do que pela de ſer obedecido de todo o mundo.

Servio de eſmalte a toda eſta precioſa cadeia de prendas, e virtudes, aquelle ſobre todos memoravel Acto, com que Marco Aurelio taõ vencedor da ambiçaõ, como vencido do Amor, creou ſeu Collega do Imperio a ſeu Irmaõ Lucio Véro, para o governarem ambos de commum acordo, veſtidos da meſma Purpura, e ornados das meſmas Inſignias de Soberania, e de Mageſtade: exemplo nunca antes viſto, que abrio caminho, a que depois ſe viſſe o Imperio repartido em

dois Auguſtos, hum do Occidente, outro do Oriente.

Que as Leis, e Reſcriptos ſahiſſem em nome de ambos os Irmãos, he conſtante de muitos lugares do Digeſto, e determinadamente das duas Leis, (a) *Divi Fratres*, tiradas ambas de Calliſtráto.

Que as ſúpplicas dos Pertendentes foſſem dirigidas a ambos os Auguſtos, prova-ſe, de que a ambos dedicou o inſigne Martyr, e Filoſofo S. Juſtino a ſua ſegunda Apologia pelos Chriſtãos. O que além de ſer expreſſo na Hiſtoria de Euſebio, conſta da Inſcripçaõ da meſma Apologia, que ainda hoje exiſte.

Como naõ ſerá facil termos outra occaſiaõ de reflectirmos no Titulo de *Divos*, que acima ouvimos dar Calliſtráto a Lucio Véro, e a Marco Aurelio: e eſta materia ao meſmo tempo que he trivial nos Antiquarios de fóra, tem muito de nova nos Eſcritos Portuguezes: creio que naõ ſerá deſagradavel aos noſſos Candidatos de Letras Humanas, antes que paſſemos á ſegunda Prova do noſſo aſſumpto, advertir ſobre ella algumas particularidades. E como eſtamos no caſo de Tratamentos, e Titulos da Mageſtade dos Principes, ninguem ſe deve admirar de continuarmos em os illuſtrar do Corpo das Leis Romanas: o qual aſſim como encerra em ſi a Juriſprudencia do Foro, tambem he o Tombo,

(a) Huma no Titulo, *De Accuſationibus, & Subſcriptionibus*, outra no Titulo, *De Pœnis*.

bó, ou Archivo, donde as Côrtes da Europa tiráraõ a maior parte das fuas formalidades, e ethiquetas.

Primeiramente he hum facto inconteſtavel, que o Titulo de *Divo* ſe naõ dava aos Imperadores, ſenaõ depois de mortos; quando, como nota Xifilino no Funeral de Trajano, d'entre a Pyra em que ſe queimava o corpo do defunto, faziaõ os Romanos ſahir voando huma pomba, como fymbolo da alma que ſubia ao Ceo, a occupar nelle o lugar proximo, e immediato aos Deoſes. E aſſim entre os que ſaõ verſados nas Ceremonias Gentilicas, paſſa o Titulo de *Divo* por hum argnmento deciſivo, de que a obra, em que elle ſe attribue a algum Imperador, ou ſeja Arco, ou Columna, ou Eſtatua, ou Medalha, he ſem dúvida alguma poſterior a elle, e feita por outro que lhe ſobreviveo. Para os que naõ tem liçaõ d'outros Antiquarios, baſta allegar-lhes a Schevarſtz na ſua Prefaçaõ, e Notas ao Panegyrico de Plinio.

Ainda depois dos Imperadores Romanos a exemplo de Conſtantino abraçarem a Religiaõ Chriſtã, continuáraõ os Gentios em celebrar na morte eſtas ſuas *Apotheoſes*, ou Canonizaçõe, e a dar-lhes o Titulo de *Divos*. Das *Apotheoſes* he boa teſtemunha a Hiſtoria de Eutrópio; do Titulo de *Divo* o Prefeito Symmaco nas ſuas elegantiſſimas Epiſtolas.

O mais he, que os meſmos Imperadores Chriſtãos nenhum reparo fizeraõ em chamar *Divos* aos ſeus Pre-

deceſſores defuntos, como Zenaõ chamou (a) a Conſtantino, e a Leaõ; nenhum em os chamar *Divæ Memoriæ*, como Anaſtaſio chamou (b) a Valentiniano, e a Theodoſio. E iſto ou porque conſideravaõ que o Titulo de *Divo* applicado aos mortos, naõ menos que o de *Auguſto*, attribuido aos vivos, eraõ huns Titulos de méra Ceremonia, e de méra Pompa: ou porque diſcorriaõ, que ſem offenſa da verdadeira Religiaõ ſe podiaõ ambos dar a humas Peſſoas, a quem a meſma Religiaõ na qualidade de Vigarias da Divindade reſpeitava como ſagradas, e ſacroſantas.

Accreſce que nós temos bons fundamentos para crer, que quando os Romanos diziaõ, por exemplo: *Divi Verus, & Antenunus*, ou *Divi Fratres*, o nome *Divus* ſe tomava adjectivamente, ſignificando o meſmo que *Divinus*. Aſſim no-lo perſuade tanto a outra Fórmula de *Divæ Memoriæ*, que os meſmos Romanos attribuiaõ aos que chamavaõ *Divos*; como o lermos em Prudencio, *Diva Caro*; em Alcimo Avito, *Divæ Vocis Anubin.* E deſte adjectivo *Diva* era contracçaõ *Dia*, de que uſáraõ Virgilio, e Horacio: no primeiro dos quaes ſe acha *Dia Camilla*; no ſegundo, *Sententia Dia Catonis.*

Neſtes termos o dizer *Divus Verus*, ou *Divus Mar-*

(a) Vejaõ-ſe no Codigo a Lei, *Divi Conſtantini*, *De Naturalibus Liberis*: e a Lei, *Quoniam*, *De Inofficioſo Teſtamento.*

(b) No meſmo Codigo a Lei, *Si Conſtante Matrimonio*, *De Repudiis.*

Marcus, naõ parece conter maiór diſſonancia, que o dizer *Divinus Homerus*, ou *Divinus Plato*, no em que ninguem hoje repara. Porque por huma hypérbole geralmente recebida ainda entre os Chriſtãos coſtumamos chamar *Divino* a tudo, o que no ſeu genero he ſobre maneira excellente, e portentoſo. E com iſto ſe póde juſtificar entre os Theologos o Titulo de *Divus*, que damos aos Heróes do Chriſtianiſmo, quando dizemos, *Divus Antonius*, *Divus Franciſcus*: como na Lenda de Santa Juliana de Falconeri a 19 de Junho, traz o Breviario Romano *Divus Benitius*. Porque entendendo adjectivamente eſte nome, o meſmo val dizer *Divus*, que *Divinus*: Epitheto que S. Joaõ Chryſoſtomo deo a S. Paulo, e Theodoreto a Acacio de Beréa.

Diaõ Caſſio na ſua Hiſtoria dos Imperadores Romanos, tratando de como concluidas as guerras civis, excogitou, e decretou o Senado em honra de Octaviano o novo Titulo de *Auguſto*, que em Grego he *Sebaſto*: Diz que com eſte Titulo quizera o Senado caracterizar a excellencia de Octaviano ſobre todos os mortaes, e o eſpecial reſpeito, de que o faziaõ digno as ſuas virtudes, e proezas heroicas. Ora o que ſe diz do Titulo de *Auguſto* attribuido aos vivos, he á proporçaõ o que ſe deve entender do Titulo de *Divo*, quando ſe applica aos mortos: iſto he, que por elle ſe ſignifica, que as virtudes, e proezas deſte, ou daquelle Heróe, o levaraõ depois da morte ao Ceo, para occupar nelle hum diſtincto lugar logo abaixo dos

Deo-

Deoſes. *Palmaque nobilis Terrarum Dominos evehit ad Deos*, cantou Horacio alludindo ás Apotheoſes, ou Canonizações dos Imperadores, e Reis antigos, ſegundo a falſa crença da Gentilidade.

Por ultimo das Actas dos antigos Concilios ſe faz manifeſto, que do Palacio paſſou a Politica deſtes Titulos á Igreja. Porque nos Concilios de Heſpanha do Seculo ſetimo, vemos que os noſſos Biſpos chamavaõ Principes *Divæ Memoriæ* aos defuntos Reis Godos: como o Concilio de Egara (hoje Terraſſa) chamou a Reccaredo; o Concilio Toletano XIII. a Cintila. E aſſiſtindo aos meſmos Concilios, e fallando com os Padres delles, davaõ os Reis Godos o Titulo de *Divos* aos Reis ſeus Predeceſſores: como vemos que o déra Egica a Ervigio no Concilio Toletano XV.

Mas que muito naõ horrorizaſſem eſtas Formulas Gentilicas os Biſpos de hum Concilio Particular, ſe nos Concilios Ecumenicos do Oriente achamos, que por huma fraſe geralmente recebida na Igreja ſe nomeavaõ *Sacras Divaes*, ou *Divalia Conſtituta*, as Cartas Circulares, com que os Imperadores convocavaõ para elles os Biſpos?

Segundo eſte eſtilo da Mageſtade, e Pompa Romana, (de que os noſſos Godos por ultimo ſe fizeraõ vaidoſos émulos, até o ponto de adoptarem para ſi da linha dos Veſpaſianos, e de fazerem Hereditario do Throno o nome de *Flavios*) naõ ha para que eſtranhar, que no Codigo a cada paſſo chamem ainda os Imperado-

do-

dores Chriſtãos (a) *Divinas* as ſuas Reſpoſtas, *Divinas* as ſuas Sanções; e algumas vezes tambem (b) *Celeſtes* os ſeus Oraculos. Com o qual goſto, e na meſma conſideraçaõ, nenhum eſcrupulo tiveraõ alguns dos noſſos Criticos eſcrevendo em Latim, de dar aos noſſos Principes defuntos o Titulo de *Divos*, como a ElRei D. Affonſo Henriques fez o Doutor Navarro no ſeu Commentario ao Cap. *Novit*, *de Judiciis*, e ao Infante D. Pedro, Filho d' ElRei D. Joaõ I. Damiaõ de Goes na ſua Deſcripçaõ de Lisboa. Mas he já tempo de tornarmos ao noſſo principal aſſumpto.

SE-

(a) L. *Univerſa*, *Si Contra Jus*. L. *Divinam*, *De Hæreticis*.
(b) L. *In criminali*, *De Juriſdictione omnium Judicum*.

SEGUNDO MODO.

Dividido o Imperio em dois Auguſtos, hum do Oriente, outro do Occidente, continuarem as Leis, que hum ſó promulgava, a ſabir em nome de ambos : e iſto com a circunſtancia, de que algumas vezes o Imperador que promulgava a Lei, dava na Inſcripçaõ della o primeiro lugar a outro, que a naõ promulgava.

A Inſcripçaõ dos nomes dos dois Imperadores, quando hum ſó era o que publíca a Lei, he huma Ethiqueta, de que ſaõ teſtemunhas quaſi todos os Livros, e Titulos do Codigo, nas Leis que nos offerecem de Diocleciano, e Maximiano, nas de Valentiniano I., e de Valente, nas de Arcadio, e Honorio, nas de Marciano, e Valentiniano III., nas de Leaõ, e Antemio.

A circunſtancia de que o Imperador que promulgava a Lei, dava algumas vezes na Inſcripçaõ della o primeiro lugar ao outro, que a naõ promulgava; colhe-ſe evidentemente do nome da Corte em que ella era datada. Porque reſidindo os Imperadores do Oriente primeiro em Nicomedia, depois em Conſtantinopla,

co-

como reſidíraõ Valente, e Arcadio; e reſidindo os Imperadores do Occidente em Roma, Milaõ, ou Ravenna, como reſidíraõ os tres Valentinianos, e Honorio: Achaõ-ſe no Codigo certas Leis, que ſendo datadas em Conſtantinopla, trazem todavia eſta Inſcripçaõ: (a) *Impp. Valentinianus & Valens & & ad Julianum Comitem Orientes.* Os Auguſtos Imperadores Valentiniano, e Valente a Juliano, Conde do Oriente. Onde a data de Conſtantinopla, e o Titulo de Conde do Oriente fazem ver, que a Lei foi paſſada por Valente no Imperio Oriental. E com tudo na Inſcripçaõ vemos nomeado em primeiro lugar a Valentiniano, que governava no Occidental.

Pelo contrario achaõ-ſe outras Leis, que ſendo datadas em Milaõ, trazem todavia a Inſcripçaõ ſeguinte: (b) *Impp. Arcadius & Honorius A. A. Theodoro P. P.* Os Auguſtos Imperadores Arcadio, e Honorio a Theodoro Perfeito do Pretorio. Onde a data de Milaõ faz ver, que a Lei foi paſſada por Honorio no Occidente. E com tudo na Inſcripçaõ vemos nomeado em primeiro lugar a Arcadio, que governava no Oriente.

E para que ninguem cuide, que eſta primoroſa harmonia, e correſpondencia, ſó a obſervavaõ entre ſi os dois Imperadores, quando eraõ irmãos: Ahi temos

(a) *L. Negotiatores, De Epiſcopali Audientia.*
(b) *L. Siquis Judicum, De Statuis & Imaginibus.*

no meſmo Codigo a Lei *Quicumque*, *de Hæreticis*; que ſendo paſſada por Marciano no Oriente, (como indica a data de Conſtantinopla) traz com tudo nomeado em primeiro lugar a Valentiniano III. que governava no Occidente, e nenhum parenteſco tinha ao menos de conſanguinidade com Marciano: *Impp. Valentinianus & Marcianus A. A. Palladio P. P.* Os Auguſtos Imperadores Valentiniano, e Marciano a Palladio Perfeito do Pretorio.

He verdade que eſta Politica de dar o Imperador que promulgava a Lei, primeiro lugar ao outro, naõ he conſtante no Codigo. E os que tiverem penetrado mais interiormente do que eu no Palacio dos antigos Imperadores, poderaõ ter achado alguma diverſa razaõ, que até agora me he occulta. Mas o perpétuo concurſo dos dois nomes, que por todo o Codigo ſe encontra, faz patente, e indubitavel, que ainda na ſeparaçaõ dos Territorios, conſervavaõ os antigos Auguſtos huma certa ſociedade do Imperio.

E alguns lugares das Pandétas, com que Ulpiano citando os Reſcriptos dos dois Irmãos Marco Aurelio, e Lucio Véro (a), nomêa em primeiro lugar Lucio, que ſó fôra Imperador pela Aſſociaçaõ que delle fizera Marco: moſtraõ com igual evidencia, que ainda no concurſo de igual Poder ſoube o Amor excogitar modo,

(a) *Divi Verus, & Marcus reſcripſerunt*, diz elle na Lei, *Aut damnum*, *De Pœnis*; e por ſemelhante modo na Lei, *Generaliter*, *De Decurionibus*.

do, de dar huma certa precedencia ao Aſſociado no meſmo Poder.

Deſta harmonia, e correſpondencia que entre ſi guardavaõ os Imperadores Romanos, julgo eu que teve ſeu principio, e origem o coſtume que hoje obſervaõ os Reis, e Principes Soberanos da Europa, de ſe intitularem *Bons Irmãos* huns dos outros, ainda quando entre elles naõ media algum parenteſco proximo.

TERCEIRO MODO.

Recahindo o Imperio em femea, e reſidindo neſta todo o Poder Legislativo, publicarem-ſe todavia as Leis, naõ em nome da Imperatriz Hereditaria, mas do ſeu Auguſto Eſpoſo.

ASſim em termos o que ſe praticou em tempo de Pulqueria, e de Marciano. Porque ſallecendo ſem filhos o Imperador Theodoſio II., ſuccedeo-lhe ſua Irmã Pulqueria. A qual caſando com Marciano, General do ſeu Exercito, ficou eſte juntamente com a incomparavel gloria de ſer Eſpoſo de huma Princeza, mais Auguſta ainda pelo eſplendor das virtudes, do que pelo da Purpura; logrando a ſingular prerogativa, de que ſendo Pulqueria a que dava toda a força ás Leis, era Marciano o que as authoriſava com o ſeu nome. Aſſim nolo fazem certo muitas que delle temos no Codigo (a).

He ſem dúvida, que Pulqueria depois de caſada com Marciano, podia inſignir com o ſeu nome as Leis,

(a) Debaixo dos Titulos, *De Summa Trinitate*, *De Epiſcopis & Clericis*, *De his qui ad Eccleſias confugiunt*, e n' outras mais.

Leis, que em ſeu tempo ſe houveſſem de publicar, como Imperatriz que era Hereditaria. Por que iſſo meſmo tinha ella já antes praticado, quando na menoridade de ſeu Irmaõ Theodoſio II. governou o Imperio como Auguſta, por diſpoſiçaõ teſtamentaria de ſeu Pai Arcadio. E trezentos annos depois, legislou em ſeu proprio nome a Imperatriz Irene. O que he huma concludente prova, de que naõ era contra a conſtituiçaõ do Imperio Grego, ſahirem as Leis em nome das Femeas Reinantes. Logo o apparecerem no Codigo certas Leis em nome de Marciano, e nenhumas em nome de Pulqueria; naõ foi por aſſim o pedir a conſtituiçaõ do Imperio Oriental, mas por aſſim o inſpirar a Pulqueria o ſingular affecto que tinha a ſeu Auguſto Eſpoſo.

QUAR-

QUARTO MODO.

Sendo hum, ou ſendo dois os Auguſtos, e reſidindo ſó nelles o Poder Soberano, e Mageſtatico, ſerem admittidos os Ceſares a inſignir as Leis juntamente com os Auguſtos.

NInguem ignora, que o Poder de publicar Leis, que obriguem a toda a Républica, he hum Poder privativo da Mageſtade, e Soberania dos Principes: mas hum Poder, que ſendo incommunicavel a outro, quanto á força radical das Leis, o Amor o communicou varias vezes aos inferiores, quanto ás formalidades da Legislaçaõ. Aſſim toda a força das Leis Imperatorias reſidia nos Auguſtos: mas quando ſe tratava de as formalizar, naõ poucas vezes tinhaõ parte nellas os Ceſares, por eſpecial honra que lhes queriaõ fazer os Auguſtos.

Até o tempo de Nerva fôra o Titulo de *Ceſar* proprio dos Imperadores Romanos: os quaes aſſim como no Titulo de *Auguſto* quizeraõ perpetuar a memoria de Octaviano; tambem no Titulo de *Ceſar* quizeraõ

raõ perpetuar a memoria de Julio. Depois foi-se o Titulo de *Ceſar* appropriando ſingularmente, aos que em vida dos Imperadores eraõ declarados futuros Succeſſores ſeus, ou pelo Direito da Primogenitura, ou pelo Direito da adopçaõ. E a eſte declarar *Ceſar* a alguem, chamava a fraſe Latina do quinto Seculo Chriſtaõ, *Cæſarem levare*, como a cada paſſo ſe explica nos ſeus Faſtos o noſſo Idacio. Deſta ſorte veio o Titulo de *Ceſar* tomado abſolutamente, a ſer na Corte dos Imperadores Romanos hum Titulo caracteriſtico do Herdeiro preſumpto: bem como hoje o he na Alemanha o Titulo de *Rei dos Romanos*; na França o Titulo de *Delfim*; em Portugal, e Caſtella o Titulo de *Principe*. Conſequentemente ficou ſendo o Titulo de *Ceſar* hum correlativo immediato ao de *Auguſto*: correlativo de huma Dignidade eminente, mas de Dignidade inferior, e ſujeita á Imperatoria.

Naõ obſtante eſta inferioridade, e ſujeiçaõ, o Amor paterno, como querendo enſaiar os filhos no exercicio da Mageſtade, e Soberania, a que eraõ deſtinados; coſtumava nas Inſcripções das Leis ajuntar depois dos nomes dos *Auguſtos* os nomes dos *Ceſares*, pelo modo ſeguinte, que a cada paſſo ſe obſerva no Codigo.

Impp.

(a) *Impp. Valerianus & Gallienus A. A. & Valerianus C. Matrono.*

Os Auguſtos Imperadores Valeriano, e Gallieno, e o Ceſar Valeriano a Matrono.

(b) *Imp. Philippus A. & Philippus C. Antonio.*

O Auguſto Imperador Filippe, e o Ceſar Filippe, a Antonio.

(c) *Imp. Conſtantinus A. & Licinius C. ad Symmachum.*

O Auguſto Imperador Conſtantino, e o Ceſar Licinio a Symmaco.

(d) *Imp. Theodoſius A. & Valentinianus C. ad Senatum.*

O Auguſto Imperador Theodoſio, e o Ceſar Valentiniano ao Senado.

Conformando-ſe com eſte coſtume da Corte Romana dirigio S. Juſtino Martyr a ſua primeira Apologia ao Imperador Antonino Pio, como Auguſto; e aos dois Irmãos Marco Aurelio, e Lucio Véro, como a Ceſares.

QUIN-

(a) *L. Si Servus, Quod cum eo.*

(b) *L. Partum ancillæ, De Rei Vindicatione.*

(c) *L. Si diviſam, Si ex pluribus Tutoribus.*

(d) *L. Quæ ex relationibus, De Legibus, & Conſtitutionibus Principum.*

QUINTO, E ULTIMO MODO.

Eſculpirem-ſe na Moeda corrente com o Roſto, e Nome da Rainha Hereditaria, o Roſto, e Nome do Rei ſeu Eſpoſo.

HE o que com geral applauſo de toda a Naçaõ Portugueza, vemos preſentemente no novo Cunho da noſſa Moeda: os dois Roſtos de Suas Mageſtades reinantes, primoroſamente eſculpidos em ouro, e á roda a Epigrafe Latina:

MARIA I. ET PETRUS III. DEI GRATIA PORTUGALLIAE ET ALGARBIORUM REGES.

Que quer dizer: *D. Maria I., e D. Pedro III. por Graça de Deos Reis de Portugal, e dos Algarves.*

He o Direito de bater, e cunhar Moeda hum Direito Mageſtatico, que até o Rei dos Ceos reconheceo nos Soberanos da Terra, quando á viſta da Moeda Romana mandou aos Judeos, que pagaſſem com ella o Tributo ao Imperador. Repreſentava aquella Moeda, que os Judeos moſtráraõ a Chriſto, huma Imagem den-

tro do ſeu círculo ; e á roda da Imagem huma Inſcripçaõ. Ainda aſſim pergunta o Senhor , de quem he aquella Imagem , e Inſcripçaõ. *Cujus eſt imago hæc & ſuperſcriptio ?* E ſó depois que os Judeos lhe reſpondêraõ que era de Ceſar , *Dicunt ei, Cæſaris* ; he que Chriſto conclue , que deviaõ pagar o Tributo. *Reddite ergo quæ ſunt Cæſaris Cæſari.* E iſto ſem dúvida porque conhecia , que ſegundo o Direito das Gentes naõ baſta a Imagem , e Inſcripçaõ , para a Moeda ter valor de Moeda ; mas he neceſſario que eſſa Imagem , e Inſcripçaõ ſejaõ de Principe legitimo , e abertas ambas por authoridade ſua.

O querer pois a noſſa Auguſta Rainha D. Maria I. que o Senhor Rei D. Pedro III. figuraſſe com ella na Moeda corrente , foi hum primoroſo invento do Amor conjugal , em que a dita Senhora para moſtrar a alta , e bem merecida eſtimaçaõ que fazia , de ter por Conſorte do Thalamo a ſeu Auguſto Tio ; o fez de hum certo modo , e quanto o permittiaõ as Leis Fundamentaes da Monarquia , parecer tambem Conſorte do Imperio.

Sendo o dinheiro a coiſa que mais alegra os Homens , a eſte noſſo faz ainda mais precioſo o Cunho , do que a materia. A uniaõ das duas Reas Faces dá mais valor á Moeda pelo que ſymboliza aos olhos do entendimento , do que pelo que moſtra aos olhos do corpo. Aos olhos do entendimento ſymboliza eſta uniaõ o Amor reciproco dos dois Regios Conſortes. Aos olhos

do

do corpo moſtra eſta uniaõ dois Roſtos de ouro. Mas quanto mais podem, e devem eſperar os Vaſſallos do Amor de ſeus Reis, do que do ouro de ſeus Roſtos? Baſta reflectir, que o ouro da Moeda naõ póde chegar a todos: mas que o Amor que a Moeda ſymboliza, a todos promette riqueza de celeſtiaes Bençãõs; em quanto promette hum Reinado, cuja ſuavidade, e doçura nos faça naõ ſó naõ ſentir, mas eſtimar muito o termos naſcido Vaſſallos.

Mas por onde he eſte Amor reciproco dos noſſos Reis hum Prognoſtico certo da noſſa felicidade? Por ventura naõ ſe podem amar mutuamente dois Reis, ſendo entre tanto miſeraveis os ſubditos? Porém eſſa he a differença que vai, de ſe verem os dois Roſtos unidos mais na Moeda, do que n'outro qualquer lugar. N'outro qualquer lugar denotaria a uniaõ dos Roſtos preciſamente o Amor dos Reis, em quanto Eſpoſos: porque dos Eſpoſos he unirem os Roſtos. Na Moeda denota eſta uniaõ, principalmente o Amor dos Reis, em quanto Reis: porque ſó Reis ſe podem eſculpir na Moeda. Ora o Amor reciproco de dois Reis, em quanto Eſpoſos, póde naõ ter por fim ſenaõ o Bem particular dos dois. Mas o Amor reciproco de dois Reis, em quanto Reis, ſó póde ter por fim o Bem público dos Vaſſallos. E eſſe fim he o que ſe denota na Moeda pela uniaõ das duas Regias Faces: iſto he, conſpirarem ambos com hum meſmo eſpirito em fazer felices os Póvos, que Deos lhes confiou: a Rainha mandando, de-

cretando, legislando, como Senhora que he Hereditaria; o Rei influindo com authoridade, perſuadindo com o conſelho, obrigando com o Amor: ambos como juſtos, pios, religioſos, clementes, pacificos, e amantes dos Vaſſallos, pondo hum particular intereſſe, em que debaixo do ſeu Imperio ninguem ſeja opprimido, e em que todos vivaõ ſatisfeitos. He logo eſta uniaõ das duas Regias Faces, naõ ſó Prognoſtico da noſſa felicidade, mas tambem Indice da mútua cooperaçaõ dos dois Regios Conſortes em a promover: em a promover pela ſoltura de tantos Prezos de Eſtado; pela reſtituiçaõ de tantos Miniſtros de Tóga; pelo acceſſo ao Throno, facilitado a todos os miſeraveis; pelo remedio prompto das ſuas oppreſſões; e ſobre tudo, pelo incomparavel Bem da Paz, de que eſperamos gozar, quando as mais Nações da Europa, ou eſtaõ em guerra, ou ſe armaõ para ella.

Se a uniaõ dos dois Roſtos, como vimos, he na nova Moeda hum Prognoſtico da noſſa felicidade; a fórma da Inſcripçaõ, que nella lemos, he hum Pinhor que no-lo aſſegura.

MARIA I. ET PETRUS III. DEI GRATIA PORTUGALLIAE ET ALGARBIORUM REGES.

D. Maria I., e D. Pedro III. por Graça de Deos Reis de Portugal, e dos Algarves. O mais efficaz meio que apontaõ as Sagradas Eſcrituras, para alcançar de Deos

Deos novos Beneficios, he attribuir ſó a Deos o que já recebemos, e confiar ſó de Deos os que eſperamos receber. E iſto he, o que fazem Suas Mageſtades, quando intitulando-ſe Reis de Portugal, e dos Algarves, confeſſaõ que iſto he por Graça de Deos. E os que confeſſaõ que Deos he o que dá os Reinos, conſequentemente reconhecem, que ſó Deos os póde conſervar em paz, e felicidade.

He ſem dúvida que todos os que ſaõ Reis, o ſaõ por Graça de Deos; e entre os Chriſtãos naõ ha nenhum que ſe naõ intitule aſſim na Inſcripçaõ das Leis, das Cartas, e das Moedas. Mas nem todos reconhecem no fundo do coraçaõ, o que proteſtaõ com a boca, ou firmaõ com a penna. Por iſſo nem todos ſe fazem dignos das celeſtiaes Bençãos: daquellas Bençãos, que a Eſcritura chama Bençãos de doçura: (*Quoniam prævenisti eum in benedictionibus dulcedinis*:) daquellas Bençãos, que ſó fazem felices os Reis, e bemaventurados os Vaſſallos. Huns tomaõ poſſe do Reino, conſiderando-o preciſamente como hum Morgado que herdáraõ dos Pais, e naõ como hum Beneficio recebido do Ceo. Outros confiaõ a conſervaçaõ, e eſplendor dos Eſtados, mais das Negociações da Politica humana, que dos ſoccorros da Protecçaõ divina. Entre tanto ſuccede naõ poucas vezes, que o Sceptro que ſe empunhou como hereditario, e inauferivel, vem a ſer deſpojo d'outra maõ mais valente. Entre tanto em lugar da promettida felicidade, naõ tiraõ os Vaſſallos daquel-

quellas Negociações, e Politicas, ſenaõ trabalhos, oppreſſões, e indigencias. E deſta ſorte vem a verificar-ſe nos Póvos, o que judicioſamente dizia Horacio: *Quid quid delirant Reges, plectuntur Achivi.*

Naõ aſſim os noſſos Piiſſimos Reis, e Senhores. Elles ſe moſtraõ taõ altamente perſuadidos, de que por Graça de Deos he que ſaõ Reis; que eu me atrevo a jurar da ſua eximia Piedade, que nunca eſta conſideraçaõ lhe ſahe do penſamento. De Deos, e ſó de Deos crêm, que lhes veio o Reino: de Deos, e ſó de Deos, confiaõ a proſperidade dos Vaſſallos. Deos, e o ſerviço de Deos, he o continuo objecto dos ſeus penſamentos, das ſuas palavras, das ſuas acções. Deos, e o ſerviço de Deos, o que deſvéla, o que occupa a hum, e outro. E póde Deos faltar a abençoar eſte pio reconhecimento em que lhe eſtaõ os dois Regios Conſortes? Hum Rei ſanto, hum Rei inſpirado, hum Rei Profeta, nos aſſegura que naõ faltará Deos aos noſſos Monarcas, quando no Pſalmo vigeſimo canta: Que aquelle Rei, que tem póſta toda a ſua eſperança no Senhor, e que ſó confia na miſericordia do Altiſſimo, nunca exprimentará abalo que o inquiete. *Quoniam rex ſperat in Domino, & in miſericordia Altiſſimi, non commovebitur.*

Tornando á noſſa Moeda por concluir o Diſcurſo, eu naõ ſei que já mais em Portugal ſe tenha viſto outra ſimilhante. Para noſſos dias tinha reſervado a Divina Providencia, que ſó nelles recahiſſe effectivamente

a

a Poſſe, e Governo deſte Reino n'uma Princeza, cujo Amor para com o ſeu Real Eſpoſo tiveſſe tanto de delicado, como de diſcreto. Por iſſo ſó agora vemos reinar o Amor com a Mageſtade, e a Mageſtade com o Amor.

De Heſpanha nos fins do Seculo XV., e principios do XVI. ſaõ mui celebrados os Dobrões de duas caras dos Reis Catholicos, D. Fernando, e D. Iſabel, de que Fr. Luiz de Souſa nos dá noticia, quando na Hiſtoria de S. Domingos eſcreve aſſim: (a) *A verdade he, que o ouro velho naõ he melhor por mais velho, ſenaõ por mais fino. E quem o achar hoje taõ ſubido em quilates, como he o dos Portuguezes d'ElRei D. Manoel, ou o de Dobrões de duas caras dos Reis, D. Fernando, e D. Iſabel; naõ tem para deſejar, nem invejar mais velhices.* Mas ſendo ElRei D. Fernando Senhor de Aragaõ, e a Rainha D. Iſabel Senhora de Caſtella; e unindo-ſe pelo matrimonio d'ambos n'uma meſma Monarquia os dois Reinos; naõ era muito, que na Moeda que mandáraõ lavrar, appareceſſem eſculpidos os Roſtos, e os Nomes de ambos. Porque como ambos eraõ Reis Hereditarios de huns meſmos Vaſſallos, ambos tinhaõ Direito de ſe fazerem cunhar na Moeda. E aſſim a uniaõ dos dois Roſtos, mais ſignificava a uniaõ das Coroas, que a dos corações.

Porém no noſſo caſo; ſendo como he a Senhora Rai-

(a) Tom. I. Liv. V. Cap. XXXVI.

Rainha D. MARIA I. a unica Herdeira, e Succeſſora de Portugal; bem ſe deixa ver, que o apparecer na Moeda eſculpido tambem o Senhor Rei D. PEDRO III. naõ foi por ſerem a ambos communs os Direitos do Imperio, mas por ſerem communs a ambos os Privilegios do Amor. Pelo que a curioſa, e erudita Poſteridade conſervará nos ſeus Muſeos eſta Moeda, como hum raro Monumento do affecto conjugal nos Principes; admirando nella mais a ternura da acçaõ, do que a fineza do metal; mais os quilates do Amor, do que os do Ouro. Feliz E'poca de Portugal, a em que a Moeda que ſe bateo para correr, he juntamente huma Medalha Symbolica, que ſe póde trazer ao peito.

AOS

Aos Annos da Fidelissima Rainha Nossa Senhora, fallando comigo mesmo neste

SONETO.

AO Sol he similhante a nossa Augusta;
Elle, em diario gyro, a Redondeza
Do vasto mundo corre, e com presteza
A todos alimenta com maõ justa.

Quatro partes do mundo, Ella robusta
Domina com brandura, e sem dureza:
Que a Real Magestade mais se preza
Do poder, que suave naõ assusta.

Elle, lá do seu carro, vivifica
A toda a creatura, e em intervallos
Dos homens em favor todo se applica:

Ella, cá do seu Throno, a consolallos
Se dirige, e de sorte os benefica,
Que Filhos antes saõ, do que Vassallos.

A ElRei Noſſo Senhor ſobre o Problema:

Qual he mais eſtimavel em hum Rei;
Se o exceſſo no valor, ſe o exceſſo na Religiaõ?

Fallando com os Illuſtriſſimos Senhores Academicos neſte

SONETO.

SE a queſtaõ ſem Heróe nos inquirira,
Qual deſtes dois exceſſos he maior:
Que o da Religiaõ vence o valor,
Ego, licet imbellis, decidira.

Deſafiar-me porém a que eu profira
Meu ſentir em queſtaõ de alto eſplendor;
Quando he certo em ElRei Noſſo Senhor
Vinculatum utrumque ſe admira?

Ad quid iſta perditio, eſte Dilemma?
Senaõ he nas virtudes derradeiro,
O objecto ſagrado do Problema?

Solvant alii, que eu deixo no tinteiro
A deciſaõ do que he completo emblema
O Magnanimo Rei PEDRO PRIMEIRO.

Aos

A's melhoras da moleſtia da Fideliſſima Rainha Noſſa Senhora, fallando com o Sapientiſſimo Congreſſo neſtas duas

OITAVAS.

TRa gli Dei ſi gareggia con fortezza,
Chi di loro a guarir quagiù verrano
Quella, chi fa la noſtra contentezza,
Quella per cui in noi creſce l'affanno?
Ma Mercurio, chi vede la contezza
Nel Cielo, il Nectar rubba, e piano piano
Scende Apollo, Æſculapio, e Boherave,
Ripiglia la Regina il Ben ſoave.

Doppo cotal mercê, immantinente
Il Popolo ſmarrito ſi conſola;
Queſto al vero Iddio Omnipotente;
Quello grato ai ſuoi ſanti or or convola;
Grazie dando col cor ben penitente
Per guarirci la Bell' d'Iddio Figluola;
Fu il gaudio sì forte, il Ben cotanto,
Ch' ognun' prendi il piacer, raſciuga il pianto.

A's meſmas melhorias, fallando com o Principe Noſſo Senhor.

PRence, Auguſto, Signor, Alto, e Clemente,
(Ma però la mia Muſa implora pace,
Poi volando più alto, è più loquace.)
Prence, Signor, Auguſto, Alto, e Clemente:
Quaſi marmol mi credo, ed inſenſible
Stupiſco, aghiaccio, tremo, e ſon' di ſaſſo!
Perochè ſi la coſa in Ciel ricerco,
Niente degno ritrovo, claro, e vero,
Che la Deità di Delpho anche ſi tace:
S'ando in tracia nel mondo, ô ſia in área,
Dalla cagion del noſtro imbroglio oſcuro,
Reſto sì rozzo, matto, e Bronzo duro,
Che dall' dificultade aſſai percoſſo,
Son' di Bronzo, ſon' matto, e ſono rozzo.
Che voi, Amato Prence, non vogliate,
Ne anche noi (ahi meſchini!) vi vogliamo
De' Luſi Domator, e noſtro Re!
Per qual cagion, Signor, per che?
Se voi ſiete un' Bell' Giovin', ch' Adonide

Al paragon di voi reſta naſcoſo:
Se anche nel fior degl' anni valoroſo;
Intrepido, Clemente, ed Invencibile,
Placido, Soave, ed acceſſibile
Siete ognor' a tal ſegno,
Che forſe già v'invidia l'Aleſſandro,
Il Hércule, il Darío, il Periandro?
Voi, che, ſenz' avveder-ſe-ne, la Famma,
Per noi v'offender tace i pregi altrui,
E laſcia ſenza famma il Bell' Theſêo,
Tito, Ceſar, e Poro, e il gran' Perſêo?
Voi, che ſiete alta Prole di MARIA,
Di MARIANNA, PIETRO, e Bell' JOSE',
Non vi degnate d'eſſer noſtro Re?
Si noi ſiamo i fedeli, obedienti
Al giuſto, al ſacro Impero, che ci rege:
Se Noi tutti verſiamo, nullo eſangue,
Per diffender la Patria il noſtro ſangue:
Se v'amiamo da cuore ben veramente,
E grato ciaſcheduno in voſtra aîta
Donorà volentier la Robba, e Vita:
Non volervi, Signore, or ora Re,
Non ſo dir la cagion, non ſo perche?
Ma pian piano, ch' il Ciel pieno di luce
Or ſopra il mio cervello balenò,
E la ragion del dubbio m'additò;
Che dal Cielo ſi ſcopri a Noi Humani
I ſentieri fedeli, veri, e ſani.

Perchè, Prence Fedel, Signor, perchè?
(La mia Muſa non chiede ora perdon,
Ch' a dir và lo che merta guiderdon.)
Perchè voi, perchè noi, tutti concordi,
Il medeſmo da cuor certò vogliamo,
E al voſtro il noſtro voto aſſomigliamo.
Ognor' voi al Iddio Omnipotente,
Tutti noi allo ſteſſo, note, e giorno,
Molte preghiere, e voti conſacriamo
Per la Madre umilmente, e la Regina;
Ch' ai Poſteri anderà magna Heroina.
Eh ben: Si dunque il Solio non capiſce
Due inſieme Regnanti, chi ci rega,
E voi a lui ſalir non è permeſſo;
Finche ſia dalla Madre Auguſta vuoto,
La di cui vita tutti noi ſtenderem',
Se colla noſtra comperarla potrem':
Biſogna che di noi queſt' abbia amore,
Quando l'Alma, il Penſier, l'Animo, il Core
Con allegrezza, e voti ſacri, e ſani
Ci porta a feſteggiar i Regii Anni.

Antonio Moreira Pegas.

DIS-

DISCURSO
SOBRE O PONTO
SE A' MATERIA REPUGNA O PENSAR?
DADO PARA A SESSAÕ
DE 15 DE JANEIRO DE 1786.
DA
ACADEMIA DOS OBSEQUIOSOS.

Dubitare non poſſumus , niſi plane in Phyſicis plumbei ſumus : quum nihil animis ſit admixtum , nihil concretum , nihil copulatum , nihil duplex ; quod quum ita ſit .... nec dividi , nec diſcerpi , nec diſtrahi poteſt. M. T. C. Tuſcul. I.

QUando eu vejo em Vós todos , S. S. A. A. hum corpo illuſtre de homens ſabios , conhecidos , por ſuas luzes , e talentos ; quando vejo a minha ineptidaõ , e fraqueza para apparecer por meio dos meus eſcritos na voſſa preſença ; quando ſou obrigado a diſcorrer em poucas horas , ſobre hum ponto que tem cançado muitos annos o genio dos grandes homens , con-

feſ-

feſſo que ſinto vacillar a minha alma na grandeza do meu projecto. Eu de nenhum modo me ſubmetteria ao pezo deſte empenho, ſe me naõ lembraſſe ao meſmo tempo da benevolencia, com que ſou convidado a apparecer no meio d'huma Aſſemblea, que honra a Patria, e o Seculo, eſclarecendo a humanidade com ſeus trabalhos. Eſte dever pede hum ſacrificio de reconhecimento. Eu o faço principiando a tratar o argumento.

Os ſimplices, e precioſos termos da queſtaõ, me diſpenſaõ de fazer huma narraçaõ miuda ſobre a origem, augmento, e variações do materialiſmo. A brevidade do tempo tambem naõ ſoffre que eu examine eſte ſyſtema na vida de Anaximandro Mileſiano, de Anaximenes, e Leucippo, antigos patriarcas dos materialiſtas. Naõ ſallarei deſte erro combatido por Socrates, Plataõ, e muitos outros ſabios Gregos; depois reſuſcitado por Hermogenes, debatido em quaſi todos os Seculos, até que Joaõ Lok, e Fabricio quizeraõ nos ultimos tempos debaixo de pretexto de Religiaõ tirar o nó de repugnancia entre materia, e penſamento. Nem taõ pouco intentarei vindicar os nomes illuſtres de Santo Ireneu, Origenes, Tertulliano, Santo Hilario, Santo Ambroſio, e alguns outros Padres da Igreja, que os materialiſtas intentaõ juntar ao Catalogo dos ſeus fautores. Nada diſto farei. Os preciſos termos do ponto me obrigaõ, e limitaõ a moſtrar a invencivel repugnancia entre materia, e penſamento. Para o fazer com

com mais ordem , eu avanço as duas ſeguintes propoſiçõẽs.

I. *A materia naõ póde ſer eſſencialmente cogitante.*
II. *Naõ póde tornar-ſe cogitante por diſpoſiçaõ das partes.*

D. I.

SUppoſto que naõ conheçamos a fundo *toda a Eſſencia Fyſica* de qualquer ente , e por iſſo naõ ſaibamos todas as ſuas propriedades, com tudo, deſcorrendo Methafyſicamente chamamos Eſſencia de qualquer coiſa o aggregado de attributos , que ſaõ inſeparaveis da meſma coiſa ; que a acompanhaõ em qualquer circumſtancia; que a diſtinguem intrinſecamante de tudo o mais, e fazem que ella ſeja aquella, e naõ outra, e que ſem elles a coiſa naõ póde exiſtir , nem conceber-ſe. Pelo contrario , quando nós vemos alguma qualidade mudada, ſegundo a diverſidade de circumſtancias, logo dizemos que eſta qualidade naõ era eſſencial, porque naõ era inſeparavel do ente. Eſta he a linguagem dos Filoſofos ſinceros.

Vemos pois na materia em todo o tempo, em todas as circumſtancias, ſempre, eſtes attributos: *Inerte, ſolida, e diviſivel*: vemos que elles em toda a circumſtancia , e a pezar de todas as modificaçõẽs ſempre a acompanhaõ , e diſtinguem de tudo o que naõ he materia: vemos que ſem elles ſe naõ acha porçaõ alguma

de materia (a) nem meſmo ſe póde conceber. Inferimos logo, que eſtes attributos ſaõ eſſenciaes, ou a eſſencia meſma da materia.

He principio certo que nenhuma coiſa póde conſtar eſſencialmente de attributos que ſe deſtroem, e repugnaõ. Senaõ, veriamos o meſmo ente ſer, e naõ ſer. Logo ſendo a materia eſſencialmente *Inerte*, *ſólida*, *e diviſivel*, repugna qne ao meſmo tempo ſeja eſſencialmente *Activa*, *e Livre*, *Penetravel*, *e Simplex*, pois como ſaõ attributos oppoſtos fazem contradicçaõ eſſencial.

Ponderemos agora o que he o penſamento. Quando eu penſo, concebo imagens de objectos, combino-as, ſeparo, junto, medito, eſcolho, deſprézo, amo, e medito outra vez ſobre tudo iſto, que fiz; de novo julgo, pinto os meus penſamentos antecedentes n'hum ſó momento, recordo-me delles, reflicto nelles, diſcorro, ordeno, e demoſtro, &c. A conſciencia de cada qual o adverte deſta verdade, que como he de intimo ſentido naõ ſoffre outra prova, mais que aquella que reſulta do teſtemunho intimo, e bem ſenſivel de todo o genero humano. Se eu obro, e obro com eſcolha, ha no meu penſamento huma *actividade*, *e liberdade* que como diſſemos, repugna com a *Inercia*. Se eu junto

(a) Eſta propoſiçaõ que ſerve de principio á demonſtraçaõ he taõ geralmente recebida dos Filoſofos, e de tanta evidencia Fyſica, que por iſſo me naõ demoro em aprovar. Todos os Fyſicos a põem na luz da mais exacta clareza.

to muitas idéas n'hum ponto, n'hum momento, ha na minha cogitaçaõ huma *penetrabilidade*, que deſtroe a ſolidez da materia. Se eu cogito com ſimplicidade; ſe cada penſamento he hum, e individuo, eſta ſimplicidade deſtroe a *diviſibilidade* da materia. Logo repugna com a natureza, e eſſencia da materia, a materia, e eſſencia do penſamento. Q. E. D.

O meſmo Lok, grande fautor da oppiniaõ contraria, no Livro II. Cap. XXIII. do ſeu *Enſaio*, diz, que pelas idéas da liberdade, e da percepçaõ, &c. ſe fórma taõ clara idéa das ſubſtancias eſpirituaes, como pelas idéas da ſolidez, e compoſiçaõ, &c. ſe fórma idéa clara da ſubſtancia material. Tanta he a força da razaõ, e da verdade, que obriga aos ſeus meſmos inimigos muitas vezes a fazer-lhe ſinceras confiſſões. A' viſta do que bem ſe conhece a intrinſeca repugnancia do penſamento com a materia.

Além de que, ſe a materia pudeſſe ſer eſſencialmente cogitante, em todas as partes da materia appareceria a cogitaçaõ, aſſim como apparece a ſolidez, a inercia, e a diviſibilidade. Iſto he huma ridicula quimera, boa para os tempos, em que os rochedos, e as arvores ſeguiaõ a Cithara de Orfeo. Se o penſamento pudeſſe ſer effeito da materia, ou ſeria o penſamento falta de acçaõ, e proprio effeito da inercia, o que repugna com a eſſencia da cogitaçaõ, ou ſeria acçaõ da materia. Ser acçaõ da materia repugna com o attributo da inercia inſeparavel da materia; donde ſeriamos obri-

gados a ſoffrer hum contradictorio : *Materia inerte, e naõ inerte; activa, e naõ activa; livre, e naõ livre para a eſcolha dos ſeus juizos, &c.* o que manifeſtamente repugna em termos.

Mas dado, por hum pouco, que a materia pudeſſe fazer a acçaõ do penſamento. O penſamento ſeria hum movimento material. O movimento *hum, e individuo*, ſe eu poſſo fallar aſſim, he a paſſagem do corpo movel de hum lugar a outro. Logo ſeriaõ tantos penſamentos, quantos movimentos: tantos movimentos, quantas diverſas areas, por onde elle ſe fizeſſe, e quantas diverſas direcções. Iſto ſuppoſto, vemos que o entendimento junta muitas, e diverſas cogitações, n'hum ſó momento, n'hum ſó ponto; como v. g. eu ſinto eſtando em hum jardim o cheiro das flores, vejo as cores que o matizaõ, diſtinguindo as arvores, ramos, e folhas; experimento a doçura dos frutos, oiço o ruido das fontes, e o murmurio do vento, ſinto a branda viraçaõ do zefyro que refrigera da calma, e ao meſmo tempo juntando todas eſtas idéas, reflicto que eu conheço tudo iſto, e julgo que o lugar he agradavel. Como poſſo eu pois unir n'hum ponto eſtas cogitações, ſe ellas ſaõ diverſos movimentos por diverſas direcções, em diverſas areas? Como poſſo unir eſtas particulas movidas n'hum ponto ſem deſtruir a ſua inpenetrabilidade, ou ſolidez? Como poderei dar-lhes eſta acçaõ unitiva ſem que deixe de ſer inerte a materia? Ou como as unirei com tanta ſimplicidade, ſem deſtruir a ſua com-

compoſiçaõ! Logo ou eſtas acções naõ naſcem, nem podem naſcer de materia *inerte*, *ſolida*, *e diviſivel*, ou ſe naſcem temos ente contradictorio na ſua eſſencia. Iſto repugna: logo repugna que a materia penſe. Q. E. D

II. PROP.

Naõ póde a materia tornar-ſe cogitante pela diſpoſiçaõ das ſuas partes.

A Diſpoſiçaõ, Structura, e Mecaniſmo das partes da materia, naõ he mais do que huma modificaçaõ. As modificaçõẽs naõ podem deſtruir os attributos eſſenciaes da coiſa modificada. Modifique-ſe, quanto ſe imaginar a materia. Se ella he materia, ſempre ha de ter os attributos eſſenciaes de *inerte*, *ſolida*, *e compoſta*. Logo ſempre ha de repugnar com o penſamento, como aſſima diſſemos. Logo ſempre repugna á materia o penſar, ainda que tenha quantas modificações ſe lhe poſſaõ imaginar. Q. E. D.

Além diſto ſe a modificaçaõ das partes da materia foſſe a origem dos penſamentos, eſtes ſeriaõ ſempre proporcionados á meſma combinaçaõ das partes. Sempre nos offereceriaõ huma imagem corporea: por conſequencia nada poderiamos penſar dos objectos eſpirituaes, das operações meſmas da alma, e por conſequencia naõ poderiamos ter conſciencia, ou cogitaçaõ da cogitaçaõ. Porque, ſendo o penſamento acçaõ mecani-

nica naſcida da combinaçaõ das partes da materia, como poderia elle ter hum movimento de movimentos; iſto he, huma cogitaçaõ de cogitaçaõ ? Iſto faz huma quimera , que ſó cabe no eſquentado cerebro de hum materialiſta. Logo como as cogitações ſe oppõem eſſencialmente á materia, e por outra parte ſe naõ póde explicar a ſua natureza, com a origem material, a pezar de quantas combinações ſe imaginem na materia , elle ſe naõ póde tornar cogitante. Q. E. D.

Em vaõ Fabricio, e Lok pertendem illudir-nos com a maſcara de religiaõ. Em vaõ dizem que he attentar contra a Omnipotencia, negar que a materia póde penſar : por que Deos podia dar-lhe o dom do penſamento. Eſpecioſo pretexto ! Mas examinado logo moſtra, quanto he frivolo. He verdade que Deos creou os entes , e lhes deo attributos a ſeu arbitrio. He verdade, que em vez de lhes dar os que hoje tem, podia dar-lhes outros. Mas eſte argumento naõ prova que lhos déſſe, pois além de que de potencia para o acto naõ vale o argumento, a paſſagem de Lok aſſima citada contradiz eſte ſyſtema, de que elle ſe quiz valer, para cortar o nó da queſtaõ.

Demais : ſe Deos creaſſe a materia capaz de penſar, ſeria materia activa, e naõ inerte, penetravel, e naõ ſólida; ſimplex, e naõ diviſivel. Iſto he, ſeria materia inteiramente diſtinta do que hoje vemos. Deſta he a queſtaõ, e deſta dizemos livremente, que Deos lhe naõ podia dar o dom do penſamento. Por quanto, a Omni-

po-

potencia he o dom, ou força de fazer tudo o que naõ repugna. Repugna, que a materia seja, e naõ seja inerte, &c. Logo repugna que Deos lhe podesse dar dom de pensamento. Podia Deos fazer o Sol escuro desde o principio; o homem quadrupede, a materia livre, e activa: mas este naõ seria a materia, o homem, o Sol que hoje he: *Aliás*, poderia Deos fazer o Sol escuro, e brilhante a hum tempo, o homem bipede, e quadrupede, a materia inerte, e activa. Isto he, huma extravagancia taõ estranha, que só imaginalla he offender a Eterna Sabedoria. Quando pois Lok, e seus sequazes, nos mostrarem, que naõ repugna o ser, e naõ ser inerte, entaõ nós lhes concederemos, que Deos podia fazer a materia cogitante. Entaõ justamente nos arguíra, de que nós querendo medir immensos espaços com pequenas linhas, intentamos limitar a Divina Omnipotencia.

Francisco José da Costa.

A's Auguſtas, e Sabias Providencias de Sua Mageſtade Fideliſſima.

O D E.

COmo o Chaos medonho ſe revolve
Em torbilhões de nuvens denegridas,
E de humas após d'outras ſe diſſolve,
Tornando-ſe mais claras eſparzidas!
Como em fim diſſipadas apparece,
O que era informe Monſtro, feio, e ingente
A obra mais luſtroſa,
Naõ dos mortaes, dos Deoſes Sempiternos.

Que luz inextinguivel o eſclarece
Immenſa, pura, eſtavel, e luzente,
No mundo candidiſſima, e formoſa,
Digna filha dos Immortaes Supernos:
A luz maior excede á luz de Eſtrellas,
Naõ como o Sol, que mais de perto incende,
Moſtra as côres puriſſimas, e bellas,
Alegra, vivifica, e nunca offende.

Palacio Sumptuoſo, Egregio, Auguſto,
De portas de ouro, de alicerce eterno,
Em que naõ póde o Involador (a) robuſto,
Aonde o exterior cede ao interno,
A Eſmeralda, Chryſolitho, e Safira,
Saõ as ſuas Columnas Mageſtoſas,
He todo o pavimento
O Diamante, que ás luzes ſe parece.

Aqui naõ arde a devorante Pyra,
Nem reſoaõ as vozes amoroſas,
Em Regio, Auguſto, e Divinal Aſſento,
Virtude eterna, candida apparece,
Cercada dos Heróes, que fama, e gloria
Merecêraõ por feitos ſignalados,
Que inda vivem no Templo da memoria,
Contra o poder do Tempo, contra os Fados.

Alli n'uma Cadeira menos alta
O terror Sarraceno (b) eſtá ſentado,
Eſtaõ o Filho, e o Neto (c), que os exalta,
Já mais das ferreas armas deſcançado,
Sinco Affonſos levantaõ eſtandartes,

Dois

(a) O Involador robuſto he o Tempo, que deſtroe tudo, &c.

(b) O Senhor D. Affonſo, Rei de Caſtella, Pai, e Sogro do Senhor Conde, o Senhor D. Henrique.

(c) O Senhor Conde D. Henrique, e ſeu filho o Senhor D. Affonſo Henrique, I. Rei de Portugal.

Dois Sanchos, hum Diniz, e hum Fernando,
Ornados, e cingidos,
De verdes Mirtos, de frondentes Louros.

Do Mundo geralmente as quatro partes,
Abraçáraõ fiéis o Auguſto mando;
Em torno delles moſtraõ-ſe eſculpidos
De portentoſos feitos mil theſouros;
Seguia-ſe ElRei Duarte ſabio, e juſto,
Dom Manoel, e o amor da ſã Juſtiça, (a)
De aſſaſſinos crueis terror, e ſuſto,
Freio de uſurpações, e da injuſtiça.

Cuberto de armas o infeliz (b) Guerreiro,
A quem o proprio Marte (c) havia armado,
Mais forte, e ainda mais aventureiro,
Pelas mãos de infiéis enſanguentado:
Moſtra na eſpada a inſcripçaõ valente,
Pelo amparo de Jupiter (d) temido,
De Jove reſpeitoſo,
Vencida naõ, mas de vencer cançada.

(a) O Senhor Rei D. Pedro I. denominado cruel, &c.

(b) O Senhor Rei D. Sebaſtiaõ, que morreo na Batalha de Alçacer Quivir.

(c) Marte, he o Deos da Guerra.

(d) Jupiter, he o Superior dos Deoſes.

O conſtante Varaõ, ſabio, e prudente (a)
Do rubricado Tyro reveſtido,
Anima as fracas forças preſſuroſo,
Une ao Baculo a Coroa illuminada,
Tres Auguſtos Joões, hum Rei Joaõ quarto,
Embravecidos Leões deſpedaçando,
Já de abatelles glorioſo, e farto,
Nas mãos de Pedro (b) o Sceptro vai largando.

A alada Deoſa no clarim verboſo (c)
Fórma o Brazaõ do Imitador de Auguſto, (d)
Os denſos ares fende o Mageſtoſo
Canto d'altas acções, ſó delle juſto;
Sobre as chammas vorazes apparece
Vencedor de Elementos, e dos Fados
O Succeſſor (e) potente,
Exemplar da Conſtaneia, e da Seieneia.

Em Throno Auguſto, e Colloſſal ſe offerece
Da maſſa dos Planetas elevados,

Hum

(a) O Senhor Cardeal D. Henrique, que ſuccedeo na Coroa ao Senhor Rei D. Sebaſtiaõ.

(b) O Senhor Rei D. Pedro II.

(c) A Fama pregoeira das acções illuſtres.

(d) O Senhor Rei D. Joaõ V. Exemplar dos Ceſares.

(e) O Senhor Rei D. Joſé I., que preſenciou o terremoto, e reformou os Eſtudos da Univerſidade.

Hum animo, e hum caracter (a) eminente;
Que impera o Templo (b) da Immortal Clemencia,
A Deoſa (c) do ſemblante penſativo,
Da mortifera (d) guerra, e da riqueza, (e)
Em torno o cercaõ de perfume activo
As tres Graças (f), e a Deoſa da Belleza. (g)

Ao lado da Virtude he que ſe aſſenta,
Da Divina vírtude o exemplo, a gloria,
Que liberal, e próvida ſe oſtenta,
Inveja dos annaes, e da memoria,
Impunha o aureo Sceptro, cinge a Coroa,
Leis ſagradas promulga, e ſabia inſpira,
Por ficar Juzes dando,
Como o Sol illumina a todo o Mundo.

Venturoſa Ulyſſéa (h) o canto entôa
Da tua nunca tanto digna Lyra,
Em honra da Heroina vai louvando

O

(a) A Rainha Fideliſſima Noſſa Senhora.
(b) O Templo da Virtude, que fica pintado na terceira Strofe.
(c) A Deoſa Minerva, Deoſa da Sabedoria.
(d) A Deoſa Pallas, Deoſa da Guerra.
(e) A Deoſa Juno, Deoſa da Riqueza.
(f) As tres Irmans Caſtas, filhas de Jove, e Eurinome.
(g) A Deoſa Venus, Deoſa da formoſura.
(h) Ulyſſéa he Lisboa, tirando o nome do ſeu Fundador Ulyſſes, Rei de Ithaca.

O Governo, o ſaber, alto, e profundo,
Lança ſobre o Coloſſo immenſas flores,
Poſto, que a juſta Fama naõ alcances,
Leva ás terras extremas ſeus louvores
Rompe o ar, fere o Pólo, e naõ deſcances.

Por hum Obſequioſo Socio.

Ao Aſſumpto Heroico da Academia dos Obſequioſos, em a Seſſaõ do dia 13 de Agoſto de 1780., ſobre as Providencias de Sua Mageſtade.

O D E.

A Guia do Sol ás luzes me remonto,
Batendo as azas de ouro!
Em circulos velozes gyro a Esféra,
Novo eſpirito me inflamma!

Os doze Signos todos tóco, e conto,
Enramado de louro!
Chego ao Palacio, onde Apóllo impéra, (a)
E alli me cinge de huma nova rama,
Meu plectro entôa, a minha Lyra affina,
Só hoje excelſa, e de louvores digna!

Que

(a) Apóllo, Deos da Poeſia, e habitador da Beocia Montanha; ou Monte Parnaſo, Superior das Muſas.

Que formoſa, e riquiſſima Donzella (a)
Aligera ſe apreſſa,
Correndo as quatro partes do Univerſo,
A via lactea entrando!

Póde outra Thebas (b) conſtruir-ſe della!
A doce voz naõ ceſſa!
O cruel Radamantho (c) he já diverſo!
Eſtaõ ambos os Pólos retumbando!
He a Deoſa dos échos portentoſos,
A mãi dos faſtos nobres, e luſtroſos.

O mais ſoberbo, e mais valente touro, (d)
Traz ſobre ſi ſentada,
Huma antiga mulher forte, e robuſta,
As flores de Amalthéa!

Em torno ſe reveſte de hum theſouro,
De facha abrilhantada,

De

(a) A Fama veſtida de azul celeſte, com azas de pennas brancas, com hum coraçaõ ao peſcoço pendente de huma cadeia de ouro, com huma trombeta na dextra, e na eſquerda hum ramo de oliveira.

(b) A Cidade conſtruida pela ſuavidade do Cithariſta Anfiaõ, filho de Jupiter, a cujo ſom amanſava as féras, abrandava aſperrimos penedos, e levava as arvores robuſtas.

(c) Radamantho, o Deos do Inferno, marido de Proſerpina.

(d) Jupitor, Superior dos Deoſes, disfarçado em toiro, e roubador de Europa, filha de ElRei Agenor, a qual ſe pinta com o Sceptro generoſo de Amalthéa, que he hum cópo de flores.

De diſtincta Coroa, rica, Auguſta,
Mais ſcintillante, do que a luz Febea, (a)
De brancas veſtes de real ornato,
Huma das Deoſas, ou o ſeu retrato!

A ſciente Minerva (b) traz ao lado,
Os Codigos abrindo, (c)
Fazendo executallos dignamente,
A incorrupta Aſtréa! (d)

Com o eſcudo de ouro, e levantado,
A eſpada vem brandindo
O ſanguinoſo Marte, (e) mas prudente,
Na ſublime Donzella ſe recreia;
A mais chuſma dos Deoſes vem diante,
Em hum ſoberbo carro de diamante!

Já vejo, que pulſando as patas ferreas,
Os rapidos Etontes, (f)
Dos olhos reſpirando vivo fogo,
Vivo fogo ſcintillaõ!

(a) Febo, he o Sol.

(b) Minerva, a Deoſa da Sabedoria, filha da Mente de Jupiter, a Rainha das Artes, e inventora de ſuaves verſos.

(c) Os volumes, ou ajuntamentos das Leis juſtas.

(d) Aſtréa, a filha de Jupiter, e de Themis, que he a Deoſa da Juſtiça.

(e) Marte, o Deos da Guerra, filho da Deoſa Juno.

(f) Os cavallos do Sol.

Pelo ar ſe levantaõ nuvens terreas,
Deſcem raios de Brontes; (a)
Porém deſfeitos apparecem logo,
Medonhos animaes, que o ar ſibilaõ;
Por ſua ordem todos vem marchando,
Todos alegres, todos vem clamando.

Huma adulta Donzella (b) me apparece,
Ornada de brilhantes,
De Corpo formoſiſſimo compoſto,
De pennas encarnadas!

Veſtida de mil cores ſe enriquece,
De pedras rutilantes,
De cor vermelha, como a cor do roſto,
Cingida de açucenas engraçadas,
De flores nividiſſimas, de roſas,
De rubins, e de pedras preciosas!

Mais nobre do que os Nobres, mais diſtinta
Na qualidade extenſa,
Em cujo ſangue nunca vio miſturas
O Mundo deſde o berço.

Na

(a) Brontes, officiaes de Vulcano, Deos do fogo, e Author dos raios de Jupiter.

(b) A America.

Na eſquerda moſtra a terra nunca extincta
De huma riqueza immenſa,
Suaves eſtações, doces, e puras,
A abundancia, e o bem ſempre diſperſo,
E debaixo da dextra moſtra o ouro,
A chave, e o cofre do maior theſouro.

Huma máquina forte (a) ſe appreſenta
De pernas, e de braços,
Inda mais fortes, do que cedros fortes,
E de amarellos dentes!

Intrepida, e robuſta repreſenta
Os mais tardios paſſos,
A caminhar para os Penates (b) noſſos,
Deoſes das caſas immortaes, potentes,
Huma India moſtra agigantada, aduſta,
Aſia opulenta, Imperatriz Auguſta.

Os Reis de Calecut, (c) e de Mombaça,
Monſaide, e de Cochim
Com todos os Aruſpices (d) famoſos
Lhe fazem companhia.

(a) O Elefante, ſobre o qual ſe pinta a figura da Aſia.
(b) Os Deoſes, que honravaõ os gentios, dentro de ſuas caſas.
(c) Os Reis, e Nababos da India.
(d) Os vates, ou agoureiros.

O velho Adamaſtor (a) diante paſſa,
Gemendo o triſte fim,
Dos que foraõ ouſados, e vaidoſos,
Diſputando de Jove (b) a primazia,
Por amar a alta Eſpoſa de Peleo, (c)
Por goſto as Deoſas por juſtiça ao Ceo.

Os ſoberbos Leões, Tigres irados,
Vorazes rugidores,
Os Campos de Ulyſſéa (d) vem buſcando;
Hoje menos ferozes.

Da cor nocturna foraõ enſinados,
Dos pretos vingadores;
Que as aljavas por terra vem proſtrando;
Com altos gritos, com alegres vozes,
Vem todos aportar ao Téjo undoſo,
A's aureas praias de cryſtal formoſo.

A

(a) Hum dos Gigantes, filhos da terra, os quaes tendo guerra com Jupiter, foraõ vencidos, e ſepultados debaixo de diverſos Montes, como Adamaſtor transformado no Cabo da boa Eſperança; alguns Poetas, como ſaõ Carlos, Eſtefano, Claudiano, e outros o chamaõ Damaſtor.

(b) Jove, filho de Saturno, e pai tremendo dos Deoſes immortaes.

(c) Thetis, Senhora do Mar, e mulher de Peleo, Rei de Theſſalia.

(d) A' Cidade de Lisboa, denominada aſſim, pelo nome do ſeu deſcubridor Ulyſſes.

A limoſa cabeça gotejando
O rico, e Patrio Téjo
Intenſões na alta idéa diſcorrendo
Inacto, e cuidadoſo.

Ao ſoberbo Tridente (a) conſultando
O juſto, e graõ deſejo,
De improviſo lhe foi obedecendo,
Foi ſatisfeito, alegre, e foi vaidoſo:
Sahio a hoſpedallos regiamente
No graõ Palacio do Real Tridente.

Aurifero, Patrio, e opulento Téjo!
Com que gloria os teus lares;
A univerſal, potente redondeza,
Obſervaõ reſpeitoſa?

O Templo de coral, e aljofar vejo
De Divinos Altares,
Em que Neptuno pôz toda a grandeza,
Obra de hum Deos, divina, e portentoſa;
Aſſento deo ás partes do Univerſo,
Auguſto, rico, divinal diverſo.

De

(a) Neptuno, filho de Saturno, o herdeiro do vaſto Reino procelloſo, terrivel Rei do immenſo Oceano, e irmaõ de Jupiter ſupremo.

Depois de hum canto alegre, e ſonoroſo,
De vozes, e inſtrumentos,
Com que as Nereides (a) altos dons cantáraõ
De Thetis, e Neptuno.

Em ar ſereno grave, e mageſtoſo,
Falláraõ dos aſſentos,
Depois, que largo eſpaço deſcançáraõ.
Tu, Niveo Preſidente, e digno Alumno,
Reſpeita as intenções, attende, e ajuda,
E a ſua cauſa immortal ſaûda.

A Fama illuminou-nos, e encaminha,
A Fama pregoeira
De indeleveis acções da illuſtre gloria,
Para ouvirmos, e vermos-

A ſabia, juſta, e ſingular Rainha
MARIA alta, e primeira,
He, quem nos move os paſſos, e a vangloria,
Dos ſeus heroicos faſtos aprendermos;
Quem noſſos corações vem inflammando,
E ſobre elles firmou auguſto mando.

Famoſa Bibliotheca apparecendo
De livros precioſos,

O

(a) As verdes filhas de Doris, e Nereo, que no Reino de Neptuno, gozaõ de Deoſas o immortal deſtino.

O Téjo, acções illuſtres ſoi moſtrando,
E as doutas providencias.

Nos antigos volumes revolvendo
Aſcendentes famoſos,
Exemplos de virtude foi dictando,
Na paz, na guerra, doutos, valoroſos,
As ſabias providencias do Governo
Ao Templo inacceſſivel firme, e terno.

Argenteas folhas, caracteres de ouro
Em livros brilhantados,
Repreſentaõ a Auguſta Deſcendencia,
E as acções glorioſas.

O reſpeito ao graõ Jove, o graõ theſouro,
De feitos ſublimados,
A virtude, o ſaber, e a maõ potente,
A paz, e abundancia proveitoſas;
Os dons celeſtes, com que o Ceo a enchêra,
Donde a ſanta virtude deſcendêra.

Proteo (a) os livros vaticos abrindo
De juſtas predicções,

Foi

(a) O Deos Paſtor do gado Neptunino, filho de Thetis, e do Oceano, Profeta do Mar, e proviſor de todos os futuros, que alça ſobre as ondas a cabeça de verdes limos enredada.

Foi Auguſtos vindoiros deſcrevendo,
De quem deſcenderiaõ.

Monarcas reſpeitaveis deſcobrindo,
Nunca viſtas acçõeſ,
O terror de infieis, forte, e tremendo,
Que ſugeitos em fim ſe renderiaõ,
Que dariaõ inveja a todo o Mundo,
Na abundancia, e ſaber grande, e profundo.

Da propria maõ as partes do Univerſo
Alegres, e contentes
Nos proprios coraçõeſ vos eſtampáraõ,
Por gloria ſua, e minha.

Nos livros de Proteo com doce verſo
Louvores eminentes,
Com letras rubicundas debuxáraõ,
E em voſſa Eſtatua, oh Provida Rainha;
Praticáraõ ſolemne juramento,
De homenajem, reſpeito, e rendimento.

Por hum Alumno.

En

En occazion del cumple años del Mageſtade Fideliſſima, ElRei D. PEDRO III. Nueſtro Señor.

Ala Sereniſſima Señora D. CARLOTA JOAQUINA, Infanta de Eſpaña.

SONETO.

DEl Gran PEDRO tercero años dichozos
Contad en hora buena, Auguſta Infante;
Joga como Sol vueſtro ſemblante
Los dias de ſu vida ſiempre hermozos:

Del Heroe Portuguez dones famoſos
Aplauda vueſtra luz a todo o inſtante,
Y pues ſois Nuera amada al Suegro amante
Hazed en ſu honor cultos honrozos:

De nueſtra patria el Padre ſabio, y juſto,
En Throno de immortal merecimento
Exiſta, ſin le dar Cloto algum ſuſto:

Permaneſcan deſde oy pormas protento,
Los años del Monarcha a vueſtro guſto,
Vueſtros oyos por ſu contentamiento.

Reverente beza la Mano de V. A.

D. Marianna Victoria Tallaia Collaço de Caſtello Branco.

DISERTAÇAÕ

SOBRE A FELICIDADE QUE TEM PORTUGAL,

EM TER A RAINHA

NOSSA SENHORA,

POR SUA SOBERANA,

EM SER A MESMA SENHORA HUM ARCHETYPO

DOS VERDADEIROS REIS,

E SER A PRIMEIRA SOBERANA,

QUE

REINA EM PORTUGAL.

PELO BACHAREL

JOAÕ ROSADO DE VILLALOBOS,

E VASCONCELLOS,

Professor Regio de Rethorica, e de Poética,

na Cidade de Evora.

Indocti discant, & ament meminisse Periti.

JA' que tenho a fortuna de ſer aſſociado ao numero daquelles, que tem a honra de entoarem os Elogios da noſſa Fideliſſima Soberana; menos pelos meus talentos, do que pela minha felicidade; já que tenho o prazer de fallar no brilhante concurſo de tantos Eſpectadores, taõ fiéis Vaſſallos da Rainha Noſſa Senhora, como empenhados em dilatar a ſua gloria por todo o mundo conhecido; permetti, Senhores, e dai eſta liberdade ao profundo reſpeito da minha vaſſallagem, e da minha admiraçaõ, para que levante agora a minha fraca voz no meio dos echos ſuaviſſimos dos voſſos Elogios, para tambem cantar a gloria da noſſa Soberana, e dizer os juſtiſſimos motivos do meu alvoroço.

Porém eu temo, que a grandeza do aſſumpto faça deslembrar o meu entendimento; e que em vez de avivar a minha imaginaçaõ me perturbe as idéas, e confunda as expreſſões. A feeundidade do argumento ſerá por iſſo capaz de empobrecer o Orador. Tal he a Mageſtade do objecto, que elle baſta para confundir a Eloquencia! Mas vós, Senhores, que ſois teſtemunhas oculares, e irreprehenſiveis do goſto de toda a Naçaõ, das virtudes da Noſſa Soberana, e do júbilo público de ver reinar ſobre os Portuguezes, pela primeira vez huma Soberana, taõ digna do Throno pelas ſuas heroicas virtudes, como pelos direitos da natureza, ſup-

prí

prí vós a tudo aquillo que ſaltar á minha narraçaõ, e á minha Eloquencia.

Certo neſte ſavor, e bondade, farei diligencia por moſtrar, qual he a felicidade dos Portuguezes em terem por ſua Soberana, a Rainha Noſſa Senhora; que gloria reſulta ao Eſtado, em ſer a meſma Senhora hum Archetypo dos verdadeiros Reis; e finalmente, qual he o júbilo público de ſer a dita Senhora a primeira Soberana, que reina em Portugal.

Mas tu, liſonja atrevida, e impertinente, que com o teu incenſo artificioſo te miſturas inſenſivelmente, até dentro do Santuario; que desfeias ordinariamente os mais bellos quadros da virtude, até contra a vontade dos pintores, que os fazem; foge de mim, aparta, retira-te. Deixa ſallar a candida, e ſincera verdade; porque neſta occaſiaõ naõ temos neceſſidade dos ornamentos, e artificios da arte. A natureza he bella, eu naõ farei mais do que moſtralla em toda a ſua extenſaõ, e belleza; ſe as cópias ſaõ capazes de moſtrar as delicadezas de hum excellente Original!

Os Reis ſabios, e juſtos ſaõ dados por Deos aos Póvos, para ſua conſolaçaõ, e amparo; aſſim como os máos ſaõ outro tantos flagellos com que Deos caſtiga os homens. O Senhor o diſſe já aſſim aos Hebreos; e o theatro da hiſtoria eſtá cheia deſtes perſonagens. A Soberana authoridade do ſeu real Caracter, a viva imagem que tem impreſſa da Divina Mageſtade, o profundo reſpeito, e acatamento, com que os póvos obedecem

cem aos ſeus Reaes Decretos , a promptidaõ da ſua eéga, mas voluntaria obediencia, tudo iſto, vem neceſſariamente a redundar em utilidade , ou prejuizo dos Póvos, conforme a bondade, ou dureza dos Summos Imperantes da terra.

Aquelles meſmos que ſaõ indifferentes para o bem, e para o mal, naõ deixaõ de ſer importunos, e pernicioſos aos póvos : eſtes ſaõ aquelles deſgraçados Soberanos, de que coſtumaõ abuſar os ſeus Miniſtros; e os quaes pela abuſaõ, e dureza dos que os governaõ, ſaõ a preza das ſuas paixões, e vem a ſer, em conſequencia de tudo o referido , o flagello dos Vaſſallos , e a origem de todas as ſuas deſgraças.

Quando os Politicos contemplaõ o prejuizo a que eſtá expoſta a miſeravel natureza , e particularmente o alto earacter dos Soberanos ; deſejaõ neſte caſo, que a Providencia lhes aſſiſta com os conſelhos de hum ſabio, e prudentiſſimo Miniſtro, que eſte, tendo toda a ſua privança , tenha tambem toda a Real authoridade da ſua Soberania. Se o remedio he util para o enfermo, naõ deixa de lhe ſer muito amargoſo, e de triſtes conſequencias para os Póvos, que antes deſejaõ ſer mal governados pelo ſeu legitimo Soberano , do que bem ſervidos por hum Miniſtro ſabio. Mas tambem eſte he outro prejuizo do capricho dos homens.

Mas quando elles vem que as virtudes Reaes do ſeu Soberano, ſaõ a honra da humanidade, quando conhecem que ſaõ como Trajano, e Tito os Pais da Patria,

tria, e as verdadeiras delicias dos Póvos, neſte caſo, naõ ceſſaõ de louvar a Providencia, de bendizer o Principe, e de ſe alegrarem com Platão, de terem naſcido no Seculo de Socrates. Eis-aqui tendes, Senhores, quaes ſaõ os ſentimentos dos Portuguezes neſte Seculo; qual he a linguagem da Naçaõ, a reſpeito da noſſa Auguſtiſſima Rainha, e quaes ſaõ os votos que ella offerece á Soberana Providencia, pela ſua conſervaçaõ, e proſperidade.

Se eu ſallaſſe agora em nome de toda a Naçaõ, como a 17 de Dezembro, no dia Fauſtiſſimo de ſeus Reaes Annos, ou como Vaſco da Gama em Camões, ao Rei de Melinde, que naõ conhecia, nem o Senhor D. Emanuel, nem a Naçaõ Portugueza, ſeria preciſo fazer agora huma extenſa narraçaõ das ſuas admiraveis qualidades: mas vós conheceis muito bem as ſuas Reaes virtudes, e que a Noſſa Gracioſiſſima Soberana com o Amor, e Reſpeito dos ſeus fiéis Vaſſallos merece toda a noſſa admiraçaõ, toda a noſſa alegria, e complacencia.

Aquelle goſto exceſſivo, aquelle tranſporte de júbilo público, que enloquèceo de prazer a todos os Portuguezes, e com que todos celebrámos a ſua Auguſta Acclamaçaõ, era hum preſagio ſeguro da noſſa felicidade, da honra, deſcanſo, e fartura, com que hoje vivemos. Eſta riqueza, eſta paz, eſte reſpeito, eſtas inſtrucções, e trabalho induſtrial, eſta tranquillidade pública, e particular, que poſſuimos, donde deſce ſe-

naõ

naõ do Throno! Donde procede ſenaõ da noſſa Auguſta Soberana! Aonde naſce ſenaõ das ſuas beneficencias, do ſeu deſvélo, e do ſeu amor!

Parece, Senhores, que naõ ſomos Vaſſallos, mas que ſomos filhos; que a Noſſa Auguſta Soberana naõ he Rainha, mas ſó Mãi dos ſeus Póvos. Parece, que nas graças que nos faz, quer dar as legitimas aos filhos benemeritos do Eſtado, que eſtaõ emancipados pelos ſeus ſerviços, pelos ſeus talentos, e pelos ſeus trabalhos.

Nemeſis, e Aſtréa imprimíraõ em ſua Auguſta Peſſoa a ſua verdadeira imagem; porque todos louvaõ a ſua Juſtiça, e as ſuas beneficencias.

Nós vemos renovado na ſua Auguſta, e Sagrada Peſſoa, o ſanto zelo dos Affonſos; porque ſe naõ conquiſtamos com a eſpada novas terras para Chriſto, eſta Senhora conquiſta almas em Africa com a ſua liberálidade, e reſgata 514 captivos das mãos dos Sarracenos. Até na America, e na Aſia conquiſta por meio dos Miſſionarios, valoroſos ſoldados de Chriſto, tantas almas para o Ceo, quanto he o fruto que vaõ fazendo aquellas Miſſões; e quaõ uteis ſaõ as inſtrucções dos Miſſionarios da India, tanto aos Ordinandos, como a todo o Clero.

Alli vemos fundados Seminarios, para a inſtrucçaõ dos Mancebos; eſtabelecida huma Caſa da Congregaçaõ da Miſſaõ, para inſtruir o Clero, e prégar o Evangelho, e reſtabelecido o Santo Tribunal da Fé, para

vigiar na pureza dos Dogmas, e na ſantidade dos coſtumes. E finalmente ſabemos que eſtaõ preparados muitos Prélos, e Artiſtas, para propagar por meio da Impreſſa naquelle Paiz os frutos das inſtrucções, e da literatura.

Vemos outra vez renovada na ſua Auguſta, e Sagrada Peſſoa a Religiaõ do Senhor D. Manoel, e do Senhor D. Joaõ III. na fundaçaõ de novos Conventos, Moſteiros, e Templos dentro, e fóra de Portugal. Neſte feliz Reinado vemos, como naquelles, as Religiões reformadas, os Regulares reduzidos a vida Clauſtral, os Moſteiros honrados tantas vezes com as ſuas Reaes, e Religioſiſſimas viſitas, e todas as Religiões, ou Aſſociações piedoſas, livres dos cargos do Eſtado, para moſtrar por eſtas iſenções, o quanto deſeja honrar a Igreja, e a piedade pública.

Nós vemos reanimado na ſua Auguſta, e Sagrada Peſſoa o amor Patriotico do Senhor D. Sancho, pela Soberana protecçaõ da Lavoura, pelas Sociedades Patrioticas, que tem fundado, e por outra Eborenſe, que approvou no Plano que fiz para eſte fim, e que ſubio á ſua Real Preſença pela Junta das Fabricas. Eſte meſmo eſpirito ſe vê confirmado por tantos, e taõ ſingulares beneficios, que tem recebido todo o corpo dos Lavradores; e que todos os dias eſperaõ das ſuas Reaes beneficencias: merecendo, por eſta protecçaõ, como o Senhor D. Sancho, o glorioſo titulo *de bom Lavrador.*

Nós

Nós vemos renovado na ſua Auguſta, e Sagrada Peſſoa o eſpirito literario do Senhor D. Diniz, pela fundaçaõ, e criaçaõ de novas Aulas, de novas Sciencias, e Artes, e de brilhantes horiſontes, que ſe vaõ deſcobrindo aos olhos dos ſeus Vaſſallos. Que progreſſo naõ fará a Hiſtoria natural com os novos indagadores, que a noſſa Soberana mandou buſcar á Univerſidade, e que eſtaõ deſtinados para examinar os tres Reinos em os noſſos Eſtados da America! O Muſeo que manda fazer no ſitio de Noſſa Senhora da Ajuda, e o Jardim Botanico adjacente, moſtrará em todos os tempos, até onde ſe dilata a ſua vaſta comprehenſaõ, e talentos.

Nós vemos excedido hoje no ſeu feliciſſimo governo, o commercio do tempo do Senhor D. Fernando, e todas as providencias, que eſte Monarca deſtinou para elle, e para a Marinha. A Junta das Fabricas, deſtinada ao progreſſo da Lavoura, e das Manufacturas, e a promover a induſtria nacional, fará em todos os tempos eſcurecer aquellas antigas diſpoſiçõeſ, e lembrar em todos os Seculos a Soberana protecçaõ da noſſa Clementiſſima Rainha, tanto pelos deſvélos, com que eſta Junta promove os ditos objectos, como pelos cuidados, e providencias, que deſtina para o futuro.

Nós vemos renovada na ſua Sagrada, e Auguſta Peſſoa a Politica ſã, e delicada do Senhor D. Joaõ II., e que pelo ſeu feliciſſimo Governo, mereceo o glorioſo titulo *de Principe Perfeito.* Aſſim tambem vemos ho-

je na ſua Sagrada Peſſoa excedida a Religiaõ, e a piedade do Senhor Rei D. Manoel, e D. Joaõ III., tanto pela ſoberana protecçaõ da Igreja, como pelos novos cultos, que fez dedicar aos Sagrados Corações de JESUS, e de MARIA, e por tantos documentos Auguſtos, e authenticos da ſua Real Piedade, Religiaõ, e Caridade.

Vemos finalmente renovada na ſua Auguſta, e Sagrada Peſſoa, a magnificencia, grandeza, e piedade do ſeu Auguſto Avô, o Senhor Rei D. Joaõ V., e a conſtancia, ſabedoria, e amor dos ſeus Vaſſallos, do ſeu Auguſto, e grande Pai, o Senhor D. Joſé I. de feliz memoria: de ſorte, que podemos dizer a eſſe reſpeito o meſmo que os Hebreos, na morte de David á viſta de Salomaõ: morreo o Pai, e parece que naõ eſtá morto, porque deixou em ſua Auguſta Filha huma viva imagem do ſeu eſpirito.

Porém a reuniaõ deſtas heroicas virtudes dos noſſos Soberanos na Auguſta Peſſoa da noſſa Rainha, naõ he a que fórma ſó o ſeu Real caracter, e grandeza; porque nós vemos tambem renovada na ſua Auguſta, e Sagrada Peſſoa, a virtude de Santa Iſabel, Rainha de Portugal, ſua XV. Avó, e eſperamos na Miſericordia do Senhor, e pelos exemplos de virtude da noſſa Soberana, que algum dia cante a Igreja, Hymnos taõ ſuaves á ſua virtude, como hoje ſe fazem Panegyricos á ſua gloria.

Para eu agourar eſta felicidade, naõ tenho mais

que

que reflectir em ver renovado no ſeu eſpirito o meſmo zelo, e caridade para com os pobres, naõ ſó que tinha a Rainha Santa, mas tambem a Senhora D. Leonor, Mulher do Senhor D. Joaõ II., e IX. Avó de Sua Mageſtade, quando auxiliada do ſanto zelo do ſeu Confeſſor, o veneravel Padre Fr. Manoel de Contreiras Trinitario, fundou a Santa Caſa da Miſericordia de Lisboa, que ſervio de modelo a todas as outras do Reino.

Eſte ſanto zelo, e caridade, eſte amor dos Póvos, dos Orfãos, invalidos, e vagabundos, ſe manifeſta deciſivamente na Real Fundaçaõ da Caſa Pia de Lisboa, auxiliada igualmente pelo ſeu Excellentiſſimo, e Virtuoſiſſimo Confeſſor. Ella he taõ favorecida pela piedade da ſua Real Fundadora, e protegida por aquelle exemplariſſimo Prelado, que ſuſtenta empregados em differentes manobras 1442 peſſoas, de ſorte, que pela ſua regularidade, e exactidaõ a podemos comparar á de S. Sulpicio de París, e ao Refugio de Madrid. Eſte monte de piedade, e as ſantas conſequencias, que delle reſultaõ, taõ uteis para a Religiaõ, e para o Eſtado, he taõ agradavel aos olhos de Deos, como util ao Reino; e ao meſmo tempo hum modelo da verdadeira Politica.

Nós vemos ainda outra vez renovada na ſua Auguſta, e Sagrada Peſſoa, a manſidaõ, clemencia, e vigilancia da Senhora D. Catharina, e todos os cuidados, e deſvélos, com que eſta Senhora fez crear o Senhor

D.

D. Sebaſtiaõ, ſeu Auguſto Neto; porque vemos nos Auguſtos Filhos de Sua Mageſtade, Deos os felicite, e guarde, empregadas todas as vigilancias que ſaõ preciſas, para formar Principes perfeitos. A ſua Real Mancidaõ, Clemencia, e Paciencia, com que ouve todos os ſens Vaſſallos, he hum exemplar para todos os Soberanos da terra.

Finalmente nós vemos renovada na ſua Auguſta, e Sagrada Peſſoa, toda a felicidade da Senhora D. Luiza, III. Avó de Sua Mageſtade: porque ſenaõ vencemos Batalhas, vencemos todas as occaſiões da diſcordia, e da guerra, tendo a felicidade de nos conſervarmos ricos, tranquilos, e illéſos no meio das chammas da guerra de toda a Europa.

Nós vemos, em fim, renovada na ſua Auguſta, e Sagrada Peſſoa a Caridade, Prudencia, e Politica da ſua Auguſta Avó, a Senhora D. Marianna de Auſtria, e de ſua piedoſiſſima Mãi, a Senhora D. Marianna Victoria de feliz recordaçaõ, pela paz, ſegurança, e tranquillidade perpétua, que Sua Mageſtade conſerva em todos os Eſtados, e que ſua Auguſta Mãi nos deixou como hum ſeguro penhor, e memorial da ſua Regia prudencia, e amor dos ſeus fiéis Vaſſallos.

Porém a reuniaõ de tantas, e taõ heroicas virtudes, na Auguſta, e Sagrada Peſſoa de Sua Mageſtade, que devemos particularmente á Miſericordia do Altiſſimo; procede tambem pela parte da natureza do Real Sangue de tantos Heróes, que vemos unido na ſua

Real

Real Peſſoa ; e dos Sabios, Prudentiſſimos, e Santiſſimos ſoccorros da Auguſta Mageſtade de ElRei Noſſo Senhor : procedem da influencia, conſelho, e direcçaõ deſte grande Monarca da Europa, que ſendo o III. dos Pedros de Portugal, lhe podemos chamar o primeiro em todas as Reaes, e heroicas virtudes da ſua ſagrada Peſſoa : deſte Pedro, que pelas ſuas immenſas virtudes lhe podemos chamar a pedra firme, em que ſe funda a noſſa felicidade : e que unindo a natureza, e o Sacramento taõ intimamente os ſeus Reaes corações, naõ fórmaõ mais do que huma unica vontade, ſempre empenhada em honrar a Deos, e em beneficiar os ſeus fiéis Vaſſallos.

A' viſta do brilhante caracter da noſſa Auguſta Soberana, Senhores, naõ temos razaõ de nos alegrarmos diante de Deos, por elle ſe ter dignado dar-nos huma viva imagem do ſeu poder, e dotar a ſua alma de tantas, e taõ raras virtudes? Naõ temos nós todos tantos motivos para o noſſo júbilo ? E para pedirmos á Divina Mageſtade, que dilate, proſpere, e felicite ſempre a ſua Real vida, para o bem geral da Monarquia ? E com effeito, eſtes ſaõ, e ſeraõ ſempre os votos, que fará toda a Naçaõ á Providencia, para a noſſa felicidade.

E que difficuldade temos nós agora, Senhores, de conhecer, que por tantas, e taõ ſublimes virtudes, que ornaõ a Sagrada Peſſoa da noſſa Auguſtiſſima Rainha; ella he hum Archetypo, e Modelo dos verdadei-

ros

ros Soberanos ? Naõ vemos nós retratada no ſeu Auguſto Caracter, retratadas, digo eu! excedidas as prendas, e talentos das Semiramis, e das Artemizas ? Naõ vemos da meſma ſorte excedidas todas as virtudes da primeira Czarina da Ruſſia, e de Catharina II., Imperatriz reinante? E eclipſada a gloria de Chriſtina, Rainha de Suecia?

Eu naõ entro no parallelo dos mais Soberanos da Europa, antigos, e modernos : porque recordando na minha memoria todas as illuſtres perſonagens, que honráraõ a humanidade, e que fazem hoje as delicias da Europa, naõ acho em nenhum delles tantas virtudes, tantas excellentes qualidades, como admiro na noſſa Auguſtiſſima Soberana.

Eu naõ acho imagem mais propria do ſeu feliciſſimo Governo, do que o Reinado de Salomaõ: pois vivem os Portuguezes hoje taõ ricos, ſabios, e deſcançados á ſombra da ſua figueira, como os Hebreos no tempo daquelle grande Principe. Correm pela Luſitania, como pela Paleſtina os caudaloſos Rios de Leite, e de Mel, e de que bebem os Portuguezes com abundancia, e fartura : e as Naçõés admiradas da noſſa felicidade, mandaõ os ſeus Embaixadores para ſerem teſtemunhas da noſſa fortuna ; e para que, congratulando-ſe com a noſſa Soberana, buſquem a ſua alliança, e com ella o ſeu commercio, e riqueza.

As Letras, e as Armas, as Artes, e Commercio, que ſaõ as quatro Columnas, que ſuſtentaõ os Eſtados;

dos ſaõ tambem as baſes em que eſta feliz Soberana ſuſtenta toda a Monarquia.

Eu fizera de boa vontade a narraçaõ goſtoſa deſtes artigos, para vos moſtrar todas as ſuas providencias, e que Portugal he hoje a Eſcólla da Politica; ſenaõ eſtiveſſe, como eſtou perſuadido, de que vós o conheceis muito melhor do que eu, e que ao meſmo tempo ſabeis dar-lhe hum mais vivo colorido.

Porém, para naõ paſſarmos taõ rapidamente ſobre eſtes objectos, lançai comigo os olhos para a noſſa Univerſidade, e para as noſſas Eſcóllas públicas; naõ vedes, naõ admirais tantas Sciencias, e Artes eſtabelecidas, e cultivadas, e tantos Lentes, e Profeſſores, occupados no enſino público? Naõ vos enche de goſto, ver tantos Alumnos applicados, e inſtruidos, e outros que já figuraõ no mundo, pela ſua literatura ſã, e depurada?

Lancemos a viſta para as noſſas legiões, e falanges Luſitanas; que vêdes? Naõ admirais hum Exercito formidavel, pela multidaõ, pela diſciplina, como nunca teve Portugal? Examinemos por hum pouco as Fabricas, e Lavouras, as Manufacturas, e todos os productos da induſtria Nacional; e naõ vêdes os Portuguezes exceder em muitas coiſas ás Nações cultas da Europa? E ſe reflectirmos nas grandes vantagens de todos eſtes ramos, entaõ conhecereis altamente, qual he a gloria da noſſa amavel Soberana, e de toda a ſua feliz Naçaõ.

Eſtendamos ſinalmente a viſta pelos noſſos Mares, e veremos, que naõ ſatisfeita Sua Mageſtade do Commercio, e Senhorio dos Mares da Africa, da America, e da Aſia, fez paſſar á India, China, e Coſtas do Oriente, eſte anno 22 Náos, coiſa nunca viſta em Portugal em hum ſó anno.

A ſua vaſtiſſima comprehenſaõ fez tambem dilatar pelos Mares do Sul, e do Norte tanto o noſſo Commercio, e Navegaçaõ, que ſó em Cadis em o anno de 1781, entráraõ 138 Navios Portuguezes. Para o Norte foraõ infinitos a differentes Pórtos; abrindo-ſe huma nova Navegaçaõ, e Commercio pelo Baltico, nunca navegado das voſſas Quilhas, com o Imperio da Ruſſia.

Dize-o tu por mim, e muito melhor, Praça de Lisboa, do Porto, de Setubal, e toda a Coſta de Norte a Sul, e confeſſa altamente donde te vem tanta riqueza, tanta fartura, tanta induſtria, ſabedoria, e tanta paz no meio das chammas da guerra! Confeſſa eſta verdade pelo mundo todo, onde mandas os teus vaſos, para que conheçaõ os Naturaes, e os Eſtrangeiros, qual he a gloria da noſſa Soberana, e que ella he verdadeiramente hum perfeito Modelo dos Reis, que deſejaõ a ſólida felicidade aos ſeus Vaſſallos.

Eu naõ tenho tempo, nem neceſſidade de entrar em os mais Artigos da Politica, e da Economia do Eſtado, para vos moſtrar em tudo ſabia, e cheia de merecimento, e gloria eſta feliz Soberana. Vós o ſabeis,

vós

vós o vêdes, e admirais com todas as Nações cultas da Europa. Vós conheceis, e vêdes os progreſſos da literatura, o reſpeito das noſſas Armas, as vantagens da induſtria, e as utilidades do Commercio: conhecendo, torno a dizer, como as Sciencias decoraõ a Naçaõ, como a paz nos encheo de Bens, e as Artes, e o Commercio nos enriquecem, e fazem reſpeitar das mais Nações da Europa. E no meio de tudo iſto, que elogios naõ merecem os trabalhos occultos do ſeu Gabinete, e as profundas meditações do ſeu ſabio Miniſterio?

Tivemos muitos Seculos felices em a noſſa Luſitania: nunca porém vimos unidas tantas felicidades em hum ſó Reinado. Se brilhavaõ as Armas, decahiaõ as Letras; ſe florecia a literatura, naõ adiantava a induſtria; ſe ſe augmentava o Commercio, decahiaõ as Letras, e as Armas. Hoje florece tudo, e vivendo ricos, e tranquillos, dentro, e fóra de Portugal; ſó fazemos huma cruel guerra á ignorancia, á inercia, e á ociofidade. Graças vos ſejaõ dadas, Auguſta Rainha Fideliſſima, noſſa Senhora, que ſó vós ſoubeſtes unir á Soberana Authoridade do voſſo Real Caracter o talento de fazer bem aos voſſos fiéis Vaſſallos! Eſte poder, ou *talent de bien faire*, que era a diviſa do Infante D. Henrique, e do Senhor D. Joaõ I., vós o dilatais por toda a terra, naõ em Conquiſtas ſanguinolentas, mas na protecçaõ das Sciencias, e das Artes uteis, ſeguindo a grande maxima do voſſo Auguſto Pai, quando dizia, *que o modo de fazer o povo feliz, he fazello*

ſabio, *e induſtrioſo*: maxima já eſtabelecida por Moyſés, dizendo: *Populus ſapiens*, *gens magna*.

Graças vos ſejaõ tambem dadas, Auguſto, e Real Conſorte deſta feliz Soberana! Vós ſois o que tendes a principal parte na ſua gloria, tanto pela Real authoridade do voſſo Auguſto Caracter, como pela influencia, direcçaõ, e conſelho, com que ſempre promoveis a utilidade dos Portuguezes. Se elles ſaõ felices, tambem a vós ſe deve eſta gloria. Se a noſſa Auguſta Soberana he hum perfeito Archetypo dos Reis, ſois vós, Senhor, tambem hum perfeito Modelo dos Soberanos, que ſeraõ felices, ſe vos ſouberem imitar.

Tudo o que tenho dito, Senhores, he por ſi ſó capaz de nos perſuadir da grandeza da gloria, que tem os Portuguezes, em ſer a Rainha noſſa Senhora a primeira Soberana, que reina em Portugal. Mas naõ he ſó eſta a razaõ da noſſa alegria, ainda que ſufficientiſſima. Nós vimos executadas pela primeira vez na ſua Exaltaçaõ ao Throno as Leis fundamentaes do noſſo Imperio; as Leis ſantas, e juſtas, que os Póvos congregados em Lamego eſtabelecêraõ, para a ſucceſſaõ da Coroa, ha mais de ſeis Seculos: Leis, que preſagiavaõ tanto a noſſa felicidade, que naõ ſó naõ excluiaõ, como a Lei Salica de França, as Senhoras da Succeſſaõ da Coroa, mas antes que as chamavaõ para o Governo do noſſo Imperio.

Naõ teve Portugal a fortuna em o anno de 1383, e 1580, de ver ſentada no Throno a Senhora D. Brites,

tes, Infante de Portugal, e Filha do Senhor Rei D. Fernando, por ter caſado com D. Joaõ, Rei de Caſtella. Eſta ſeria a primeira occaſiaõ de verem os Portuguezes executadas as Côrtes de Lamego. Mas tambem naõ teriamos hum Rei taõ venturoſo, como o Senhor Rei D. Joaõ I., nem teriamos a gloria de ver hum Chefe taõ Auguſto da Sereniſſima, e Real Caſa de Bragança, e por conſequencia, nem o prazer, e a honra de ver Reinar em Portugal eſta Real Caſa taõ Auguſta, e onde vemos hoje unido o Sangue da Caſa de Auſtria, e Borbom, e reconcentrada a honra, e gloria dos Principes Soberanos da Europa. Porém a perda mais lamentavel para Portugal foi certamente a violenta excluſaõ da Senhora D. Catharina, Neta do Senhor D. Manoel, e I. Avó de Sua Mageſtade, a qual foi depois bem vingada na feliz Acclamaçaõ do ſeu Auguſto Neto, o Senhor D. Joaõ IV. terceiro Avô da noſſa Soberana.

Em conſequencia de todas eſtas felicidades, e de outras muitas que devemos á gloria do Altiſſimo, temos hoje a honroſa ſatisfaçaõ de ver ſentada no Real, e Auguſto Throno de Portugal, a Sagrada Peſſoa da Rainha noſſa Senhora: Throno, que eſta Auguſta Soberana mereceo, tanto pelos Sagrados Direitos da Natureza, como pelas ſuas Reaes, e heroicas virtudes. A natureza naõ fez mais que moſtrar a ſua Real Peſſoa, mas o ſeu grande, o ſeu incomparavel merecimento he que deſignou mais os direitos incontraſtaveis da ſua Regia Soberania, e Mageſtade.

Se-

Se foſſe permittido aos Portuguezes no dia 17 de Fevereiro de 1777, fazer outra vez o meſmo que os ſeus generoſos, e valoroſiſſimos Aſcendentes a reſpeito da ſucceſſaõ da Coroa; ſó fariaõ o meſmo, que entaõ fizeraõ a reſpeito dos Direitos da Natureza: mas eſcolheriaõ ſó pelos ſeus merecimentos incomparaveis a ſua Real Peſſoa, ſe iſto foſſe commettido á ſua eleiçaõ. E com effeito, eſta ſatisfaçaõ, eſta eſcolha, eſte goſto incomparavel de toda a Naçaõ, foi logo exprimido deciſivamente naquelle meſmo dia na ſubmiſſaõ; e alegria, com que os grandes lhe beijáraõ a ſua Real Maõ, e depois confirmado glorioſamente na Acclamaçaõ pública de 13 de Maio de 1777.

E como naõ havia de ſer aſſim, depois deſta Soberana ter unido á ſua Sagrada Peſſoa, hum Principe Portuguez, taõ digno do Throno, como Sua Mageſtade, e taõ ſimilhante no ſangue, como nas virtudes! Como naõ havia de ſer aſſim, depois de vermos unidos pela Natureza, pelo Sacramento, pelo amor, e ſimilhança de virtudes, dois coraçõeſ Reaes, taõ ſantos, e pios, e taõ conformes em o ſerviço do Senhor, como para o bem geral da Monarquia! Como naõ havia de ſer aſſim, depois de termos deſta ſagrada uniaõ, hum Principe taõ perfeito como ſeu Auguſto Pai, e taõ benigno para o ſeu Povo como a ſua Real Mãi! Como finalmente naõ havia de ſer aſſim, depois de vermos caſado o Principe Noſſo Senhor com a mais bella, e virtuoſa Princeza da Europa, a Senhora D. Maria Fran-

Franciſca Benedicta, Princeza do Brazil ! E depois de vermos na Familia Real Portugueza, dois Infantes taõ ſabios, e virtuoſos, e huma Infanta, que he as delicias da ſua Real Familia, e a admiraçaõ dos Portuguezes !

Aſſim ſuccederia ſe foſſe preciſo eſcolher, mas naõ foi neceſſario; porque a noſſa Auguſta Soberana já tinha ſido eſcolhida pelo Altiſſimo deſde toda a Eternidade, e para o tempo conveniente da noſſa fortuna. O Senhor a deſtinou para fazer a felicidade do ſeu Povo, para nos reger em paz, e com juſtiça, e para todas as grandes fortunas, a que nos deſtinaõ as ſuas piiſſimas Intenções, e Providencias, e para continuarmos ſempre nas grandes felicidades, que já poſſuimos. Pelo que, conhecerá o Mundo todo, que aſſim como o Throno naõ exclue da ſua Regencia as peſſoas do ſeu ſexo, tambem a Politica ſe honra muito com eſtas Perſonagens, moſtrando que para reger o Sceptro, ſaõ as ſenhoras taõ proprias, como os homens.

Eſta ſingularidade, Senhores, de ſer a noſſa Auguſta Rainha a primeira Soberana de Portugal, e que ſará ſempre recommendavel na memoria dos Seculos futuros, o Real Nome de MARIA PRIMEIRA; ſerá ainda maior em os annaes da Hiſtoria, todas as vezes que ſe lembrarem os noſſos deſcendentes das ſuas Reaes, e Heroicas virtudes, do quanto ama o ſeu Povo, e buſca por todos os modos imaginaveis as ſuas verdadeiras felicidades.

Quan-

Quando ſe lembrarem que protege tanto as Sciencias, como ſe vê nos progreſſos da literatura da Univerſidade, nas Eſcólas públicas, e novas, de tantas Sciencias, e Artes uteis para a mocidade; e quando ſe lembrarem da Fundaçaõ da Real Academia das Sciencias, que ferá pelos ſeus progreſſos taõ util, como a da França, de Londres, e das outras Cidades célebres da Europa. Quando ſe lembrarem da paz, e reſpeito que tem merecido as Armas Luſitanas em toda a Europa, e da tranquillidade, e deſcanço, em que vivemos com o fruto das ſuas ſabias Meditações, e delicadiſſima Politica.

Mas quando a poſteridade ſe lembrar, que no tempo do ſeu feliciſſimo Governo he que principiou a Epoca glorioſa dos progreſſos da noſſa induſtria, das noſſas Manufacturas, e Fabricas; e que eſta Auguſta Soberana he que principiou a reger eſtes importantes objectos; quando ſe lembrar, que a Lavoura principiou tambem a fazer os ſeus progreſſos no ſeu feliciſſimo Reinado; entaõ he que ella tranſportada de aſſombro conhecerá qual he a gloria dos ſeus fiéis Vaſſallos, que tiveraõ a fortuna de viverem debaixo da ſua Regencia.

A riqueza que reſulta neceſſariamente deſtas importantes applicações, e que he ſó a unica barreira contra a exportaçaõ da noſſa Moeda; o Commercio, e Navegaçaõ, que fará exportar todos os productos da Natureza, e das Artes, pelo Mundo conhecido, tra-

zen-

zendo novas riquezas, e que duraráõ por muitos ſeculos; fará tambem lembrar a toda a poſteridade, Juiz ſevero, e incorrupto, que tudo naſceo do feliz Reinado da noſſa Auguſta Soberana; e que eſta Rainha foi o manancial fecundo, donde procedem tantas felicidades.

Os noſſos deſcendentes, em fim, ainda que ſeraõ governados pelos Reaes Succeſſores da noſſa Auguſta Soberana, e pelas meſmas maximas ſantas, e ſabias do ſeu feliz Governo, e que ſeraõ em todos os tempos huma principaliſſima parte da ſua Real Herança; invejaráõ a noſſa ventura, por ſermos os felices Vaſſallos, que ſomos as teſtemunhas da ſua Gloria, e das ſuas Virtudes. Elles faraõ o meſmo que nós fazemos, e que fazem hoje os Francezes, que bemdizem o Nome de Luiz o Grande; o que fazem os Vaſſallos da Imperatriz Rainha, que ainda naõ fecháraõ a boca para os ſeus elogios; ou o meſmo que praticaõ os Ruſſianos, que naõ ceſſaõ de louvar as virtudes da I. Czarina, e de Catharina II.

Porém ſe a poſteridade agradecida levantará em todos os tempos a voz da ſua gratidaõ, naõ nos calemos nós, que ſómos as teſtemunhas fiéis da ſua Gloria, e das ſuas heroicas virtudes. Proſegui vós, Senhores, na continuaçaõ dos ſeus Elogios, já que tendes a fortuna de eſtar taõ perto do Throno, e de conhecereis mais facilmente as ſuas beneficencias: eu ainda que viva mais diſtante, farei ſempre o meſmo; empenharei

em todos os tempos os grandes ſoccorros da minha arte, para tranſmittir á poſteridade taõ glorioſo o ſeu Real Nome como elle he, para ſervir a todo o Mundo de hum teſtemunho conſtante da minha felicidade, e das minhas applicações. Que objecto ſublime para a minha Eloquencia! Que Gloria para o meu Miniſterio! E que honroſo tributo da minha Vaſſallagem!

Dizia

Joaõ Roſado de Villa Lobos, e Vaſconcelles.

FAL-

FALLA PUBLICA

A' MUITO ALTA, MUITO PODEROSA,

E AUGUSTA SENHORA,

D. MARIA I.

NOSSA SENHORA,

RAINHA DE PORTUGAL, E DOS ALGARVES, &c.

Em o Feliciſſimo Dia dos ſeus Fauſtiſſimos Annos a 17 de Dezembro de 1781.

Em a qual ſaõ unidos os ſentimentos dos Portuguezes, para ſe congratularem com a ſua Soberana;

PELO BACHAREL

JOAÕ ROSADO DE VILLALOBOS,

E VASCONCELLOS,

Profeſſor Regio de Rhetorica em Evora.

Semper Honos, Nomenque Tuum, laudesque manebunt.

SENHORA.

SEndo huma das principaes obrigações do meu Miniſterio o fazer huma Oraçaõ Panegyrica no Feliciſſimo Dia dos Reaes Annos dos noſſos Auguſtos Soberanos: Proſtrado humildemente diante do Real, e Auguſto Throno de V. Mageſtade, tenho a confiança de miſturar os meus ſentimentos com todos os daquelles Portuguezes, que tem ſido ſoccorridos por V. Mageſtade, e ainda tambem com toda a Naçaõ, por ſe achar taõ honrada, e favorecida por V. Mageſtade, como nunca conheceo em tempo algum. Permitta V. Mageſtade eſta honra ao meu Miniſterio, e eſta liberdade á minha vaſſallagem, e ao profundo Reſpeito, e Amor, com que ſempre olho para a Gloria dos noſſos Amaveis Soberanos.

He a Gratidaõ hum dos Officios mais proprios da Humanidade, e muito importante para a Politica, e Ci-

Civilidade de todos os Imperios. Naõ podia a Naçaõ Portugueza, taõ illuſtre nos Feitos Militares, Politicos, e Literarios, e taõ decorada hoje com tantas honras por V. Mageſtade, eſquecer-ſe neſte Feliciſſimo Dia da ſua Bemfeitora, e da ſua Auguſta, e Gracioſiſſima Soberana.

A Naçaõ Portugueza proſtrada diante do Real Throno de V. Mageſtade, vem moſtrar neſte Auguſto Dia o Jubilo, o Alvoroço, e o Tranſporte de goſto, que tem por ver a V. Mageſtade fazer mais hum anno na brilhante carreira da ſua Real Vida. O Amor, e o profundo Reſpeito, com que olha para a ſua Auguſta Soberana, ſaõ os degráos por onde ſóbe para ter a honra de beijar a Real Maõ de V. Mageſtade.

Ella beija eſta Real, e Auguſta Maõ, Poderoſa, e Bemfeitora, que ſuſtenta o Sceptro de hum vaſto Imperio taõ dilatado, como o Mundo; e que derrama pela face de toda a Terra as ſuas Beneficencias para remedio dos ſeus Vaſſallos, e para exemplo dos Eſtrangeiros. Ella beija eſta Auguſta Maõ Benefica, e Caritativa, que regendo os Póvos em paz, e com juſtiça, os livra das calamidades da Guerra, e das violencias da Calumnia.

Permitta a Santa, e Real Modeſtia de V. Mageſtade, que a Naçaõ Portugueza levante agora a voz no meio das Nações cultas da Europa, as quaes todas tem os olhos pregados na Real Peſſoa de V. Mageſtade, para lhe declarar os juſtos motivos do ſeu Alvoroço,

e

e da ſua Congratulaçaõ no Feliciſſimo Dia dos Reaes Annos de V. Mageſtade, e para verem na ſua Real Peſſoa hum Archetypo, e Modelo dos Soberanos, e o quanto por eſtes juſtiſſimos titulos ſe faz V. Mageſtade amada do ſeu Povo.

Logo que a Providencia ſentou a V. Mageſtade no Real Throno dos ſeus Auguſtos Predeceſſores, Throno, que V. Mageſtade devia occupar, tanto pelos direitos do Sangue, como pelas virtudes da ſua Real Peſſoa, a Naçaõ Portugueza enlouqueceo de goſto, e de huma alegria, de que ainda naõ tinha goſtado o ſeu coraçaõ. A Real, e Auguſta Peſſoa da Senhora D. Catharina, quinta Avó de V. Mageſtade, mereceo o Throno pelos direitos do Sangue, e das ſuas Reaes Virtudes; mas naõ teve a fortuna de occupallo: V. Mageſtade o mereceo pelos meſmos Auguſtos Titulos, e occupa felizmente com tanto goſto dos Naturaes, como aſſombro dos Eſtrangeiros.

Os Portuguezes em 1580 tinhaõ o meſmo direito que em 1777, para acclamarem a Senhora D. Catharina: porém faltava-lhes a meſma força, e authoridade, de que ſe animáraõ no dia 24 de Fevereiro de 1777. Revindicaraõ eſte direito, em o 1 de Dezembro de 1640 na Auguſta Peſſoa do Senhor Rei D. Joaõ IV., Neto da Senhora D. Catharina, e terceiro Avô de V. Mageſtade; e reſtituíraõ por huma Acclamaçaõ venturoſa, e a maior que ſe conhece em todos os Annaes dos Imperios, todos os direitos á Sereniſſima, e Real Caſa de Bragança.

He

He V. Mageſtade, Senhora, por tudo o referido, a primeira Soberana de Portugal geralmente reconhecida, e eſtimada de todos os ſeus fiéis Vaſſallos, adorada de todos elles, obedecida, amada, e por quem todos daráõ a vida, ſe for preciſo, para firmar, e ſegurar a Real Peſſoa de V. Mageſtade no ſeu Regio Throno, e para o bem geral da Monarquia. Eſta reuniaõ de vontades, e de coraçõeſ, eſta firmeza de eſpirito, e de coragem nunca vio Portugal em Seculo algum. Eſta fortuna naõ teve a Senhora D. Brites, Infanta de Portugal, e filha do Senhor Rei D. Fernando em 1383, por ter caſado em Heſpanha com ElRei D. Joaõ I. Mas V. Mageſtade unio aos direitos da Natureza hum Eſpoſo taõ Real, e Auguſto no Sangue, como V. Mageſtade, e em tudo ſimilhante ás ſuas raras, e Heroicas virtudes.

Porém naõ ſaõ ſó eſtes direitos de V. Mageſtade, e a ſortuna, que tem os Portuguezes de verem a ſua Auguſta Soberana ſentada no Real Throno dos ſeus Maiores, os que lhe fazem o ſeu júbilo neſte Feliciſſimo Dia; as Reaes, e Heroicas virtudes, que ornaõ a Sagrada Peſſoa de V. Mageſtade; as beiliſſimas qualidades de huma verdadeira Rainha, que moſtraõ ao Mundo todo huma Soberana completa, he que fazem hoje a honra, e o alvoroço a toda a Naçaõ Portugueza, para ſe congratular com V. Mageſtade, no Dia Feliciſſimo dos ſeus Reaes Annos.

Todos aquelles, que gemiaõ nos Carceres pela ſua li-

liberdade, e a quem V. Mageſtade ſoltou pela ſua Real Clemencia, e Grandeza, eſtes ſaõ os primeiros, os quaes, depois de quebrados os duros, e pezados grilhões, vem congratular-ſe com V. Mageſtade, e louvar a Providencia, por ſe ter dignado dilatar a Precioſiſſima Vida de V. Mageſtade. Os que ſe achavaõ retirados da Côrte, e que ſuſpiravaõ pela honra do ſerviço da Patria, e a quem V. Mageſtade pela Real Ternura, Bondade, e Clemencia do ſeu generoſo Coraçaõ, foi ſervida tornar a occupar no ſeu Real Serviço, vem da meſma ſorte beijar a Real, e Auguſta Maõ, que os remio do ſeu degredo, e do deſagrado dos ſeus Reaes Soberanos.

Aquelles Vaſſallos, a quem a culpa, ou a deſgraça tinha feito incorrer no Real deſagrado do Rei, e da Côrte; e que, cubertos de vergonha, deſejavaõ, ou expiar o delicto, ou juſtificar a innocencia, e a quem V. Mageſtade pela ſua Real Clemencia, e Juſtiça, chamou outra vez á ſua Anguſta Preſença, ſaõ tambem aquelles, que de novo reintegrados na ſua honra, caracter, e authoridade, vem celebrar com os mais o Dia feliz dos Reaes Annos de V. Mageſtade.

Mas que tumulto he eſte de Vaſſallos benemeritos, os quaes correm em tropel aos Reaes pés de V. Mageſtade! Saõ, Senhora, todos aquelles Homens de talento, e de huma probidade geralmente reconhecida, que deſcontentes, ou deſgoſtoſos, deſconhecidos, ou deſprezados viviaõ fóra do Commercio do grande Mun-

do ; e a quem a Real Providencia de V. Mageſtade chamou dos ſeus retiros ; e que vem agora já occupados no ſeu Real Serviço beijar a Maõ Auguſta, e Benigna, que fez a ſua felicidade, a da Patria, e a geral conſolaçaõ de todos os ſeus Patricios.

Porém eſtes generoſos effeitos da Real Clemencia, e Juſtiça de V. Mageſtade naõ foraõ huns fenómenos extraordinarios, que coſtumaõ ſó decorar as Ceremonias das Acclamações: ellas foraõ geraes para toda a Naçaõ Portugueza, e ſe tem dilatado por todo o tempo do Feliz Reinado de V. Mageſtade. Agora o vem confeſſar as Viuvas, e as Orfãs, triſte reſto das honradas Familias, que perdêraõ a ſuade, os bens, e talvez a vida no ſerviço da Patria ; e a quem V. Mageſtade manda pagar as antigas Tenças, dando de novo penſões para reparo da perda dos Maridos, e Pais, e para ſervirem de premio aos ſeus antigos ſerviços: ellas o confeſſaõ beijando a Real, e Auguſta Maõ de V. Mageſtade, e pedindo a Deos lhes conſerve a precioſiſſima Vida da ſua Soberana, para ſeu amparo.

Naõ ſe eſquecem tambem os impertinentes Crédores á Fazenda Real de ſe proſtrarem hoje agradecidos aos Reaes Pés de V. Mageſtade, e de felicitar a ſua Auguſta Soberana neſte Feliciſſimo Dia, pedindo á Providencia, que dilate os Annos da precioſiſſima Vida de V. Mageſtade, naõ ſó por ſerem reintegrados dos ſeus cabedaes, mas para o bem geral da Monarquia Portugueza. A eſtes ſaõ tambem aſſociados todos aquelles

les Vaſſallos, que gemiaõ pelas ſuas Tenças, e antigos Ordenados; e a quem V. Mageſtade enchendo de bens, de Clemencia, e de Juſtiça, hoje, com as mãos levantadas ao Ceo, pedem ao Omnipotente, que dilate, e proſpere ſempre a importantiſſima Vida de V. Mageſtade.

Mas agora, Senhora, ſe offerece aos meus olhos hum novo, e agradavel Eſpectaculo, formado das peſſoas as mais miſeraveis do Reino; as quaes vem cheias de reſpeito, e de alegria ver a ſua Amavel Soberana, agradecer o reparo da ſua miſeria, e beijar a Maõ Poderoſa, Benigna, e Caritativa, que as tirou da pobreza, da inercia, e da liberdade criminoſa; para ſe alegrarem neſte gracioſiſſimo Dia com V. Mageſtade; pedindo ao Grande Deos, que conſerve a clementiſſima Vida de V. Mageſtade, para continuar neſta Beneficencia pública; para remediar a Orfandade perdida; occupar os braços ocioſos; e dar a todo o Mundo hum exemplo conſtante de Policia; a Portugal hum modelo da Induſtria; á libertinagem hum freio poderoſo; e a todos os crimes, huma barreira forte para conter a torrente dos vicios, e das deſordens públicas.

Os Artiſtas, taõ louvavelmente occupados nas ſuas officinas por V. Mageſtade, e taõ bem regidos, e regulados nas ſuas Fábricas, e Manufacturas pelas Juntas, que para iſto creou V. Mageſtade; deixaõ neſte Dia as ſuas louvaveis occupações, para virem á Preſença de V. Mageſtade, e proteſtar com as demonſtrações as mais

vivas, e ſinceras o ſeu reconhecimento, e alegria, por verem dilatar a providentiſſima Vida de V. Mageſtade para a conſervaçaõ, e augmento geral da Monarquia. Eſtes Artiſtas ſaõ aquelles, que com as ſuas Manufacturas, e todos os productos da ſua induſtria, vaõ eſpalhar pelo Mundo todo, a gloria da ſua Amavel Soberana, a riquezа do Reino, e que já naõ cedemos ás Nações civilizadas da Europa na cultura das Artes uteis, que ſempre fizeraõ figurar no Mundo a Naçaõ Portugueza, até o tempo de Senhor D. Joaõ III.

Naõ póde ſeparar-ſe deſte Corpo formidavel de Artiſtas, que he como hum exercito de Homens armados contra a inercia, e a preguiça, outra Corporaçaõ mais reſpeitavel; porém igualmente util. Eſta he a Sociedade do Commercio, a qual cheia de honras, liberdades, graças, e privilegios, e que com ellas tem tranſportado os generos, e effeitos da Induſtria Nacional, e Eſtrangeira, por todo o Mundo, vem agora á Auguſta, e Real Preſença de V. Mageſtade, beijar eſta Real Maõ taõ Poderoſa, que faz gyrar o credito, e os frutos dos Vaſſallos, pelas partes mais remotas do Univerſo, e por Mares nunca de antes navegados das noſſas quilhas. Se o Senhor Rei D. Manoel teve a gloria de paſſar muito além da Taprobana; V. Mageſtade a excede com a Navegaçaõ livre nos Mares da Europa, e particularmente do Baltico até Peters-Bourg.

Eſta Corporaçaõ do Commercio vê já praticados os antigos Artigos da noſſa Navegaçaõ com as mais Poten-

tencias da Europa : levando os noſſos navios as ſuas mercadorias ; e ſendo admittidos em todos os pórtos com as meſmas liberdades , que foraõ ſempre nos noſſos os ſeus vaſos. Ella admira o novo Commercio , e Navegaçaõ com o Imperio da Ruſſia , onde ſaõ tranſportados os noſſos generos , e Manufacturas com tanta utilidade , e honra pública do Reino , que ſó eſte Artigo baſtaria para fazer recommendavel a toda a Poſteridade o Auguſto Nome de V. Mageſtade , e para eſta Corporaçaõ pedir continuamente ao Ceo , que dilate eſtes Dias de Annos a V. Mageſtade , para recuperar a Monarquia Luſitana o antigo eſplendor , que tinha perdido.

Os Lavradores , taõ louvavelmente occupados nos ſeus campos , vem das ſuas herdades beijar hoje a Real Maõ de V. Mageſtade pelas Sociedades Patrioticas , que V. Mageſtade tem fundado em ſeu beneficio ; pelas eſperanças , e vantagens , a que ſe promettem ; e pela honra da Soberana Protecçaõ da Lavoura. Elles ſe alegraõ da meſma ſorte , pelas diverſas , e Reaes Providencias , que V. Mageſtade tem meditado em beneficio da Agricultura. Mas que dia mais proprio para o ſeu reconhecimento , do que aquelle meſmo , em que vem viver a V. Mageſtade mais hum anno para fazer a felicidade pública dos ſeus fiéis Vaſſallos ? Elles naõ ſaõ eloquentes , mas ſinceros ; e as lagrimas que vertem de júbilo , e de reſpeito , ſaõ os fiéis interpretes da ſua alegria , e ſinceridade.

E com effeito , como poderiaõ elles eſquecer-ſe de celebrar eſte Auguſto Dia , quando eſta Claſſe de homens taõ importante, tem ſido tantas vezes ſoccorrida por V. Mageſtade ? Elles ſe lembraõ dos trigos, com que a Soberana Protecçaõ de V. Mageſtade os mandou ſoccorrer em 1779 , e a Regia liberalidade, com que em o anno de 1781 lhe mandou dar com o trigo largas , e piedoſas eſmolas : ſoccorros taõ importantes , e opportunos , que remediando as neceſſidades da Agricultura , remio o Povo de huma total ruina. Elles ſe lembraõ tambem da revoluçaõ dos ſinco por cento , que hoje pagaõ dos accreſcimos do trigo , que tomaõ preſtados dos Celleiros , quando pagavaõ a mais de ſeis e meio por cento. Em fim , naõ ſe eſquecem do novo Regulamento do Celleiro público deſta Côrte, onde ſe guardaõ os ſeus trigos com a boa fé , e ſegurança pública.

Se os Homens , que trabalhaõ na Terra , tem a honra de conhecerem , e agradecerem as Beneficencias de V. Mageſtade ; os Homens do Mar ſaõ outros tantos Vaſſallos agradecidos , que proſtrados humildemente diante do Real Throno , vem da meſma ſorte congratular-ſe com V. Mageſtade neſte Auguſto Dia , tanto pela honra da ſua vaſſallagem , como da ſua gratidaõ , e reconhecimento. Elles adoraõ a V. Mageſtade como a ſua Auguſta Soberana , e beijaõ eſſa Real Maõ como a ſua Bemfeitora. O Regulamento , e Inſtrucções do Commercio , que V. Mageſtade mandou dirigir para

a noſſa Navegaçaõ , e tantas , e taõ ſabias Providencias , com que V. Mageſtade faz florecer a Marinha Real , e Mercantil , tudo iſto ſaõ outros tantos Padrões, que V. Mageſtade levanta á ſua Gloria, e que elles reconhecem, como juſtiſſimos eſtimulos para o ſeu reconhecimento. A riqueza , que lhes reſulta , como hum neceſſario effeito das Reaes , e Caritativas Providencias de V. Mageſtade , os alegra , e tranſporta de júbilo, e os traz juſtamente aos Reaes Pés de V. Mageſtade, para ſe alegrarem publicamente neſte Auguſto Dia com todos os Vaſſallos agradecidos.

Mas que nova Scena ſe abre aos meus olhos no brilhante concurſo de tantos Eſpectadores , e no meio do Real Theatro da Gratidaõ pública? He, Senhora, hum novo tropel de Innocentes, que gritando dizem, que querem beijar a Real Maõ de V. Mageſtade no Dia alegriſſimo dos ſeus Reaes Annos ; e pagar deſte modo dois tributos, hum á vaſſallagem, e outro á gratidaõ. Elles chegaõ bem educados, e inſtruidos em diverſas Artes, e Sciencias beijar a Real Maõ de V. Mageſtade , para ſe congratularem com a ſua Amavel , e Caritativa Soberana no meſmo grande Dia , em que a Providencia do Altiſſimo dilata mais eſte Anno para a felicidade pública deſte vaſto Imperio. E naõ he eſta a primeira vez , que Deos ſuſcita a boca innocente dos Meninos, para louvar as maravilhas do ſeu Poder, que he o meſmo , que deo a V. Mageſtade como Ungida do Altiſſimo , por quem reinaõ os Reis , e todos os Soberanos da Terra.

A brilhante Reforma das Aulas menores, em que foraõ multiplicadas tantas Eſcólas públicas ; o novo Eſtabelecimento das Aulas do Deſenho , e de Arquitectura; a Fundaçaõ de novas Aulas de Mathematica, de Marinha, e de Engenheria; tudo iſto, Senhora, ſaõ os titulos brilhantes do Reconhecimento , e Gratidaõ univerſal da Mocidade Luſitana, e outros tantos troféos glorioſos, que V. Mageſtade arvora á ſua Gloria, e á Beneficencia pública dos ſeus fiéis Vaſſallos.

A Mathematica elevará até ás Eſtrellas a Gloria da ſua Bemfeitora : e ſe o Sabio dominará até os meſmos Aſtros ; os Mancebos applicados ſeraõ outros tantos Pregoeiros da Fama , e Gloria de V. Mageſtade até no Hemiſferio Superior , quando elevarem os ſeus conhecimentos pelas Orbitas dos Planetas. A Engenheria no ataque , e defeza das Praças , e em todas as operações da ſua Faculdade , levantará tantos Padrões á Beneficencia de V. Mageſtade , e á honra das Artes, que ſerviráõ a toda a Poſteridade de aſſombro , e de eſtimulo aos noſſos Deſcendentes. A Mecanica em todas as manobras da ſua competencia , moſtrará aos Nacionaes , e aos Eſtrangeiros tanto a Soberana Protecçaõ de V. Mageſtade por eſta util , e indiſpenſavel Sciencia , como o bom goſto , e applicaçaõ da Mocidade.

A Marinha , que tinha decahido do ſeu eſplendor , e daquella antiga honra , á que a tinhaõ elevado todos os Auguſtos , e Reaes Predeceſſores de V. Mageſtade até o Senhor Rei D. Sebaſtiaõ ; e que ſe acha

ago-

agora taõ reſtabelecida com as Aulas de Pilotagem, levará ao novo Mundo, e a todos os Pórtos da Europa, Aſia, e Africa as noticias do noſſo reſtabelecimento, e da honra, que V. Mageſtade lhe faz da ſua Soberana Protecçaõ. A Arquitectura, que deſde a fundaçaõ do Real Convento de Mafra naõ teve hum particular ſoccorro, gravará nas pedras, e nos marmores a Auguſta Protecçaõ de V. Mageſtade, e a honra, que lhe fez da creaçaõ de huma nova Aula para os ſeus progreſſos.

Mas que direi eu da ſublime Arte do Deſenho, fundamento de todas as Artes; e que V. Mageſtade protege, tanto pelo ſeu exemplo, por ſe ter dignado occupar algumas horas neſte exercicio, como pela Protecçaõ, e eſtabelecimento de huma nova Aula? Eſta Arte do Deſenho dilatará em todos os Seculos o goſto das Artes, e fará com que na mais remota Poſteridade ſe conheça com a Soberana Protecçaõ de V. Mageſtade, que os Portuguezes tem toda a propenſaõ, genio, e talento neceſſario para eſta Arte, principio, e fundamento das bellezas de todas as Manufacturas, e das producçõeſ dos Artiſtas.

A Trópa, finalmente, ao ſom de inſtrumentos bellicos, vem feſtejar a gloria deſte Auguſto Dia, beijar a Real Maõ de V. Mageſtade, e render as mais puras, e ſinceras graças, naõ ſó por ſe lhe ter continuado a promptidaõ dos ſeus pagamentos, e toda a diſciplina, e economia militar; mas por ſe ter dignado

V. Mageſtade permittir á Trópa a iſençaõ do ſeu Real Serviço no fim do Decennio; e de lhe dar Procuradorès Letrados nos caſos de morte. Ella torna a beijar a Real, e Religioſiſſima Maõ de V. Mageſtade, por ſe ter dignado mandar rezar todos os dias o Santiſſimo Roſario de Noſſa Senhora a toda a Trópa Portugueza em todos os ſeus Quarteis, para que a Santiſſima Virgem ſirva de eſcudo, naõ ſó contra os inimigos da alma, mas tambem do Reino. Eſte Corpo formidavel das noſſas Legiões Luſitanas, arraſtadas as Bandeiras, e proſtrado humildemente diante do Real Throno de V. Mageſtade, vem alegrar-ſe com a ſua Reſpeitavel Soberana no Feliciſſimo Dia dos ſeus Reaes Annos; e pedir a Deos, que felicite ſempre a ſua Auguſta Vida para continuar nas Beneficencias, com que ſe tem dignado ſempre attender eſte Corpo Militar, tanto nos ſeus Deſpachos, como nas ſuas Promoçõe.

Mas naõ ſe eſquece todo o Corpo Academico, e Literario de vir da meſma ſorte aos Reaes Pés de V. Mageſtade, e de beijar a Maõ da ſua Sabia, e Reſpeitavel Soberana no meſmo Auguſto Dia, em que V. Mageſtade continúa mais hum Anno da ſua Real Vida. Eſte Corpo Academico, decorado com as Cadeiras, e Deſpachos, aque V. Mageſtade ſe dignou promovello em honra da Religiaõ, das Letras, e da Magiſtratura, tem a honra de felicitar a V. Mageſtade, e de proteſtar a ſua alegria, por ver que ſe dilata a ſua Preciosiſſima, e Real Vida, para honra das Letras, que ſaõ

as

as que fazem figurar os Imperios. O Corpo da Magiſtratura, que ſe vê reſtituido ás ſuas antigas honras, Graças, e Privilegios, tanto na Peſſoa dos Bachareis, como na dos Senadores, cheio de alegria, e de reſpeito, vem confeſſar a V. Mageſtade o ſeu Reconhecimento, o ſeu Júbilo, juſtiſſimo Alvoroço, por ver dilatar-ſe a Precioſiſſima Vida de V. Mageſtade, para reger os Póvos em paz, e em juſtiça.

Porém naõ ſaõ ſó eſtas Claſſes de Vaſſallos, as que tendo a honra da Soberana Protecçaõ de V. Mageſtade, a tem da meſma ſorte de virem beijar a ſua Real Maõ. Agora chega a Claſſe mais nobre, e diſtinta do Reino na Peſſoa dos Grandes, a beijar a Poderoſa, Auguſta, e Soberana Maõ, que a levantou do abatimento, em que a deſgraça a tinha lançado: Maõ Real, Benigna, e Conſoladora, que reſtituindo á Nobreza a ſua antiga honra, lhe deu as Commendas, os Titulos, e Graças, de que eſtava ſuſpenſa: reſtituiçaõ, a qual enriqueceo, e illuſtrou tanto a ſortuna dos Vaſſallos, como a gloria da ſua Soberana. Eſta Claſſe taõ diſtinta, e taõ decorada com os antigos, e novos Titulos da ſua Nobreza, e dos ſeus Serviços, vem beijar a Real, e Auguſta Maõ de V. Mageſtade, naõ ſó pela diſtinçaõ da ſua Grandeza, mas tambem pela Gratidaõ dos ſeus beneficios.

Vem, finalmente todo o Corpo do Cléro Secular, e Regular á Auguſta, e Real Preſença de V. Mageſtade congratular-ſe tambem com a ſua Amavel, e

Religioſiſſima Soberana neſte Gracioſiſſimo' Dia , em que a Providencia dilata a V. Mageſtade mais eſte Anno para o bem univerſal de toda a Monarquia. A authoridade deſte Corpo he menos a que o perſuade a eſte Auguſto Cortejo do que a ſua Gratidaõ , e Reconhecimento. Elle o vem confeſſar publicamente nas honras, diſtinções , e graças , que V. Mageſtade lhe tem feito na fundaçaõ de muitos Conventos , e no Real da Eſtrella , conſagrado aos Sagrados Corações de JESUS, e de MARIA : Eſtrellas brilhantes , que V. Mageſtade , e o ſeu Auguſto Eſpoſo ſeguem conſtantemente na Santa Derrota das ſuas Religioſiſſimas Vidas; na iſençaõ dos Tributos da Decima, na reſórma dos Conventos ; no Recolhimento dos Clauſtros; na Conſervaçaõ das Provincias Religioſas; no Reparo dos Moſteiros ; no Augmento do Cléro , e eſplendor da Religiaõ ; e tantas , e taõ contínuas demonſtrações de Piedade, e Religiaõ , que bem moſtraõ aos Portuguezes , e ainda a todo o Mundo , que os Reis de Portugal ſaõ verdadeiramente Fideliſſimos a Deos, e á Santa Igreja.

E que dirá toda a Naçaõ, da Piedade da ſua Auguſta Soberana ? Ella confeſſa que V. Mageſtade excede a todos os ſeus Reaes, e Auguſtos Predeceſſores ; porque aſſim o moſtraõ todas as brilhantes , e Reaes acções da glorioſiſſima Vida de V. Mageſtade. Digaõ-o os Livros do Real Erario, por onde ſe moſtra, que Soberano algum tem dado em taõ poucos annos tanto dinhei-

nheiro para Tenças, Commendas, pensões, e dividas antigas da Coroa, como V. Mageſtade. Atteſtem-o os Livros dos Regiſtos da Secretaria das Mercês; maiores já em número, em taõ poucos annos, do que os dos mais Reinados anteriores. Digaõ-o os Religioſos, e Religioſas nas reſtituições dos ſeus Conventos, e nas piedoſas, e largas eſmolas, com que os tem ſoccorrido nas jornadas, e dentro dos ſeus meſmos Conventos, accreſcentando a alguns as rendas: confeſſem eſta verdade, tantas Viuvas deſgraçadas, e Orfãos perdidos, que hoje ſe achaõ ricos, e amparados em tantos Recolhimentos, e Caſas Pias. Eſtas Acções taõ Piedoſas, e Caritativas fazem eſquecer a Real, e Auguſta Caridade do Senhor Rei D. Manoel, e o Senhor D. Joaõ III., que foraõ modelos da verdadeira Piedade.

Mas que ſoberanos elogios naõ derramaráõ os fiéis Vaſſallos de V. Mageſtade por todo o Mundo da Real, e Auguſta Virtude da Religiaõ da ſua Virtuoſiſſima Soberana? Publique-o todo o Corpo do Clero Secular, e Regular, e toda a Naçaõ Portugueza nos ſolemnes Ritos, e Cultos, com que V. Mageſtade, e ElRei Noſſo Senhor veneraõ os Sagrados Corações de JESUS, e de MARIA; dedicando-lhe hum Culto público em todo eſte vaſto Imperio; e mandando o Santo Padre Pio VI. á inſtancia dos Noſſos Soberanos guardar eſte Santo Dia por todos os ſeus fiéis Vaſſallos. Atteſtem finalmente eſta conſtante verdade as meſmas Religioſas clauſuradas nos ſeus Moſteiros, que ſaõ teſtemunhas

nhas oculares das honroſas viſitas, que V. Mageſtade ſe tem dignado fazer-lhes, para que com o ſeu virtuoſiſſimo exemplo ſe animem cada vez mais a continuarem todas as auſteridades da ſua vida Religioſa, e mortificada. Eſtas Almas caſtas, e puras, diante do Throno do Altiſſimo, pedem tambem hoje a Deos, que dilate, e felicite ſempre a Importantiſſima Vida de V. Mageſtade, para honra, e eſplendor da Religiaõ.

Se toda a Naçaõ lançaſſe agora as ſuas viſtas para a Real Manſidaõ, e Juſtiça, com que V. Mageſtade ouve, e governa os ſeus fiéis Vaſſallos; que teſtemunhos, e documentos authenticos ſe lhe naõ offereciaõ, para publicar eſtas raras, e admiraveis virtudes? Cada Vaſſallo, que tem a honra, e a fortuna de fallar, e propor a V. Mageſtade os ſeus Requerimentos, o confeſſa francamente nos ſeus Deſpachos, e o publica aos ſeus Patricios. A multidaõ, e infinidade de Requerimentos, que preſentaõ os Vaſſallos, tanto pela mudança do Governo, como pelos diverſos intereſſes, negocios, e dependencias de hum taõ dilatado Imperio, em vez de moleſtarem a V. Mageſtade, ſervem ſó para animarem mais a ſua Regia Manſidaõ, e Clemencia; e para buſcar por todos os meios imaginaveis o methodo mais facil para ſatisfazer os Vaſſallos.

Eſtes beneficios particulares de tantas claſſes de Peſſoas naõ fazem eſquecer a Naçaõ dos públicos, e geraes, que recebe toda ella na Paz, e Tranquillidade pública. Quem diria em 1776, e 1777, que no meio

da

da guerra quaſi geral da Europa, eſtaria Portugal tranquillo, e ſervindo de hum ſimples Eſpectador á viſta do Theatro da Guerra! Quem penſaria depois do anno de 1775, que naõ fariamos tambem a noſſa figura entre tantas Potencias belligerantes! Mas nada diſto acontece pela Sabia., e Real Providencia de V. Mageſtade, pelo Amor, com que eſtima os ſeus fiéis Vaſſallos, e pela felicidade geral, que deſeja a todo o Imperio, que a Omnipotencia confiou ao ſeu Real Governo.

Se a Naçaõ Portugueza naõ tiveſſe tantos Titulos Auguſtos para congratular-ſe hoje com V. Mageſtade: baſtaria a Paz, e Tranquillidade geral do Eſtado, e o ſocego dos Portuguezes cultivando as Artes uteis, o Commercio, a Marinha, a Agricultura, e a Induſtria em todas as Fábricas, e Manufacturas, para alçarem a voz no meio de todas as Nações, e dizer: Que ſeja eternamente louvada a Providencia, por nos dar hum Anjo da Paz, para nos livrar de todos os flagellos da guerra; e nos trazer com eſta tranquillidade a riqueza, e todos os commodos, de que eſtamos gozando. Eſta paz, e as ſuas naturaes conſequencias, baſtaria por ſi ſó para gravar o Real, e Auguſto Nome de MARIA I. na memoria mais remota dos Seculos futuros. As trombetas da Paz ſaõ mais ſonóras, e altiſonas do que as da Fama Militar: o ſeu ſom naõ inquieta os ouvidos; antes faz huma ſuaviſſima harmonia ao coraçaõ.

Po-

Porém a incomparavel Providencia, e Amor, com que V. Mageſtade governa o ſeu Povo, naõ ſe termina unicamente nos limites do Reino, e Conquiſtas, ainda que dilatadiſſimas; pelo Mundo todo ſe eſtende a vaſtiſſima, e Real comprehenſaõ de V. Mageſtade em favor dos ſeus fiéis Vaſſallos. Eſta Arte de reinar taõ importante dos Soberanos; eſta Politica fina, e delicada, porém ſanta, e ſincera, que he ſó quem governa em paz os Imperios; he a Buſſola, com que V. Mageſtade dirige ſempre a Náo do Eſtado, no meio das maiores tormentas, e tempeſtades; ſendo V. Mageſtade quem com o Timaõ do Governo a tem ſalvado de todos os naufragios. Confeſſaõ tudo iſto as Naçõcs da Europa na Peſſoa dos ſeus Embaixadores, Inviados, Reſidentes, e Conſules, neſte meſmo Auguſto Dia, em que tem a honra de ſelicitarem a V. Mageſtade. Elles o ſabem talvez melhor do que o Corpo da Naçaõ; porque eſtaõ plenamente informados do grande deſvélo com que V. Mageſtade procura ſempre todas as vantagens do Eſtado em as Côrtes da Europa.

Mas em tudo o que tenho dito, tem ſempre a parte mais brilhante a Mageſtade Auguſta d'ElRei Noſſo Senhor. A Soberana Authoridade do ſeu Real Caracter, os Reaes vinculos do Sangue, com que a Natureza unio a ſua Sagrada Peſſoa á de V. Mageſtade; os Santos laços do Matrimonio, que ligáraõ com as ſuas Sagradas Peſſoas os ſeus Reaes Coraçõcs, fizeraõ que naõ houveſſe mais que huma unica vontade ſempre uni-

da

da para o bem geral dos ſeus Fiéis Vaſſallos. Porém, eſtes naõ ſaõ ſó os effeitos da Graça do Sacramento; porque a Natureza diſpôz de tal ſorte os Reaes Corações de V. Mageſtade, e d'ElRei Noſſo Senhor, que naõ ha Penſamento, Reſoluçaõ, ou Eſtabelecimento, que naõ ſeja uniforme, e approvado por V. Mageſtade, e ElRei Noſſo Senhor.

Eſta reuniaõ de Reaes vontades, e de Corações; eſta uniformidade de Penſamentos; eſta Santa Uniaõ, e ſympathia de genio, e de eſpirito, com que a Providencia do Altiſſimo conſerva as Sagradas, e Reaes Peſſoas de V. Mageſtade, e d'ElRei Noſſo Senhor, he o fundamento da noſſa felicidade, e de todas as grandes vantagens, a que ſe propoem o Eſtado. Elle virá facilmente a ſer o mais poderoſo, e florente da Europa; naõ ſó pelas vantagens da Natureza, e circumſtancias críticas, em que ſe acha a Europa, mas particulariſſimamente pelo Suaviſſimo, Santiſſimo, e Florentiſſimo Governo dos noſſos Amaveis Soberanos. Eſte he o Plano de huma Obra, em que eſtou trabalhando, e que tenho adiantado muito; o que a experiencia moſtrará, naõ ſó aos noſſos olhos, mas o confirmará na ſerie contínua dos Seculos futuros.

Permitta a Soberana Providencia do Todo Poderoſo, que as Precioſiſſias, e Reaes Vidas de V. Mageſtade, e d'ElRei Noſſo Senhor ſe dilatem por largos, e felices Annos para honra de Deos, e felicidade pública do Imperio Luſitano. Eſtes ſaõ os votos ſince-

ros , que faz toda a Naçaõ Portugueza á Mageſtade de Deos Omnipotente : eſtes ſaõ os ſentimentos puros, que offerece ao Throno do Altiſſimo ; e os continuos deſejos de todos os fiéis Vaſſallos de V. Mageſtade.

Diſſe.

AU-

AUGUSTISSIMÆ REGINÆ PETRI LUSITANORUM REGIS UXORI.

Luſtra decem egiſti, Lyſiæ Regina, ſequentis
Undeni pedibus limina grata petis.
Ingredere, ô Regina, ſciens quod illa ferentur
Imperii primis æquiparanda tui.
Atque tuis meritis templum patefiet honoris,
Fiat ut æternum nomen in orbe tuum.

A' Auguſtiſſima Rainha Noſſa Senhora, offerecido no dia dos ſeus Annos.

SONETO.

VEnça embora Auguſtiſſima Senhora,
A batalha com riſco o Rei guerreiro,
Naõ deſcerque outro a Praça, ſem primeiro
Arvorar a bandeira vencedora:

Intente eſte cruzar os mares fóra
Até tocar-lhe o termo derradeiro;
Aquelle o conquiſtar o Mundo inteiro,
Ainda em mais breve eſpaço do que huma hora:

E da ſorte cada hum patrocinado,
Conſeguir venha em fim ſua aventura,
Que comigo ganhais troféo dobrado.

Que a acçaõ que vos proponho, vos ſegura
Maior gloria, fazendo hum deſgraçado,
Ser feliz contra a força da ventura.

ROMANCE

AOS ANNOS DA AUGUSTISSIMA,

E

FIDELISSIMA RAINHA

NOSSA SENHORA,

A SENHORA

D. MARIA I.

EU venho cantar os Annos
De huma Soberana minha,
Mas para ſe ouvir meu canto,
Faltaõ-me expreſſões na lingua.

Lingua pouco acoſtumada
A fallar palavras dignas,

Ain-

Ainda mais que confiança,
He ignorancia atrevida.

Fallar eu diante de Sabios,
Porém da ſabedoria
He que aprende a ignorancia,
E toda a innocencia minha.

Vós que chegaſtes mais cedo
A' fonte da Cabalina,
Se bebeſtes de ſobejo,
Dai-me ſequer huma pinga.

Vós que tendes amizade
Com as muſas affectiva,
Poſto que eu naõ as conheça,
Dai me dellas a noticia.

Vós que ſubiſtes ao Pindo,
Monte que Apóllo domina
Para ter diſcreto influxo,
Chamai-me tambem lá cima.

Que de vós favorecido,
Meu rude plectro me anime,
A cantar em breves coplas,
Largos Annos de MARIA.

Contai pois felices annos,
Fideliſſima Rainha,
Para alegria do Reino,
Para gloria das Conquiſtas.

Seculos antes diſſera,
Que vós tiveſſeis de vida,
Para timbre da piedade,
Na violencia das juſtiças.

Eterna vos deſejára,
Com indultos de Divina,
Para aſſombro das virtudes,
Para ſocego das vidas.

Daqui paſſar mais naõ poſſo,
Nem ſei que outra coiſa diga,
Na minha ſinceridade,
Senaõ vivas, e mais vivas.

Pois me falta graõ Tallaia,
Aquella doce Talia
Com que repetis os verſos,
Nas voſſas Academias.

Saia outra voz mais alta,
De garganta taõ ſubida,
Que alterne mais docemente
Os progreſſos deſte dia.

De hum Anonymo.

257

VOZ
DO AGRADECIMENTO,
GOM QUE DESEJA ESPALHAR POR TODO O MUNDO A SUA ALEGRIA'
NO FELICISSIMO DIA
DOS DESPOSORIOS
DO SERENISSIMO INFANTE,
O SENHOR
D. JOAÕ,
COM A SERENISSIMA INFANTA
A SENHORA
D. CARLOTA JOAQUINA,
E O SERENISSIMO INFANTE
O SENHOR
D. GABRIEL ANTONIO,
COM A SERENISSIMA INFANTA
A SENHORA
D. MARIANNA VICTORIA,
POR
JOAÕ DIAS TALLAIA SOTTO-MAIOR.

DEDICATORIA
A' SERENISSIMA SENHORA
INFANTA DE PORTUGAL,
A SENHORA
D. MARIANNA.

AS producções de meu engenho em occaſiaõ de tanto júbilo para as duas reſpeitaveis Coroas de Portugal, e de Caſtella, neceſſitavaõ de hum nome, que as autho-

 ri-

rizaſſe, correſpondente á ſublimidade do aſſumpto; naõ me foi difficultoſo achallo, lembrando-me de V. A. O Nome de V. Alteza vale por muitos Elogios. As Artes que poſſue, as virtudes que exercita, que eſmalte naõ daõ ao ſangue, que corre pelas veias de V. A.? Dentro, e ſóra dos limites Portuguezes, quem naõ adora a V. A. reconhecendo que a maõ da Providencia entornou ſobre a ſua alma aquelles dotes, que ainda repartidos baſtaõ para ennobrecerem Eſpiritos naõ vulgares. Digna Filha daquellé Rei, ſobre cujas cinzas corréraõ ſempre as lagrimas dos bons patriotas? Como deſempenha V. A. as obrigações, que trazem comſigo Regios naſcimentos: Sabia ſem orgulho, Liberal ſem deſperdicio, Religioſa ſem fanatiſmo, Affavel, Modeſta... Mas eu pertendo, Senhora, contar raio a raio as luzes do Sol? Pertendo, ainda que em epitome, referir huma por huma as preeminencias, de que V. A. enriquece a Caſa Bragantina de que he precioſo fruto? Saõ eſcaſſos os termos de huma dedicatoria. Ainda groſſos volumes naõ baſtariaõ: ſe o Deos, que véla ſobre V. A. o permittir, virá tempo, com que eu ponha em mais claridade o quadro. Já o tivera feito, ſe houveſſe entre nós quem puzeſſe em execuçaõ as minhas idéas. Todavia V. A. até dos bons deſejos ſe paga. E quando eu, poſto em mais repoúſo o meu animo, cumprir com os meus votos, eſcrevendo mais largamente as acções de V. A. entaõ conhecerá o mundo, naõ ſó em V. A. huma idéa perfeita de Heroinas, mas em mim huma cópia fiel do

meu

meu agradecimento, e do meu zelo. V. A. honre-me, continuando-me a ſua protecçaõ, que nunca a deſmerecerei.

A ELREI
D. PEDRO III.
NOSSO SENHOR.

SENHOR.

DE que differentes affectos naõ vejo eu banhado o Mageſtoſo ſemblante de V. Mageſtade, em hum dia que a Providencia na urna de ſeus ſegredos, tinha deſtinado para completa felicidade de ambas as Monarquias, Heſpanhola, e Luſitana? O goſto, e a ſaudade, que força naõ faziaõ no Coraçaõ de V. Mageſtade! O goſto enlaçando com hum dos mais amaveis Principes da Europa huma das Princezas, que por bel-

bella igualmente, que por virtuoſa, ſe faz digna Filha de V. Mageſtade. A ſaudade, como reforçando ſuas armas, ataca o mais valoroſo dos Soberanos, naõ tendo conſtancia para reſiſtir, ſem que nos ſeus olhos nos deixaſſe hum argumento irrefragavel da ternura do ſeu animo.

Saõ reliquias d'alma os filhos. A fria, e pezada maõ da auſencia nos golpes que vibra, em que conſternaçaõ naõ põem aquelles Pais, que cedendo aos movimentos da natureza, ſem degenerarem feamente do ſeu Heroiſmo, tem por grande a dor que a ſeparaçaõ excita.

Eſcudado V. Mageſtade da ſanta Religiaõ, que profeſſa, reſigna-ſe, mas todavia ſe lhe faz ſenſivel perder a companhia de huma Filha, que ſendo retrato fiel de ſeus Auguſtos Pais, teve a arte, e a felicidade de ſe entranhar nos ſeus peitos por hum amor, que nunca o tempo, volvendo a rapida roda de ſeus annos, poderá diminuir.

Mas que gloria ao meſmo tempo para V. Mageſtade ſazer, que em remoto, e eſtranho Horiſonte raie, e brilhe hum Aſtro, a que as Luzes que diffunde ſaõ communicadas por V. Mageſtade? Quem naõ confeſſará que os dotes de que aquella grande alma ſe orna, ſaõ frutos da educaçaõ que teve? Que o Ramo naõ deſdiz do Tronco de que brota?

Eu ao menos já me figuro no meio da Capital de Madrid, arrebatado dos vivas, e dos applauſos com que aquella Naçaõ, ditoſiſſima Naçaõ, abençoará ao todo

Po-

Poderoſo; pela dadiva de huma Princeza, Formoſiſſima Princeza, Affavel, Generoſa, e Pia, intimamente unida com hum Principe, que recebeo iguaes merecimentos do Ceo, para perpetuar com a gloria de ſeus Grandes Progenitores a fama de ſeu Nome.

E naõ hade a Luſa gente toda alvoroçar-ſe de prazer, e contentamento, dando a Deos as graças, e a V. Mageſtade os parabens, por huma alliança que firma a noſſa ventura? Eu naõ me hei de remontar ſobre mim meſmo, para que do meu júbilo faça participante a V. Mageſtade, diſtinguindo-me pelo amor que lhe tenho, naõ menos pela fidelidade com que o ſirvo?

Caros filhos, honrada Conſorte, familia inda que pobre, juſta, vós pedís continuamente a Deos, que proſpere a Bragantina Caſa, de quem todos ſomos particularmente favorecidos. A conſequencia de voſſas orações, vós a vêdes agora. Ouvio-as o Ceo: e eſtas nupcias ſaõ fruto de voſſas lagrimas, igualmente que de voſſas preces.

Eſte, Senhor, he o padraõ, que immortaliza o meu agradecimento: eſte o documento, que eu deixo á poſteridade do fervor, e do brio, com que me intereſſo por hum dia, que fez a Epoca da felicidade Portugueza: dia, que inflammando as noſſas mentes, dá materia a engenhos mais fecundos que o meu, para cantarem as Nupcias de dois Principes que exaltaõ, e eſtendem a gloria de dois Sceptros, taõ reſpeitaveis no Mundo pelo ſeu poder, como pelas ſuas virtudes.

A ELREI, E RAINHA NOSSOS SENHORES.

O D E.

VOA do Ceo, Virtude ſoberana,
Batendo as tuas refulgentes azas,
Santo furor me inſpira:
Materia mais que humana
Ha de cantar a minha toſca Lyra,
Com que eſtremecer faça a terra toda,
Sem que do tempo tema a voraz roda.

Amaveis Reis, que o Luſitano Imperio,
Levais ao cume da Felicidade,
Eu pertendo louvar-vos,
De hum ao outro hemiſferio
Voſſo nome mandando, para dar-vos
Da minha gratidaõ já conhecida,
Se naõ prova total, prova devida.

Roma, que Titos, que Trajanos contas,
Inveja te naõ temos; nós gozamos
Muito maior ventura
Como, como remontas
A Luſa gloria, gloria mais ſegura
Auguſto Pedro, Inclita Maria,
Das Nupcias de Joaõ no feliz dia!

Sabios, Pios, Affaveis, Generoſos
De virtudes ornando a Regia Coroa,
Nos dais novo argumento
Para que noſſos plectros ſonoroſos,
Mais que o Thracio inſtrumento,
Eſtatuas precioſas vos levantem,
Quando voſſas acções no mundo cantem.

De corações o ſolido fabricando
Subís da eternidade ao Santo Templo.
Das graças no regaço,
Os Vaſſalos amando

Semi-

Sem que deſatar poſſa o terno Laço
Maõ inimiga, que a diſcordia accende;
Que o ſeu poder a tanto naõ ſe eſtende.

Sois dadiva de Deos! Oh Deos benigno
Com o joelho curvado vos rendemos
As graças competentes,
Só hum braço Divino,
Braço que deo ás Luſitanas gentes
Nas Campanhas de Ourique a Monarquia:
Mais que taes Reis, taes Pais dar nos podia.

Mas para que argumentos excogito?
Demonſtraçaõ mais clara eu eſtou vendo,
Que a minha mente inflamma:
Infante, Infante invicto,
Já das Muſas no monte a verde rama,
De que o Diadema dos Heróes ſe tece
A delicada fronte vos guarnece?

Baſta eſte fruto voſſo, porque a noſſa
Dita nos faça ſempre memoráveis,
La na idade futura
Quem ha, meus Reis, que poſſa
Cheio de hum fino amor, de huma fé pura
Deixar de elogiar-vos, quando temos
Hum Principe taõ bom, como o que vemos?

De

De bellico furor a dextra armando,
Que mais que Jove o acceſo raio vibra
Sobre ginete alado,
Já o eſtou contemplando
Do mageſtoſo triunfo ao carro atado
O rebelde inimigo, que vencido
Fica vaidoſo, mais que confundido?

Como das artes ſe veraõ florentes?
Porém onde me elevo? Eu que pertendo?
Enthuſiaſmo naõ tenho,
Que com vozes decentes
Dem o valor preciſo ao nobre empenho,
A que me arrojo: he digno o filho Auguſto
Da virtuoſa Mãi, e do Pai juſto.

Creſcei Planta ditoſa, e o Ceo propicio
Ouça os votos, que d'alma arranco ſempre:
Creſcei de frutos cheia:
Vós já dais claro indicio
Do que fereis depois: a minha veia
Se de Admetto o paſtor meu canto inſpira
Eterno vos fará na minha Lyra.

O braço, que dos brutos a fereza
Cravando-lhe o rojaõ amanſa, e humilhas
Ainda forças terá,
Com que por toda a vaſta redondeza
Voſſa gloria fará
Coroada de triunfos hir ſurgindo
Do aureo Téjo ao prateado Indo.

NO

NO FELICISSIMO CASAMENTO
DO SERENISSIMO SENHOR INFANTE
D. JOAÕ,
COM A SERENISSIMA SENHORA INFANTE
D. CARLOTA JOAQUINA.

LYRAS.

AS Graças, e os Amores
Nos candidos regaços
Trazem mimosas flores,
De que matizaõ os sagrados laços,
Que as virtudes tecêraõ:
Laços, que Regios corações prendêraõ.

Soltando a voz ſonora,
Pelos fluidos ares,
Eu vejo, eu vejo agora,
O aureo Téjo, o doce Mançanares
Miſturarem contentes,
De ſuas brancas aguas as correntes!

Oh venturoſo dia!
Oh ditoſa alliança!
A riſonha alegria,
Caſtos prazeres, ſolida eſperança,
Nas noſſas almas gera
Com o precioſo fruto que ſe eſpera?

De MARIA a PRIMEIRA,
De CARLOS ſem ſegundo
Que prole verdadeira,
De Heróes que haõ de eſtremecer o Mundo
Se verá propagada,
Da gloria ſobre os braços reclinada?

Floreceráõ vaidoſas
Da abundancia no ſeio,
Com façanhas ruidoſas
A' frenetica inveja pondo freio,
Entre Naçóes eſtranhas,
Ambas as Indias, ambas as Heſpanhas.

Vós gemereis vencidos,
Perfidos Mahometanos!
Do valor confundidos
Dos braços Luſos, braços Caſtelhanos;
Ainda mais que eclipſadas
As voſſas Luas de huma vez quebradas?

Por mares procelloſos;
Por climas differentes
Tremularáõ glorioſos
Tantos ſoberbos Pavilhões, pendentes
Da dextra denodada,
Que forte vibra a fuzilante eſpada.

As Artes, e as Sciencias
Do Auguſto Throno ao lado
De raras preeminencias
Hum, e outro Sceptro deixaráõ ornado!
Deixaráõ... mas que chamma
As minhás veias nobremente inflamma!

Sois vós, virtudes bellas,
Que o Thalamo enfeitais
De nitidas Eſtrellas,
Com que as brilhantes feſtas coroais,
Dos dois Conſortes finos
Merecedores de mais altos hymnos.

Eu vos cedo o inſtrumento:
Só voſſo eſtro Santo
Do eſtillifero aſſento
Póde trazer proporcionado canto
Que de Iberia, e de Elyza
O Solio exalta, a gloria immortaliza.

A LA MAGESTAD CATOLICA
DEL SENHOR
D. CARLOS III.

ODE.

DE Laureles y Rozas
Cinén nevadas Flentes
Las Tagides hermozas:
Y en Cielos differentes,
Qual aſtro collocado,
De Carlos brilla el nombre: nombre amado

Rey que en los coraçones,
Como arbitro dominas
De que inclitos blazones
Son tus azanhas dinas,
Que buelan para exemplo,
De la inmortalidad al Santo Templo.

Ya

Ya por ventura mia
Bezé la Regia Mano,
De la llama que ardia
En tu pecho ſobrano,
Llama de honor, a un ſiento
Rapido, peró dulce movimiento.

Mis ojos ſe inundaron
De plazer lizongero,
Deslumbrados quedaron
Al aſſalto primero
De tu Auguſta prezencia:
Que heroiſmo! Que Real manificencia!

De Amor ſon tus palavras
Farpones triunfadores:
Que fertil campo lavras
De candidos loores,
Que la verdad inſpira?
Noble argumento de Apollinea Lira.

Aun que nonbrar quiziera
Tus raras calidades,
Como, Señor/lo hiziera?
Que tus heroicidades
Bien que mucho alabadas,
Conoſco que ſon mas para admiradas.

Ni compreender-ſe pueden
De Carlos las acciones
A todo, a todo exceden.
En nueſtros coraçones
Viviran inſculpidas,
Mas invidiadas, quanto mas dyoas.

Dichozos que tenemos
Carlota una imagen
A quien rendir podemos
Goſtoza vaſſalagen,
Imagen verdadera,
De tus ſantas virtudes heredera.

O' de benigno Cielo
Dadiva generoſa?
Como creſcerá el zelo
Con que Fama ruidoza
De Carlos y Maria
Los nombres canta en tan riſueño dia?

A RAINHA NOSSA SENHORA.

SENHORA.

PEdia a razaõ da minha vaſſallagem, e do meu agradecimento, que ſeparando-ſe V. Mageſtade da noſſa Capital, curvados os joelhos, eu lhe beijaſſe a maõ. Eu o intentei envolto com a Côrte que ſeguia a V. Ma-

geſtade: eu cheguei the á Praça do Cais de Belém. O meu animo afracou agora. A ternura, e a ſaudade tirárão-me todo o valor, faltando-me a reſoluçaõ para ver que perdiamos huma Infante, que deſempenhando os ſagrados deveres de filha de V. Mageſtade; he huma copia fiel das virtudes, com que a noſſa Primeira Auguſta ennobrece o Sceptro, de que a Providencia amiga do noſſo bem, a fez abſoluta, e independente Senhora.

No meio porém da minha dôr eu ſó acho para me conſolar hum efficaz motivo, lembrando-me de que como Sol que brilha em outro Hemiſpherio, hirá Sua Alteza naõ ſó immortalizar a noſſa gloria; mas encher de admiraçaõ, e de inveja á Caſtella; já com a rara belleza, de que a Maõ do Todo-Poderoſo a dotou, já com as brilhantes qualidades, que do eſpirito de V. Mageſtade, paſſáraõ para o ſeu eſpirito. Quem naõ louvará a Arvore, de que brotou taõ precioſo fruto; os dignos Pais de Sua Alteza ſeraõ apontados por todos como modelo, de que os Soberanos aprendaõ a ſoberana arte da educaçaõ.

Eſta he unicamente a conſolaçaõ que eu tenho. Como bom patricio, como obrigado: confiſſaõ que ſempre farei: eu me deſvaneço de que os Netos de V. Mageſtade eſpalhados por todo o Mundo, novamente corôem de gloria a huma Rainha, que faz toda a noſſa felicidade. A primeira occaſiaõ de público feſtejo eu terei o goſto de me ſacrificar, como muitas vezes te-

nho.

nho feito, dando do meu amor, da minha fidelidade, e da minha honra, mais huma prova. Todos ſabem que a ninguem cedo neſtas ſinceras demonſtrações, levando de miſtura com o obſequio que faço a V. Mageſtade, a gratidaõ com que correſponde aos beneficios, que como de fonte inexhaurivel dimanaõ para mim de toda a Real Caſa de Bragança.

Diſſe.

CANTICA SACRA

PIERIDUM VIRGINUM IN RELIGIOSO CHORO.

ARGUMENTUM:

Lysia læta canit; Carmeli gloria Montis
Lusiadum Reges condere Templa, Domos.
Convocat Ausonias, Pindoque ex Monte Camœnas.
Facta stupenda Lyra Casta Thalia canit.

Por Fr. Franc.º de Izis Mº Castillo —

ILLE ego, qui Regum dulci modulatus avena
Carminibus soleo tollere facta meis.
Maxima nostrorum Carmeli in vertice Montis
Nunc Regum sacris versibus acta canam.
Cantor in excelsis, cantare est, dixit, amantis, (a)
Hicque mei signum cantus amoris erit.
Tu quoque, Musarum princeps, mihi grata Camœna,
Convoca Apollineos, Calliopea, choros.

Ca-

(a) *Cantare amantis est.* Ex D. August.

Carmina Carmelo, cunctæ, dulciſſima, Muſæ,
Condite ſacrato, plectraque veſtra ſonent.
Floribus ornatum Parnaſſo aſcendite Montem,
Cœtus ubi Fratrum, Virgineusque Chorus:
Eliadum veneranda Domus, Mons igneus, altus;
Ignis ubi Eliæ, voce tonante, vorat.
Ipſe Dei Vates, Dei Homo (a) eſt pius Auctor eorum,
Qui ſua vota ferunt, quique futura vident.
Ordinis in Carmelo idem Pater inclytus alumni
Fundamenta tulit prima, jubente Deo.
Flammigero invectus curru, raptusque; nec ultra
Viſus, & ut vivat, (credite) vivit adhuc.
Tumque Reformatrix ingens Tereſia Mater
A Superis cœptum grande reformat Opus.
Semper in extaſibus vivebat, mortua Mundo:
Viva tamen Cœlo, viva ſibi, atque ſuis.
Poſtea deliciis plenus Paradiſus hic Ordo
Lilia pulchra, Roſas Virginitatis alit.
Gloria maior Fratrum, atque Sororum
Virgo Maria Parens! Virgo Maria Soror!
Diligit, ut Mater, Natos, Habituque ſacrato
Ut Soror induitur, pectore nutrit, alit.
Hunc Montem, Montemque Dei celebrate Choreis,
Pierides, Citharis, Carminibusque ſacris.
Lilia caſta, Roſas rubeas, Pæana canentes,
Colligite, Auguſtis texite Serta meis.

Cer-

(a) 4. Reg. Cap. 1.

Cernite fundantes Carmeli in vertice noſtros
Reges Virginibus Clauſtra repleta Deo.
Monte Reformato veneranda Sacraria Natis
Tereſiæ ædificant; & pia Vota vovent.
Quid mirum; cum Templa, Domos pietateque fundent?
Convenit excelſum Nomen utrique ſuum.
Nonne Maria *Domus Domini?* Lego; *Petraque* Petrus;
Hic Petram imponit, condit & illa Domum.
Hoc Templum, Cœlumque novum, quo ſydera fulgent,
Plenaque Virginibus Religioſa Domus.
Creſcit Opus mirum, fundataque machina Clauſtri
Indicat Auguſtos in pietate pares.
Jeſſiades Vates, cithara viventia ſaxa (a)
Attrahe, Tesbites ædificaque Larem. (b)
Nunc ſimul, Aoniæ Muſæ, exornate cothurnum;
Altiſonante Lyra, dulciſonumque metrum.
Pandite Carmeli Reges juga Sacra colentes;
Quantaque divitiis nunc ſua Clauſtra replent.
Quis zelus? Quis amor? Quiſque ignis Regia adurit
Pectora? Divinus Spiritus intus alit!
Pandite, ut augetur Carmeli gloria Montis;
Ut Regum pietas in Deum amore flagrat.
Eliæ ignis erat zelus, magnæque Parentis
Tereſiæ ignis erat zelus, & ignis amor.

Ille

(a) *David Rex, filius Jeſſe ſciens pſallere cithara.* Liv. 1. Reg. cap. 16.

(b) *Tesbites Elias Tesbites a vico in Tribu gad oriundus.* Du-Hamel in Lib. 3. Reg. 4. cap. 17.

Ille ſuperbos hoſtes cœleſti igne voravit, (a)
Eliſeosque ſnos nutrit, & igne fovet.
Hæcque reformando pauper nova limina condit,
Et zelans, & amans plurima Clauſtra dicat.
Ignis amor, Regina, ſacer tuus, incly a, zelus!
Æduat in Regis pectore zelus, amor!
Vota litant Domino, ſervandum in ſemine Regnum;
Ne deſit Proles, progeniemque petunt.
Succeſſor petitur, dabitur Succeſſor ab alto;
Si placeat ſuperis, Aſtra benigna dabunt.
Quam bene fundamenta jacis, Rex maxime Regum,
Tu primam injiciens, Optime Petre, petram!
Et ſuper hanc Petram, nimium Regina Fidelis,
Condis Templa, Domos, Religionis amans!
Firmiter ædificas Eliæ Limina Natis
Sacra Reformatis, Atria grata Deo.
Hæc eſt illa Domus fumans, ubi Cordis Jeſu
Æthna inflammabit corda ſacrata ſibi.
Hocque juventutis ſtos inflammatus in igne
Curret, & accenſus plus vegetabit olens.
Nunc, & in æternum ſanctarum holocauſta Sororum
Omnipotenti offers: Gloria magna nimis!
Accendisque pyras, cumulas Altaria & ignis:
Flammaque Virginitas nutriet ipſa focos.
Quælibet ignis erat Veſtæ Sacrata Puella,
Accenſisque Aris Victima quæque fuit.

Sed

(a) 4. Reg. cap. 1. verſ. 12.

Sed Rubus incombuſtus erit pia turba Sororum;
Mors erit in flammis vivere; vita mori.
Vivent, non vivendo, &, non periendo, peribunt. (a)
Non Mundo, in Mundo; &, non Patriæ, in Patria.
Tereſiæ, Eliæque pyra, Phœnicis ad inſtar,
Quælibet alma ſoror mortua vivet amans.
His Thalami in flammis Divino Sponſa dicata
Sponſo prodigium Virginitatis erit.
Ignis in igne tori ſacri, ſimilisve Pyrauſtæ
Victima ſempre erit, non moritura Deo.
Quam dilecta, Deus tua Tabernacula! Quantum
Virginum & iſte Chorus dignus amoris erit!
Ardua conſcendunt Montis (ſed trita) Puellæ;
Nudatosque pedes more Parentis habent.
Altera Sina novis Carmelus Legibus auctus;
Sanctaque nudato terra terenda pede.
Retia fallacis Mundi omni ex parte Columbæ
Diſrumpunt; Arcam, ſeu pia Clauſtra petunt.
Ut laudent, ut ament Seraphim; & Matris amantis
Tereſiæ ſimiles, Numina nocte, die.
Dulcia guſtavit; poſtquam guſtavit amara,
Aſpera qui quærit, tendit ad aſtra, docet.

(a) *Hæc, qua videtur contradictio, optime ſalvatur in utraque vita miſera, & beata; miſera, in qua purgantur animæ per pœnitentiam, beata, in qua per contemplationem Deo uniuntur.* De illa loquitur Paulus ad Corinth. Epiſt. 1. cap. 15. verſ. 31. *Quotidie morior.* De hac ad Philippenſ. cap. 3. verſ. 20.: *Noſtra autem converſatio in Cœlis eſt.*

Qualis Apex, Natis ſummo ſtudioſa labore
Floribus ex variis dulcia mella legit.
O Animæ felices! jám, jam haurite beatæ
Hoc cœleſte Merum, Nectar & Angelicum!
Maxima noſtrorum Regum hæc eſt gloria; tantis
Virginibus ſacris condere Templa, Domos.
Tot Sponſas Chriſto, Eliæ quot, Numine flante,
Diſcipulas generant, Tereſiæque creant.
Bis Marianas rite vocabimus; utpote Matris,
Et Fundatricis Nomen, & omen habent.
Injicis ergo, Petrus, petram, Rex Optime, primam;
Ut ſuper hanc ingens ædificetur Opus.
Nominis excelſi Monumentum inſigne, Corona;
Namque Petro Templi convenit eſſe Petram. (a)
Nec, Regina potens, tua Spesque, Fidesque fefellit:
Nunc potius Nomen tollis ad aſtra tuum.
Vulnus alis venis, & ſacro accenderis igne;
Carmelique Soror Matris amore cales.
Veſtra Manus Sceptrum, atque Caput Diadema tenebit
Fauſtum; dum fertis Munera ſacra Deo:
Prædia namque, Den poſt Facta ſtupenda dicatis:
Omnipotens Vobis Præmia ſancta feret.
Inſuper Auguſtos Vobis dabit ipſe Nepotes:
Et fauſtum Reginen Poſteritatis erit.

Vi-

(a) *Tu es Petrus, & ſuper hanc petram ædificabo Eccleſiam meam.* Matth. in Evang. cap. 16. verſ. 18.

Vivite felices; Veſtros Deus augeat annos;
Gratia ſit vobis; gloria, laus, & honor.

BEATISSIMÆ, ET GLORIOSISSIMÆ
VIRGINI MARIÆ
SUB SINGULARISSIMO TITULO
DE
MONTE CARMELO
HOC POEMA ELEGIACUM

C. D. O. V.

HUMILIS FILIUS INTER FRATRES MINOR,
ET MINIMUS INTER MINORES
IN HAC ALMA PROVINCIA ALGARBIORUM.

Por. Fr. Franco de Sz̃z Mo. Castello.

EPIGRAMMA ENCOMIASTICUM-DICO.

DEliciæ Pindi, gratiſſima Cura Minervæ,
Creſcite, & in titulos ſurgite rite meos:
Dat Maro, dat Cicero magnorum exempla vicrorum,
Hellados alteruter pondus & inſtar habet:
Exultate, piis conatibus, & nova ſemper
Promite, nam ſtudiis gloria parta venit:
Mæonides tibi, Petre, animam, tibi Petre, videtur
Deſeruiſſe, ſuam Tityrus ipſe tubam:
Nom miror, quod fama ſuis tua Carmina linguis
Efferat, & dotes laudet, ametque tuas:
Attamen Aoniæ meditare Volumina mentis,
Accipe dulce tuum ſentiat orbis ebur:
Lyſiadum Petrus regnat jam Tertius orbe,
Pace, quid eſt mirum! Regna ſecunda beat:
Dicitur a dando Deus Optimus, unde benignus,
Munera Rex dando dicitur eſſe Deus:
Unicus Æthereum Petrus Sol præterit orbem,
Sol peragrat terras aureus; iſque duplex:

Inclitus imperio Princeps, magis inclitus autem
Eſt virtute, ſibi quæ dabit Empyreum:
Eſt adeo virtute potens, Regina triumphet,
Pax, amor, auxilium, gloria, lumen, honor:
Virginibus, nuptis, viduis ſanctiſſima norma,
Optima pupillis, pauperibuſque parens:
Quidquid agas, Regina, agito bene perge per annos
Unica ſpes noſtri, tu modo vive, vale.

Joſé Antonio de Almeida, Profeſſor Regio.

OS

OS FELICISSIMOS ANNOS DA SERENISSIMA SENHORA, PRINCEZA DO BRAZIL, E DUQUEZA DE BRAGANÇA

No dia 17 de Dezembro de 1776, saõ o assumpto da presente

O D E.

POr que motivo (oh Ceos!) hoje no Oriente
A rubicunda Aurora,
Se vê vir em seu coche despedido
Com desusada presla?

Como Apollo os cavallos soffrendo?
Mais velozes que os ventos,
Mostra que ao mundo vem dar hoje annúncio
Do mais brilhante Dia?

Por-

Por que cauſa hoje a Deoſa dos Amores,
De Cupido eſquecida,
A' Lyſia vem correndo cuidadoſa,
De prazer toda cheia?

Como aſſim vem Calliope cantando,
E ao ſom da Lyra de ouro;
Repete o coro em doces conſonancias
O Nome de MARIA?

As tres formoſas Graças mutuamente,
Correndo acceleradas,
Cheias de immenſo goſto ſe vaõ dando
Parabens repetidos?

Para eſcutar as Tagides ſonoras,
Hoje os marinhos Monſtros,
Se vemos erguer ſómente por ouvillas.
Fóra d'agoa as cabeças?

Donde procede pois tanta alegria?
Taõ immenſos prazeres?
Naõ te deſpenhes, Muſa; e ſe he que o ſabes,
Eſte Enigma deſcobre.

Que hoje ſaõ dezeſete de Dezembro,
Naõ deixo de lembrar-me,

Em

Em que a Saturno a Antiguidade tanto
Feſtejou neſte Dia.

Optimo em fim chamado geralmente,
Por trazer-lhe á memoria,
Aquelle ſeculo, em que andavão juntos
Os Tigres, e os Cordeiros.

Daqui pois os Romanos aprendêraõ
Dar licença hoje aos ſervos,
De fallar-lhes com plena liberdade,
E fazer-lhes offertas.

Quanto a Pallas tambem no Monte Albano
Hoje cultos rendiaõ,
Formando entre os Poetas, e Oradores
Em ſeu louvor certames.

Porém (oh Ceos!) que vejo de repente!
Já chega a gentil Deoſa,
Entra o Paço, e ſe proſtra ante do Throno
Da PRINCEZA dos Luſos.

Oh como a terra, e o mar de maravilha
Do ſólio eſtá enchendo!
E até ſeu proprio alento adoça os ares!
Tanto póde a belleza!

A filha de Titaõ Tethys formoſa,
Toda em prazer banhada,
De todo o largo mar o Senhorio,
Já lhe vem fazer certo.

Com que immenſo prazer, cheia de gloria,
Eu vejo a Deoſa Veſta,
O fazer-lhe hum ſincero rendimento
De quanto a terra abarca!

Mas quaes ſaõ as que chegaõ neſte inſtante?
E ſem mais differença,
Que a que tráz a preſença fatigada,
Moſtra vir de mais longe.

Ah, já conheço, ſim. Saõ certamente
America, e Bragança,
Que hoje vem a render-lhe, como devem,
Eterna vaſſallagem.

Como Lyſia de purpura trajada,
Por todos ajoelha,
E pedindo-lhe a maõ para beijar-lha.
Lha concede benigna!

De ſeu Throno em geral de gloria hoje enche
Palacios, e choupanas;

Qual

Qual o Sol no Zenith, montes, e valles,
Tudo a hum tempo allumia.

Porém já me recordo, ó Muſa, calla,
Deſcobrio-ſe o ſegredo,
Os ſuſpirados annos ſe feſtejaõ
Da PRINCEZA dos Luſos.

Mas de quem, ſenaõ Vós PRINCEZA Auguſta,
Baſta ſer (eu me explico)
Daquelle Sol, que o Reino hoje illumina
O mais refulgente Aſtro?

Da qual bem como huma Aguia mageſtoſa,
Vós tambem, Real Filha,
Fielmente hoje eſtais della aprendendo,
A remontar os vôos.

Mas com quanta razaõ vos inauguro,
(Tanto ſe nos concede,)
Que ás feſtas de Saturno ainda eſte dia
Ha de levar vantagem.

Tempo virá, PRINCEZA, virá tempo,
Que os fiéis Luſitanos
Cheguem a ver o ſeu ſeculo de ouro,
Por Vós, e em voſſos dias.

Aſſim o tem os fados promettido,
Que voltando-ſe os annos,
Se verá ſer Lisboa nova Roma,
Com aſſombro do Mundo.

Se a Pallas, ſendo Deoſa fabuloſa,
Se lhe dava hoje cultos;
Vós, Auguſta Deidade verdadeira,
Quanto mais ſe vos deve?

E ſe eſte dia aos ſervos, como diſſe,
Lhes era concedido
Aos ſenhores fallar com liberdade,
E fazer-lhes offertas.

Eu ſervo, e Vós Senhora, Alta PRINCEZA,
A fallar-vos me atrevo,
E fazer-vos de meus curtos louvores
Taõ baixo donativo.

Mas entre Soberanas qualidades
Todo o valor da offerta,
Sei, que conſiſte no animo ſincero,
Com que eſtas ſe offerecem.

Canoros Cyſnes do formoſo Tejo,
Levantai hoje o canto,

E meſtrai até onde chegar póde
A voſſa melodia.

Vingai-me, ſim, ſuaviſſimos Alumnos,
Os de Apollo eſcolhidos,
Dizei o que dizer devo, e não poſſo
Por inercia, ou reſpeito.

Subi, ſubi ao cume do Parnaſo,
Que tendes alto Aſſumpto;
E eu vos verei voar cheio de gloria
Cá da raiz do monte.

Mas comvoſco em geral, ó Luſitanos,
Comvoſco agora fallo,
Tratai de feſtejar ſempre eſte Dia
Mais, do que Grecia, e Roma.

E pois tendes motivo ainda mais juſto,
E brios vos não faltaó,
Fazei-o, que o que fica inaugurado,
O vereis a ſeu tempo.

Fazei do Gentiliſmo eſcura a Fama;
E já que eu nada poſſo,
Celebrai eſte Dia com grandeza
Sempre, em quanto houver mundo.

Do Bacharel Franciſco Antonio de Novaes, e Campos.

LU-

303-

LUSITANA CALLIOPE

DE PACE INTER COGNATA SCEPTRA

SACR. AUGUST. REGAL. ET FIDELIS. MAGEST.

D. D.

CAROLI III.

HISPANIAR. REGIS

PIO. FELICI ET PATR. PATRIS,

ET

SACR. AUGUST. REGAL. ET FIDELIS. MAGEST.

D. D.

MARIÆ I. ET PETRI III.

LUSITANIÆ REGUM

PIOR. FELIC. ET PATR. PATRUM,

SUPER BRASILIÆ CONFINIO NUPER FACTA

LATIALI VOCE GRATIAS AGIT;

ATQUE

De ætate, usque ad duodecim Lustra cum mensibus totidem feliciter producta,

EIDEM REGI CATHOLICO

GRATULATUR;

SUADENTE

ANTONIO FELICE MENDEZIO,

Reg. Latin. Ling. Prof.

AUGUSTISSIME REX HISPANIARUM.

CAROLE, quem Sceptri gemino ſub Sole potentis
Hæredem, Auguſto ſimilem virtute Philippo,
Aſpicimus læti, & merito veneramur honore;
Heſperiæ conceſſa plagæ Pax alma libenter
Plauſibus excipitur, campos qua prægravat auro
Unda Tagi, Argolicam ditans aſpergine ripam:
Et qua Mavortis diſcens præcepta Juventus
Exercetur equis herboſo in margine Bætis.
Hanc etiam excepit læto Paragaia vultu,
Atque Tapuia, furens Mavors quem terruit. Omnes,
Ut bellum placido componi fœdere norunt,
In patriam læti redeunt, Lætosque falutant
Quiſquis ſuos. Aris plebs primum indicit honorem.
Poſtea feſtivos per compita fervere plauſus
Cernere erat. *Pylium præſtet Rex CAROLUS annis*
Neſtora, conſiliis ſolers qui præſtat eundem:
Clamabant Luſi, ſequitur plebs barbara Luſos.

Parte alia Hiſpani Pacem, Pacisque Datorem
Extollunt. Valles percuſſæ vocibus augent
Lætitiam, ſonitu vocum reboante canoro
Mox iteratarum, Lauros ut fama per orbem
Victrices narret. Cognato a ſanguine pœnas
Sumere detrectant ſterili pro rure, jubetur
Inſula jam tradi Luſis Catharina, feraces
Et qui nomen habent a Magno flumine campi.
Pax datur. Alcionum redeunt nunc tempora Luſis,
Æternumque reor Pacem ſine nube manere;
Nam patet invitos aliquot Magalia Luſos
Cepiſſe, occiſis paucis, qui cæſpite culmen
Congeſtum ſervare magis, quam vivere vellent.
Nunc vero ut Jani voluiſti claudere portas,
Qua Lyſiæ dives juncta eſt Paragaia Tapuis,
Ne gentes ſævum Martem experiantur Eoæ,
In cinerem ac videant converſos igne Penates,
Strata cadaveribus nuper viridantia Tempe,
Litora poſt ſanie, taboque fluentia putri.
Sævire in pueros etiam, tenerasque puellas,
De quibus arma duci nunquam meritura triumphum;
Æthereum dum Phœbus iter molitus ab ortu
Occiduas ſubiturus aquas luſtraverit oram
Heſperiæ, Rex Magne, tuæ, pandetur in Orbe
Braſiliæ Populis a Te data munera Pacis.
Audiat hoc votum Genius Natalis, in ulnis
Qui Te naſcentem excepit, cuſtosque tenellæ
Additus ætatis, veſtigia trita tuorum

Ma-

Majorum oſtendit, monuitque ſequenda frequenter
Ut premeres. Tua qui ſtupeat clariſſima facta,
Profuerint quantum Genii dictata Magiſtri
Agnoſcet. Genio ergo tuo nunc thure litabunt
Luſiades, thure ut faciunt juvenesque, ſenesque
In tota Heſperia, longæ Tibi tempora vitæ
Natalemque diem, redeat quandoque, precantes
Auguſti celebrare ſui. Hactenus hæc quoque Luſis
Cura fuit; poſt hac major, mihi crede, futura eſt;
Nam prius in conchæ ſaxoſa cacumina vertet
Ipſe Tagus, ſolita Oceano ſolviſſe tributa
Immemor, atque ſpecus natale invitus amabit
Quam ſine laude diem, quæ tanti conſcia Partus,
Præteream, Phœbus Lucem cum reddat eandem,
Ut Tibi BORBONIDUM creſcat nova gloria Stirpis.

O D E

AOS FAUSTISSIMOS ANNOS DE SUA MAGESTADE O SENHOR

D. PEDRO III.

QUE aureo Sceptro empunhando
Aos meus pés ſubmettidos
Milhões de eſcravos, dando
Soluços, e gemidos
As pezadas cadêas arraſtaſſem,
E a maõ medroſamente me beijaſſem,

Que

Que da Paz, e da Guerra
As Leis eu ſó dictaſſe,
E que em ſilencio a Terra
Minha voz eſcutaſſe;
Ou que eu pudeſſe aos meſmos Reis contallos
Naõ como Reis, mas como a meus Vaſſallos.

Taõ eſtranha grandeza
De balde me tentára:
Aſpiro a outra empreza
Mais ſublime, e mais rara:
Ser Grande, ſer Senhor, ſer Soberano
Mal ſatisfaz o coraçaõ humano.

Naõ ſaõ pois os meus votos
Ver pelos meus ſoldados
Os inimigos rotos,
Os eſquadróes talhados:
Eu deixo em paz que hum Alexandre veja
Toda a Terra aos ſeus pés, ſem ter-lhe inveja.

Se até do aſſento etherio
Nos Olympicos Cumes
Me cedeſſe o Imperio
O mais alto dos Numes,
Ou que empunhando a tripartida vara
Dos Deoſes o conſelho eu governára.

De tudo cederia
Com tanto, que o Ceo juſto
Faça com que eſte dia
Natal do meu Auguſto
Tantas vezes repita o Paſtor louro,
Que as rodas gaſte do ſeu carro d'ouro.

Fr. Joaquim Forjás.

A' MAGESTADE FIDELISSIMA DE ELREI D. PEDRO III. NOSSO SENHOR, REMOQUES JOÕES, QUE PARECEM BERNARDOS NAS SEGUINTES REDONDILHAS.

POR muitas, já pouco raras
Diz que eſtas moedas ſaõ,
Em que val cada dobraõ
Com duas por oito caras.

Saõ todas, diz que amarellas;
Naõ as vi, Meu Rei ainda,
Ha de ſer coiſa bem linda!
Mandai-me, Senhor, dar dellas.

Que eu andar por eſſas ruas
Quizera, PEDRO TERCEIRO,
Com homem naõ, com dinheiro,
Que foſſe de caras duas.

Aſſim as leo no Palacio de Quéluz

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

FIDELISSIMO LUSITANORUM REGI,
PETRO AUGUSTO, PIO,
RECURRENTE EJUSDEM NATALI DIE, PERENNEM FELICITATEM.

GENETHLIACON.

Rex, in æternum vive! Dan. cap. 3. verſ. 9.

MAxime Rex, qualem gens nec dedit antea terris
Luſa, nec in longa poſteritate dabit!
O' Patriæ Pater! O' Lyſiis ſacra anchora rebus!
Gloria, ſpes, populi deliciæque tui!
Subjectæ queîs corda beas, & lumina gentis,
Et mente, & placida fronte benignus ades.
Indue feſtivos, quales decet, indue vultus,
Circumeant lætas aurea ſerta comas.
Quidquid odoriferos gignit modò Flora per hortos,
Quidquid & in tepido vere renidet opum,
Ter felix per limen eant, & flore recenti
Pendeat ex alto nexa corona tholo.
Scilicet illa dies hæc eſt fauſtiſſima, quâ te
Numina Luſiadis juſta dedere ſuis.

Illa dies hæc eſt, quâ te Lucina Parentis
Subſtulit e gremio, compoſuitque ſuo.
Illa mihi nuper, licèt inferiora ſecuto,
Natalem juſſit concelebrare tuum.
Illa mihi pro te dare verba precantia juſſit,
Votaque ſolemni concipienda die.
Optime Natalis, niveoque notande lapillo,
Huc ades, & votis annue læte meis!
Cincte caput redeas per ſæcula longa Coronis,
Fauſtaque lætitiæ ſigna benigne feras.
Audior: aſſuetum repete Natalis honorem,
Et referet feſtos feſtus, ut antè, dies.
Ipſa ſimul rediens Patrem Lucina beabit,
Progeniemque piam, participemque tori.
Tunc tua dicentur virtutum inſignia, toto
Dicentur tituli, quâ patet, Orbe tui.
Nata ſimul tecum Probitasque, Fidesque ferentur;
Quidquid & inſpirat Religionis amor.
Hinc tua, quæ templis genuina modeſtia fulget,
Hinc pia quas miſeris dextera fundit opes.
Utque tibi ſuperûm cura eſt, ut cura Tó antis;
Sicut etiam huic grato mutua cura tui eſt.
Eſt tibi (ſitque, precor, Pylios ſervata per annos)
Optima, nec veſtris degener Uxor Avis.
Felix conjugium felicia pignora firmant,
Pignora, quæ patrium nomen in aſtra ferent.
Veſtra per hæc, Lyſiis cùm vos fata impia regnis
Invideant, ſemper fama ſuperſtes erit.

Ex-

Exemplis formata tuis, formataque Matris,
Quæ non virtutum ſemina corde trahent?
Sic, genita morum remanens in imagine, nobis
Soſpes in exemplum vivet uterque Parens.
Sic tuus, extendunt quâ ſe regna omnia noſtri
Orbis, inextincta laude feretur honos.
Tuque perilluſtri digniſſima Conjuge Conjux,
Vive Sibyllinos, vivere digna, dies.
Dumque per Heroum veſtigia trita, tuamque,
Conjugis & famam tollis in aſtra tui;
Carminibus celebrata meis, tua gloria ſurget,
Conſurgetque Viri nomen, honosque tui.
PETRE! diu vivas cum Conjuge ſoſpite ſoſpes,
Fœmina quam præter par tibi nulla foret.
Sera petas demum (quid enim tibi plenius optem?)
Et Lyſiis gratus & aſtra Deo.
Atque ubi te ſuperum tua tollet ad æthera virtus,
Inter & eximios te quoque ponet Avos;
Luſiadæ ſtatuam ſpirantem ex ære dicabunt,
Æternisque addent verba legenda notis:
Pro ſe, proque ſuis ſervatis undique, Luſi
Hoc Regi ſignum conſtituére ſuo.
Tertius hic numero, primus ſed amore clientum,
PETRUS in illorum corde ſuperſtes erit.

Claudius Meneſius Caſtrius cecinit.

A' SERENISSIMA SENHORA INFANTE D. MARIANNA,

NO FAUSTISSIMO DIA DE SEUS ANNOS.

ELOGIO.

ESCREVIA

JOAQUIM IGNACIO TALLAIA COLLAÇO DE CASTELLO BRANCO.

ENtre os mais formoſos, e eſtimaveis dias, que celebraõ os Portuguezes, devem elles certamente diſtinguir o dia de hoje. Que brilhante, que admiravel dia!

O venturoſo, e importante naſcimento de Voſſa Alteza o faz ſem dúvida hum dos mais glorioſos, e recommendaveis de quantos com ſeus raios illuſtra o Sol, em ſeus annaes numéra Portugal agradecido.

O juſto reconhecimento em que devemos eſtar á Pro-

Providencia, pelo muito que nos ennobreceo, dando-nos neſte dia huma Infante, que agora admiramos Heroina, adornada das mais raras virtudes, naõ poderá em tempo algum ter outro aſſento, que naõ ſeja o mais diſtinto.

Eſta ſoberana dadiva terá ſempre o lugar mais nobre, occupando os noſſos corações, gratos, e reconhecidos á prodigioſa, e liberal maõ de hum Deos Benefico.

Naſceo Voſſa Alteza para admiraçaõ do Mundo, e para gloria de Portugal, a concedeo a eſte Reino o Omnipotente.

Se a arvore má naõ póde produzir bons frutos, claro eſtá, que a boa planta os naõ póde gerar máos: de hum tronco taõ excelſo, e taõ catholico, que podia naſcer ſenaõ hum ramo taõ virtuoſo, e taõ illuſtre.

Do Grande, e incomparavel Rei, o Senhor D. JOSE' PRIMEIRO, e da Auguſtiſſima Senhora D. MARIANNA VICTORIA ſua Eſpoſa; ambos de huma memoria a mais ſaudoſa; ſenaõ herdou o Throno, circula em Voſſa Alteza o ſangue, he ſua Filha, e iſto baſta.

Eu naõ pertendo (nem a tanto me atrevêra) eſcrever o Elogio de Voſſa Alteza, tecendo huma oraçaõ toda cheia de hyperbolicas fraſes; ou formando hum aggregado de palavras ruidoſas; por que iſſo ſôra certamente contrafazer a minha natural ſinceridade, e ao meſmo tempo fizera huma grande irreverencia a taõ alto aſſumpto.

Os

Os admiraveis dons, e illuſtres prendas, com que Voſſa Alteza ſe enriquece, as diſtintas qualidades, com que Voſſa Alteza condecóra a ſua Auguſtiſſima Peſſoa, quem as ignora?

A noſſa Côrte, o noſſo Reino, a Europa toda reconhecem em Voſſa Alteza huma daquellas Heroinas, que raras vezes produz a natureza, e pela dilatada carreira dos Seculos faz brilhar no theatro do Univerſo.

Os ſeus admiraveis attributos, e excellentes prerogativas enchem de aſſombro toda a eſféra orbicular, em toda ella ſoaõ os écos de huma Fama, que atrôa ſeus ambitos, ainda os mais remotos.

Eu, Sereniſſima Senhora, por mais que juſta a minha obrigaçaõ, e o meu deſejo o facilita, alcanço, e ſei que naõ he a minha penna inſtrumento capaz para eſcrever de huma Perſonagem taõ diſtinta: Bem quizera eu ſer digno panegyriſta de Voſſa Alteza; mas treme a maõ, conheço o perigo, e vejo que he materia imporporcionada ás minhas forças.

Magnos magna decent, non omnia poſſumus omnes;
Non capit exiguum parvula concha mare.

CANÇAÕ.

QUE guapas, que formoſas,
Coroadas de jaſmins, lyrios, e roſas,
As Naydes gentis do noſſo Téjo
Dançando, como nunca alegres, vejo
Sobre a placida corrente:
Que airoſa, que riſonha, e que contente
De Pellèo a filha bella
Ante a aquatica turba ſe deſvéla,
Os paſſos, e compaſſos repetindo;
Na gala, no candor, no geſto lindo
A todas, excedendo,
E a todos, os que a vem, de amor prendendo.

Tudo he goſto, prazer, tudo alegria:
Mas que ouço? Novo aſſombro! E que harmonia!
As Nynfas alternando,
A córos vaõ tangendo, e vaõ cantando!

Quem objecto ſerá de tanta feſta!
O ouvido applicarei: a letra he eſta.

Sem temer do tempo os damnos,
Sempre illuſtre, e ſempre uſana,
A formoſa MARIANNA
Numéra felices annos.

De Cloto o golpe fatal,
Sem que eclipſe o ſeu ſemblante,
Viva a noſſa Bella Infante
Delicias de Portugal.

Mas ah, que agora alcanço, e já deſcubro
A razaõ: clara eſtá: ſete de Outubro
Saõ hoje, e cumpre annos
Eſſe Aſſombro o maior entre os humanos;
Faz annos a Preexcelſa, a Soberana,
A Belliſſima Infanta MARIANNA;
E por iſſo com juſto fundamento
Celebraõ ſeu ditoſo naſcimento
Do cryſtallino Téjo ſobre as limfas
Plauſiveis decantando as bellas Nynfas.

Glorioſo, feliz dia!
Que fauſto para a noſſa Monarquia
Te diſtinguo, oh dia bello!
Nas luzes ſem igual, ſem parallelo

Bri-

Brilharás reſplendecente,
Ditoſo, ſempre grato á Luſa Gente.

Tu és, oh dia importante,
Aquelle, em que naſceo a Bella Infante;
Aquella, aonde a graça encanta, e brilha;
Dos mais Illuſtres Reis Illuſtre Filha;
Eterns na memoria Luſitana
Dos Grandes D. JOSE', e MARIANNA
Preclara Deſcendente,
MARIANNA tambem, que felizmente,
Virtudes acumulando,
No Zenith Portuguez ſe vê brilhando
Deſde elle, como a Sol, aſtro jucundo,
De luzes preenchendo a todo o Mundo.

Naõ mais Cançaõ, naõ mais, que o meu intento
Nunca foi numerar do Firmamento
Luzidiſſimas eſtrellas:
Cantar da Bella Infante as prendas bellas
Seja aſſumpto de outra penna,
Porque a minha em taõ ardua, illuſtre ſcena
Formando, como deve, alto conceito,
Elogio ſó faz do ſeu reſpeito.

Lou-

LOuvar o merecimento he hum direito que tem quem ama a verdade. A acçaõ como he juſta, leva anticipada a deſculpa na ſinceridade, com que ſe obra. Pouco importa que ſejaõ fracas as luzes de quem a emprehende: o animo he quem decide.

Eu vejo, que o talento de Vm.ce ſe faz credor naõ ſó dos meus applauſos, mas de que a Fama engroſſando o brado eſpalhe as ſuas raras qualidades. Nem ſó Portugal que lhe deo o berço, deve ſer o ſeu Panegyriſta. Sobre as agoas do Tibre ainda talvez ſoaõ os louvores, que as Muſas Romanas lhe conſagraõ, immortalizando na Poſteridade o ſeu nome. A Italia toda por onde Vm.ce derramou as luzes do ſeu eſpirito, que Padraõ naõ levantará a ſua gloria?

Era juſto que reſtituindo-ſe á ſua Patria nos déſſe Vm.ce a conhecer nas ſuas brilhantes producções a delicadeza do ſeu engenho. Era juſto, que por generoſidade do ſeu animo voluntariamente ſe offereceeſſe para tomar ſobre os ſeus hombros o pezo de hum argumento, que ſó Vm.ce póde ditoſamente deſempenhar. As graças do ſeu eſtilo, a energia das ſuas expreſſões, a viveza das ſuas imagens, a ſua vaſtiſſima erudiçaõ tanto ſagrada, como profana, que fertil campo naõ

abre

abre á ſua fantaſia, fecunda mãi de maravilhoſos partos, oratorios igualmente que poeticos. Eu o tenho participado, dando-me Vm.ce a ler os partos do ſeu juizo, que com razaõ tem conſeguido hum louvor ingenuo nos eſtranhos Paizes. Agora o participaráõ todos que tem a honra de ouvillo, ficando pendente da ſua boca, naõ ſó no Pulpito, de que he Meſtre conſummado, mas tambem neſta illuſtre aſſemblea. Se eu naõ temêra ferir mais a modeſtia de Vm.ce, eu me demorára fazendo mais pública a ſua rara comprehenſaõ, tecendo-lhe os competentes elogios, que tendo por baze a verdade, feriaõ ſempre bem acceitos. Toda via eu devo dizer-lhe, que a impreſſaõ que nas noſſas almas fizeraõ as ſuas orações, he o mais efficaz Panegyrico, que lhe poſſo tributar, lembrando-nos ſempre o veneravel nome de Vm.ce, para o goſto, e para o reſpeito.

Diſſe.

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

EM

EM LOUVOR
DO DIGNISSIMO, E MERETISSIMO
SENHOR DOUTOR
JOAÕ DIAS TALLAIA SOTTO-MAIOR.

ROMANCE HENDECASYLLABO.

O Eximio Camões, que excedeo muito
A Homero, Virgilio, Ouvidio, Taſſo,
Por objecto elegeo do ſeu Poema
As armas, e varões aſſignalados.

Elle ao intrepido Gama exalta, e louva
Noronhas, Ataides, Silvas, Caſtros,
Albuquerques, Menezes, que pizáraõ
Os mares nunca de antes navegados.

Mas eu, que na Academia obſequioſa
Por ſorte fui eleito Secretario,
Eſtragando dos votos o ſegredo
De outro Heróe os progreſſos vos relato.

De hum Portuguez egregio, douto, e forte
A Eloquencia, o garbo, as glorias canto,
A quem Minerva deo o doce leite,
A quem Marte offereceo viſtoſos campos.

As mantilhas mais finas lhe tecêraõ
As Nynfas do Mondego em os tenrros annos,
Mas a ſaia de malha lhe veſtíraõ
As Tagides Salinas de duro aſſo.

Apóllo o ama, o reconhece, e elege
Para Mordomo mór de ſeu Palacio,
As Muſas o abraçaõ, mas Bellona
Quiz com furia arrancallo dos ſeus braços.

Subio a cauſa a tribunal ſupremo,
Eſcrevêraõ-ſe em fim arrazoados;
Porém o louro que lhe cinge a teſta
Do que as palmas naõ póde ſer mais alto.

Na balança de Aſtréa em ouro fio
A lingoa ſe ſuſpende, e neſte caſo

Sen-

Sendo no pezo igual a pena á eſpada,
Lingoas naõ póde haver para explicallo.

Quem he eſte pergunta o ſabio abſorto,
Indeciſo, confuſo, e admirado,
Quem he eſte inquire, o Capitaõ valente,
Já para conhecello, e imitallo.

Eſte he Joaõ, de quem o ſeu cognome
Naõ ſaõ Dias eſcuros, mas ſim claros,
Por Tallaia diſcreto, e vigilante,
Se por Sotto-maior forte, e esforçado.

Eſte he o fundador de huma Academia
Dos obſequios devidos aos Soberanos,
Que naõ teme nos campos os Achilles
E nas aulas confunde aos Ariſtarcos.

Eſte he quem por obſequio ás Mageſtades
Paſſou a Heſpanha, e víraõ os Caſtelhanos,
Que em Portugal ainda ſe conſervaõ
Fiéis copias do grande Viriatho.

Eſte do Téjo até ao Manſenares
Da Familia do Rei acompanhado,
Entra em Madrid triunfante, mais que em Roma
Em outro tempo Conſtantino Magno.

Cartas Credenciaes naõ preciſava;
Porque foſſe na Côrte acreditado,
Quando levava eſcritos no ſemblante
Honra, brio, primor, grandeza, garbo.

Preſenta-ſe á Soberana, e com ternura
Do Reino a ſaudade declarando,
Exprime o ſeu prazer, e a noſſa mágoa
Com riſo alegre, e gracioſo pranto.

A Mageſtade o attende, e gratifica
Os exceſſos, lembranças, e cuidados,
Pois que ſabe, que ſaõ os Portuguezes
Amantes filhos mais do que vaſſallos.

Manda o Monarca, ſe lhes faça ver
Quanto ha de precioſo em ſeus Palacios,
Mas inda que mais víra naõ ficára
Eſpirito taõ ſublime admirado.

Vê a Côrte, obſerva os movimentos
Politicos, e já licenciado
Torna á Patria deixando os Heſpanhóes
Entre mil confuſões, aſſombros, paſmos.

Beja a maõ ao ſeu Rei, e fiel conta
Lhe refere de todos os ſeus paſſos;

Que

Que ſendo ſeus haviaõ de ſer rectos
Por compaſſo medidos, e ajuſtados.

Infinito ſeria, ſe diſſera
As virtudes de que elle he adornado,
Mas por naõ offender ſua modeſtia
Lembro os toiros do cabo, e aqui acabo.

Diſſe.

D. Manoel Evangeliſta Oliveira Maſcarenhas Silva.

A' AUGUSTISSIMA RAINHA
NOSSA SENHORA,
NO DIA EM QUE A ACADEMIA
DOS OBSEQUIOSOS
APPLAUDE OS SEUS ANNOS, E AS SUAS VIRTUDES.

O D E.

E Spirito Divino,
Tuas vozes ſublimes reconheço,
O grande, o immortal Hymno
Ao ſom da doce lyra já começo
E da bella verdade o claro lume
Me tranſporta de hum vôo ao Pindeio cume.

Pie-

Pierides Famoſas,
Eis o dia ſeliz, o grande dia,
As acções mageſtoſas
Que a Pindarica penna deſcrevia
De Latinos, e Gregos, alto eſpanto
Naõ igualaõ o aſſumpto do meu canto.

Monarcas celebrados,
Digna Prole de Affonſo ſempre amavel;
Eſpiritos ſublimados,
Que roubou negra Parca inexoravel,
Do ſomno eterno erguei a frente ſanta,
Minha lyra dos voſſos Netos canta.

Eſſe monſtro guerreiro
Que dos triſtes mortaes extingue a raça,
Fuja fuja, primeiro,
De MARIA o Reinado ſó abraça
Com a placida paz, com a equidade
O ſocego feliz, a liberdade.

Oh tempos! oh idades!
Em que a louca cegueira dos humanos
Chamava heroicidade,
Verter ſangue innocente, inventar damnos;
Graças aos Ceos de huns dias taõ ditoſos,
Que deſprezaõ delirios horroroſos.

A miſera indigencia
Foge á voz de MARIA, e PEDRO Auguſto:
Benigna clemencia
Faz a baſe do ſeu governo juſto,
E de Themis o fio reſpeitoſo
Nas ſuas puras mãos tem o repouſo.

Puro merecimento
Vive certo no dom, já mais receia:
Claro diſcernimento
O conhece, o diſtingue, e bem premeia
Que a Rainha dos Luſos, a Heroina
Tem os dotes ſupremos de Divina.

Crimes deſgraçados,
Vil aborto da frôxa ocioſidade,
Mil vezes perdoados
Por hum recto fervor de piedade,
Eu vos vejo fugir cheios de ſuſto
Ao Nome de MARIA ſempre Auguſto.

Os tempos fabuloſos,
Em que Aſtréa, e Saturno o Mundo via,
Ah Luſos venturoſos,
Vos demoſtra o governo de MARIA:
Eis-aqui a fiel idade de ouro;
Eis de dons, eis de graças o theſouro.

Eſtro, que me deſtinas.
Eu naõ poſſo ſeguir-te, a lyra eſtala:
Vós, oh Muſas Divinas,
A quem meu rude canto naõ iguala,
Applaudi com a fama ſempre eterna
Toda a Prole Real, que nos governa.

Miguel Antonio Ferreira Taborda.

DISCURSO POETICO-FILOSOFICO

ESCRITO SOBRE O GOSTO DE POPE

NO SEU STOMEM:

AO SEGUNDO ASSUMPTO

DA

ACADEMIA DOS OBSEQUIOSOS DE SACAVEM,

EM OS ANNOS

DE

SUA MAGESTADE FIDELISSIMA

A

RAINHA NOSSA SENHORA.

VEM da culpa, naõ vem da natureza
O ſer annexo o Imperio ao viril ſexo:
Outro devêra ſer o dominante,
Se eſtivera incorrupta a mente humana:
Devêra ſó reinar o bello ſexo
Por diſcreto, por doce, por piedoſo.

Se durára innocente o noſſo genero,
Naõ haveria Reino, Imperio, ou Principe.
Todos iguaes entaõ, todos unidos
Que uſo, ou titulo ſôra o do Soberano?
Para que o Sceptro mais, a eſpada, ou throno?
Reinára a razaõ ſó, a ſé reinára,
E qualquer em ſi proprio imperaria.
Mas huma mãi... he crivel, que entaõ meſmo
Naõ regeſſe o ſeu filho? que naſcido
Naõ pendeſſe amoroſo do ſeu peito?
Que ao beber nos ſeus oſculos a vida
Naõ lhe rendeſſe humilde a obediencia?
Que quem nelle formára o corpo humano,
Naõ formaſſe a razaõ? Se ao Paraiſo,
Que era reino de amor, ſceptro convinha;
Só a mulher devêra ſer Rainha.
O homem deſde a infancia paſſa a eſcravo,
Sendo o patrio poder o commum vinculo,
Que todos nos ſubjuga: nem he inteira
A differença da tutela á ſorte
Da baixa eſcravidaõ: a lei o inculca,
Quando diz, que os adultos emancipa.
Naõ era compativel taõ vil ſado
Com a paz, que gozava venturoſo
O innocente immortal: hum pai querido
Seria amado ſem o horror da pena.
Pagára o que lhe deve a natureza
Com reverente amor ſem dependencia;

Po-

Porém da mãi, fuppondo-nos naſcidos,
Quem póde imaginar, como hum infante,
Naõ fôra dependente? Em que maneira
Começára a fallar? Quem lhe inſpirára
As primeiras idéas? Onde he claro,
Que antes da culpa ſó reinar podia
No feliz Paraiſo a Ginarquia.
Foi alterada a condiçaõ ditoſa
Pela culpa infeliz: a natureza
He de origem nos homens inimiga,
E huns aos outros naſcemos já contrarios,
Como ſe a corrupçaõ do homem primeiro
Fôra a ſemente da Miſantropia.
Naõ ficou o mais ſeguro o pai do filho,
Nem o filho do pai: o irmaõ começa
A conhecer a penas o irmaõſinho,
E já ſe batem por inveja: eſte odio
Entre as familias accendido, abraza
Aldeas, campos, póvos, e Cidades.
E ſe o ferro naõ ſôra; ſe o homicida
Naõ receára a vingança; ſe o aſſaſſino,
Se hum adultero infame, hum roubador
Naõ temêra os patibulos, e eſpadas,
Que fôra toda a humana ſociedade,
Mais que hum pelago, hum cahos de maldade?
Naſceo para obviallo a lei ſagrada;
Inſtituio-ſe o Imperio, a féra guerra, a pena;
Luzio a eſpada fulminante, e o ferro

Sa-

Sahio da occulta mina, que o eſcondia
Para pôr em reſpeito os delinquentes:
Levantáraõ-ſe os Thronos, e os Monarcas
Empunháraõ por Sceptro mageſtoſo
A ferrea vara, com que ſubjugavaõ
Os rebeldes eſpiritos dos homens.
Foi preciſo confiar á Lei, e á força
De varões fortes, de animos auſteros,
Que enſanguentando as mãos em a carnagem, (a)
Inſpiraſſem terror nos tranſgreſſores,
Reſpeito ao Rei, e obediencia aos Thronos:
Onde foi preferido o ſexo forte
Na potencia do Imperio, e levantado
Por mais apto a reinar o homem armado.
Rege-ſe o Mundo aſſim, deſde que he iniquo,
Mas ſe o Graõ Padre, que domina os Seculos
Manda á terra a paz de ouro, e em certos tempos
Concede aos homens do primeiro eſtado
Huma imagem feliz, ſe as nações pias
Com pacifico, doce, e ſanto Imperio
Quer premiar movido da clemencia,
Elege o meio natural, e exalta
O bello ſexo ſobre o Solio Auguſto:
Faz que Débora impére glorioſa,
E que á ſombra das palmas reclinada
Seja a mãi dos exercitos ſoberana.

Ef-

(a) A palavra *Carnagem* he Franceza; mas acha-ſe adoptada deſde os tempos do grande Joaõ de Barros.

Eſte coſtuma ſer o fauſto effeito
Da Ginarquia nos Imperios juſtos:
Onde reina o amor: onde a violencia
Do mar naõ póde com o ferro ardente
Os que vence huma mãi: onde he preciſo
Que o Imperio ſe transforme em Paraiſo.
Ditoſo Portugal, tu eſtás gozando
Eſte da Providencia alto deſtino:
Foi lei com que naſceſte, quando o Hiſpano
Rei Invicto ordenou, que a Real Filha
Se deſpoſaſſe a Henrique o Graõ Burgundo,
Elle como Barac ao Sceptro aſſiſte,
Como Debora a Infanta os póvos rege.
Thereza foi a Mãi do Grande Affonſo,
Affonſo o Pai da Luſa Monarquia.
Nella eſte exemplo foi a lei primeira;
Della deſcendo a ordem ſe confirma
Das Reaes Succeſſões, ſem que ſe exclua
(Como baſe do Imperio) a Ginarquia.
Preſagio do que vemos. Quem naõ penſa
Que o deſtinava a Eterna Providencia,
Vendo na ordem dos tempos o graõ caſo,
Que em MARIA PRIMEIRA hoje acontece?
Pois vinculada com o Tio Auguſto,
Elle he Ella, Ella he Elle, e o Filho ao lado
Em tres córpos he hum Rei multiplicado:
Genio da Luſitania, tu pintavas
Eſta imagem no amor dos teus antigos

Dominantes Auguſtos. Tres Reinantes
Irmãos coroaſte na primeira idade
Taõ unidos no amor, como no uſo
Do Supremo poder no Luſo Imperio.
Taõ ſemelhantes na virtude, e nome.
Que a Naçaõ de hum ſó Rei nos tres contava
O eſpirito, e acçaõ, e dos tres córpos
Formou a imagem que aos mortaes enſina,
Que naõ ſe chama Rei, nem rege o Sceptro
Hum corpo inerte, nem ſe eſcreve em numero
O Rei he a alma, o penſamento, o genio:
A coroa he virtude: a Regia Vara
He a firme Juſtiça, o Throno he ſempre
O coraçaõ do ſubdito. Que emblema
Dos tres altos Geriões da Monarquia!
PEDRO, e JOSE' ſaõ dois, e hum com MARIA.
Deſta uniaõ feliz que á identidade
Taõ vizinha parece que naõ póde
Eſperar hoje a Patria? Se já ſoube
O Tirinthio vencer os Luſitanos
Antigos Geriões com dividillos;
Contra os novos em vaõ tentára Alcides.
Une-os o ſanto amor, o laço os prende
Da fé no coraçaõ, com quem MARIA
A Gran Rainha tem o ſeu trocado.
Une-os de Chriſto o coraçaõ Divino;
Onde em vinculo eterno incorporados
Força naõ póde haver, nem maõ creada,

Que

Que ou os vença, ou divida. Reina, reina
Immerſa neſte centro a Fideliſſima,
A piedoſa MARIA. Os ſeus Vaſſallos
Vê pelo gyro da eſtendida eſféra,
Como a eſféra os ſeus raiòs, e he Rainha,
Que a ſi nos une, como ao centro a linha.
Oh Sagrada uniaõ! Ponto Divino!
Paraiſo, onde habita com o Eſpoſo
Eſſa immortal piiſſima Heroina!
De ti ſahe, como raio o zelo ardente,
Que nos ſuſtenta a ſé, promove o culto;
Que dilata ao Naſcente, e pelo Occaſo
A Lei Chriſtã, e a Cruz victorioſa;
Que abate n'Aſia a torpe Idolatria;
Que manda ao fuſco Ethiope a brilhante
Luz do Evangelho, que da vaſta America
Civiliza os ſertões, e o Imperio extende;
Renova as Artes, e o Commercio anima.
O Corpo Nobre, a Ordem Senatoria,
A Militar exacta diſciplina
As Sciencias na luz mais elevada,
Todos moſtraõ no augmento quanto vale
N'hum, e n'outro vaſtiſſimo hemiſferio
De MARIA PRIMEIRA o fauſto Imperio.
Quantas graças ao Nome Omnipotente
Devemos, deſte bem ſagrada ſonte?
Naõ póde conceber, nem caber póde
No peito, e voz humana. Deos ſómente

Peza taõ alto dom que otorga á Patria,
Que em juſta gratidaõ ſe offerece em victima.
Louvar-ſe deve a Providencia amiga,
Que com braço fauſtiſſimo repara
As perdas da Naçaõ, dando-lhe abrigo
No ſeio de huma Mãi, que com clemencia
Mimoſa enxuga as lagrimas choradas.
Que a terra toda magnifique a gloria
De taõ Pio Senhor: que a amada Patria
No ſeio maternal adormecida
Pelos ſeus conte já paſſados damnos
Outros tantos troféos nos Regios Annos.

AD AUGUSTISSIMAM MARIAM FIDELISSIMAM LUSITANORUM REGINAM.

ODE.

HÆC Luſitano glorioſa nomini
Dies niteſcit Regiis natalibus
MARIÆ & ANNÆ, Matris atque Filiæ
Natura junxit, quas amore & ſanguine.

MARIA PRIMA, quam regnare cernimus,
Ginarcha felix Luſitano Imperio,
Quæ ſola cunctos æmulata Principes
Excellit Orbis una pulchritudines.

Fauſto notetur dies iſta calculo,
Qua Nata Matri, Mater ipſa Patriæ
Dono tributa, ſpes adimplet omnium
Aurata nobis repromitti ſæcula.

Rex, Regna, cuncti Deo vota præferunt,
Proles ut orbæ reſulgeret Patriæ;
Tunc ecce nobis exſpectata naſcitur
MARIA vincens exſpectantis omina.

Exſpectat orbis, luce qua, ſub veſperam,
Cœlo levamen, pura datum virgine,
Hac luce nobis nata Mater Patriæ;
Hac luce Mater promit ipſa Filiam.

Ergo canamus Deo grates Maximo:
Laudetur Auctor Deus ore & carmine;
Tantoque digni, qui gaudemus munere,
Majora votis exſpectemus præmia.

Canebat idem Eremita.

FIDELISSIMÆ LUSITANORUM

REGINÆ MARIÆ,

CUI

CUM BEATISSIMA DEI MATRE

COMMUNE NOMEN.

ELEGIA

QUàm merito tibi jure ſedet ſententia vatis:
Conveniunt rebus nomina quæque ſuis!
Nec tu terrigenûm cura, ſtudiove Parentum
Impoſitum, & vacuum pondere nomen habes.
Et ſuperûm auſpiciis, & grato Numine nomen
Virtutes ſignat, condecoratque tuas.
Quæ Matri donata Dei, tibi nomina dantur:
Et tibi de MARIÆ nomine nomen ineſt.

Stel-

Stella maris MARIA eſt: eadem tu munera præſtans,
Nobis Stella faves, nos quoque Stella foves.
Gratia ſignatur, cum vox hæc alma refertur,
Et tibi cum ſimili gratia voce venit.
Quanta tuam virtutum ornat data gratia mentem!
Quanta beant animum dona ſuperna tuum!
Munera nec poſſunt cœleſtia pectore condi:
Fronte ſub Auguſta, quod latet intus, adeſt.
Grata Deo, atque tuis etiam gratiſſima Luſis
Obſequia, & cultus, cordaque noſtra rapis.
Oh bene, quod tanti menſuram nominis imples!
Oh bene, quod tantum nomen, & omen habes?
Vive diu, Regumque tibi Regina potentes
Sufficiat vires, auxiliumque ferat.
Tu (precor) optatis Luſæ, Deus optime! Gentis,
Annue, & Auguſtæ reſpice vota Domûs.

C. D.

Cliens addictiſſimus, obſervantiſſimusque,

Claudius Meneſius Caſtrius.

ODE.

O D E.

AOS Campos de Mavorte
Vá o moço guerreiro arrebatado
No ginete montado,
E meneando a lança, affronte a morte,
Por ganhar a medalha:
Na fervida batalha
Loiros, e palmas atrevido corte.

Saia dos patrios Lares,
E pize ouſado as Agarenas terras;
Entre ſanguineas guerras:
A' ſua fama erija mil altares;
Ao ſombrio Acheronte,
Ao triſte Flegetonte
Mande inimigas almas a milhares.

O

O Pelago furioſo
Com pavor cruze, affronte mil perigos;
Em novos inimigos
Empregue embora o braço vigoroſo,
Deſtruindo falanges;
A' ſua viſta o Ganges
Atraz ſe torne timido, e medroſo.

Buſcando nova terra
Veja do vaſto Mundo a quarta parte,
Sinta os fógos de Marte
A' voz da tuba, que annuncia a guerra:
Entre o ſom pavoroſo
O ſeu nome eſtrondoſo
Repita o éco pela erguida ſerra.

Dilate a gloria Luſa
Muito embora por toda a redondeza,
E ſeja ſua empreza
Levalla além do Atabro, e de Ampeluza:
Do Mundo em varias partes
Pelas guerreiras artes
Os vencedores eſquadrões conduza.

Traga ante o Throno Auguſto
Nunca viſtas Nações maneatadas,
Traga montões de eſpadas,

E os dardos traga do madeiro aduſto:
As trunfas, e os alfanges
Traga de mil falanges,
A quem ſeu braço imprime horrivel ſuſto.

Que mal fundada gloria!
Pois principia pelos triſtes damnos
Dos miſeros humanos?
Indigna de que as filhas da Memoria
Em ſeu acorde metro,
Ao ſom do brando plectro
Lhe vaõ tecendo illuſtre, e digna hiſtoria.

Eu vejo, ó Muſa, eu vejo
Após o ſorte Gama valoroſo,
E Colombo ditoſo
Deſpovoar-ſe o povoado Téjo:
Dos ſeus prados formoſos
A ſertões horroroſos
Do ouro os homens leva o vil deſejo.

De Céris proveitoſa
Os ſingelos coſtumes ſe deſprézaõ,
Já os mortaes naõ prézaõ
Dos Campos a alegria deleitoſa:
Por nunca ouvidos crimes
As virtudes ſublimes
Troca a atrevida gente cubiçoſa.

O' bemaventurado
Aquelle, que no altar de paz bemdita
Seus votos exercita!
Seu nome em brancos marmores gravado,
Deixando á longa idade,
Vive da probidade,
E paſſa os dias de prazer cercado.

Alli os frutos goza,
Que lhe offerece a placida abundancia,
Sem ſentir a inconſtancia
De fortuna cruel, e caprichoſa:
Alli á Santa Eſſencia
Da eterna Intelligencia
Os hymnos canta em voz harmonioſa.

Alli a voz ſoltando
Canta a Muſa ſingéla á rude avena
Os dons da paz ſerena;
E para ouvillo pára o vento brando:
Alli com voz ſonora
De Pomana, e de Flora
Vai aos formoſos dons louvores dando.

Alli em brandos hymnos
Canta das Eſtações a variedade,
Do Sol a claridade

Da

Da Lua os movimentos peregrinos;
Das formoſas Eſtrellas
As brandas luzes bellas,
Da rôxa aurora os raios matutinos.

Alli a negra intriga
Naõ derrama o veneno duro, e rude:
Alli vive a Virtude,
A sã Virtude que he da paz amiga:
Alli mora a Juſtiça,
Que a infernal cubiça
Aos ermos cumes a fugir obriga.

Alli tudo he ſocego,
Naõ ſe eſcuta o clarim, que o géſto muda:
Alli em paz ſe eſtuda
A deſviar do erro eſcuro, e cégo:
Alli a paz bemdita
As Artes exercita,
Que faõ da eburnea Lyra digno emprego.

Tal he, ó minha Muſa,
Tal he o doce venturoſo eſtado
Do povo affortunado,
Que beija a maõ á Mageſtade Luſa:
Arda a Europa em guerra;
A Luſitana terra
Nos ſeus eſtragos naõ ſe vê confuſa.

A Paz, a Suavidade
Abrindo as brandas azas delicadas,
Entre ſi abraçadas
Nos abrigaõ da Marcia crueldade:
Vivemos em ſocego;
De Marte o furor cégo
Naõ chega a perturbar a noſſa idade.

As Artes, as Sciencias
Ao abrigo da paz erguem a frente:
Em ſeu ſeio innocente
Naõ receiaõ ſoffrer duras violencias:
A induſtria proveitoſa
Em paz ſeus frutos goza,
Sem recear funeſtas contingencias.

O Commercio opulento
Sobre nós lança enchentes de abundancia,
Sem temer a inconſtancia
De Marte furioſo, e turbulento:
Eſta gloria, que temos,
Toda, ó Muſa, devemos
Do Luſo Sceptro ao brando movimento.

He eſta, he eſta a gloria
Digna de ſe entregar á Eternidade;
Eſta felicidade

He digno objecto de immortal memoria:
Por ella os dois Auguſtos
Pacificos, e Juſtos
Verað ſeu Nome no pregað da Hiſtoria.

Nova columna de ouro,
Monumento immortal que o tempo affronte,
Sobre o ſagrado monte
Aonde móra o Deos luzente, e loiro,
Erguei, erguei, ó Muſas,
A's Mageſtades Luſas,
Que da paz nos conſervað o theſoiro.

O Doutor Franciſco Joſé da Coſta.

Nos Soberanos a Religiaõ deve preceder ao valor.

SONETO.

PErtende ſubjugar a Africa aduſta
Ouſado Rei á Luſa Monarquia:
No ſeu valor, e no dos ſeus ſe fia,
E aſſim ſe empenha em huma guerra injuſta.

Eſte projecto vaõ quanto lhe cuſta?
A fama perde, que ganhar queria,
A vida, e o Reino dentro de hum ſó dia...
Triſte memoria, que ainda nos aſſuſta?

Do Santo Velho, Fundador do Eſtado,
Eſta empreza ſeria! Ah Póvos? Naõ,
Nem o Ceo foi ſobre ella conſultado.

Temerario, infeliz Sebaſtiaõ,
De hum ſubejo valor, mal regulado,
Os funeſtos effeitos, eſtes ſaõ.

Fr. Joaquim Forjás.

Co-

COmo he poſſivel , ſem que hum frio ſuſto cale os meus oſſos , que eu me atreva a levantar a voz na voſſa reſpeitavel preſença , para deſempenhar o argumento que me confiaſtes ? Que qualidades tenho eu , para que ſubmettendo os hombros a hum pezo , com que naõ poſſo , ſaia com gloria da empreza , a que , por obedecer-vos , talvez temerariamente me arrojo ? Baſtaõ por ventura deſejos , ainda que efficazes , para conſeguirmos o fim , que nas noſſas acções nos propomos ? Naõ releva , que ſe appliquem os proporciados , e competentes meios para naõ incorrermos na infame nota de atrevidos ?

Com tudo , como eu por genio , e por inſtituto devo ſer humilde , porque naõ concorrerei , como a ſombra na pintura , para que realcem mais as luzes da voſſa ſólida eloquencia ? Eu fallo : A minha lingoa cu a deſato , levando na minha ſubmiſſaõ anticipada a minha deſculpa. Nem todos ſaõ aguias , que eſtendendo o vôo ſe remontem ao Sol. Diga-ſe ſem figuras , os maravilhoſos dotes , que vos adornaõ , de viveza , de imaginaçaõ , de energia , de expreſſões , de imagens , de tropos , nem todos os tem.

E envolvendo-me já na materia , ſobre que hei de

diſcorrer, quem naõ confeſſa, que o dia, o ditoſo dia do naſcimento da noſſa amavel Soberana, he para os noſſos candidos obſequios o mais recommendavel. Vós ſois eruditos: Na Républica das letras vós occupais hum diſtinto lugar: Examinai os faſtos do Mundo todo, com que goſto naõ vemos nós celebrados os Natacs daquelles Grandes Homens, que, ou com as ſuas virtudes, ou com as ſuas façanhas immortalizáraõ na poſteridade a gloria dos ſeus Nomes. Roma ainda agora parece, que ſobre as agoas do Tybre, ſoaõ os écos dos elogios que conſagraſte ao teu Auguſto, no venturoſo momento da ſua appariçaõ no Mundo?

Com effeito, Senhores, quando a noſſa incomparavel Rainha raiou nos noſſos Horizontes, como benéfico Aſtro, quem ha, que tendo as memorias daquelle reſpeito, de que vós ſois diligentes indagadores, naõ obſerve o deſuſado prazer, que reverberando dos noſſos peitos, nos noſſos roſtos, punhaõ em hum extraordinario tranſporte os animos Portuguezes! Como alvoroçados corriaõ todos aos Sagrados Templos, para render ao Deos de noſſos Pais as graças; porque mandando-nos do theſouro das ſuas miſericordias huma dadiva taõ precioſa, nos pinhorava com mais huma Princeza, que daria á Caſa Bragantina novo luſtre com as ſuas acções. Huns com os outros reciprocamente nos abraçavamos, retumbando na fluida, e diafana regiaõ dos ares os noſſos vivas, arrancados dos noſſos corações. Nada podia moderar o noſſo contentamento.

Eu

Eu entendo, que levados de hum éſtro quaſi profético, leriaõ entaõ no groſſo volume dos annos, o que agora nós, por huma benigna, e inconteſtavel experiencia eſtamos vendo. Ah! que ſe aſſim he, com qual inveja olhariaõ já para nós aquelles Póvos, que naõ tem a felicidade de lhes naſcerem ſugeitos? Naõ veriaõ huma Monarca, que ſobre a ſua piedade, eſtabelece o ſeu Throno? Que penetrada da Santa Religiaõ, que profeſſa, naõ he no eſplendor da Purpura, ainda que brilhante, que faz ſentir a ſua grandeza, mas na affabilidade, e no amor, com que nos trata? Naõ veriaõ a huma Rainha, que deteſtando o arrogante depotiſmo, faz unicamente com que ao redor do Solio, que honra com a ſua preſença, vivaõ como enlaçadas a Prudencia, e a Paz, inexhauriveis fontes de todos os bens da terra, já politicos, já moraes.

Maximas ſanguinolentas da crueldade, com hum odio ſanto, como vos aborrece? Cheia de huma generoſa affeiçaõ pela ſua eſpecie, nós a vemos preciſamente empregar naquelles exercicios, que mais podem contribuir para a noſſa vantajem. Ao lado do ſeu Amabiliſſimo Filho o Sereniſſimo Principe o Senhor Dom Joaõ, como ſaõ de Mãi os dictames, que lhe inſpira, para que no ſeu governo, que he o mais proſpero, nada perturbe a ſerenidade dos noſſos eſpiritos? Como véla ſobre a noſſa pública utilidade? A' maneira do orvalho, que as nuvens diſtillaõ na roxa madrugada, como fertiliza o terreno, de que he próvida, e incanſa-

vel cultora, com os beneficios, que perennemente derrama ſobre nós?

Fiel imagem do V. Auguſto, digna Neta, e Filha daquelles immortaes Reis, que naõ obra, para que Portugal, trilhando a vereda, que abríraõ os ſeus veneraveis Predeceſſores, naõ degenere feamente do brio, e da fé, com que, vagando pelas quatro partes da deſcoberta Eſféra, leve com as noſſas Quinas a ſalvaçaõ áquelles barbaros, que embrenhados pelos ſertões da Africa, e da America, eſtaõ ſobmergidos nas trévas de hum eſpeſſo Paganiſmo? O Evangelho, como pertende que ſeja conhecido, para que a baſe, ſobre que erige o ſeu Sceptro, nada a contraſte?

Ora ainda, que eſtes ſaõ huns bens, que nós colhemos agora á ſombra da ſua Protecçaõ, quem naõ confeſſa, que com o ſeu Naſcimento tiveraõ principio? Que foi a Aurora da luz, que preſentemente nos illuſtra? Diga-ſe tudo: que foi o fundamento de todas as ditas, que, como de tropel, concorrem para nos fazerem completamente affortunados?

Aſſim o Supremo Arbitro do deſtino dos Imperios nos conſerve a ſua vida! He o que eu lhe peço: dobrados os joelhos, erguidas as mãos, ante o Throno das ſuas antigas miſericordias, he o que todos lhe devemos pedir.

Pallida doença, affaſta o teu braço, ainda que deſcarnado formidavel do leito da incomparavel MARIA I. Nós queremos, que a ſua duraçaõ ſe prolongue. A

eſ-

eſte fim ſe encaminhaõ os noſſos votos. Todo eſte reſpeitavel corpo, que agora ſe une, como nos ſeus eſcritos eternizará nos ſeculos vindoiros a ſua memoria. Segundo a fraſe das Santas Eſcrituras, he o que ſempre ſuccede aos juſtos.

Diſſe

Fr. Antonio de Santa Barbara.

PRO-

PROBLEMA

Qual he mais glorioſo para Suas Mageſtades, ſe a Magnificencia com que premeaõ, ſe a Piedade com que perdoaõ.

Quanto a Magnificencia com que premeaõ.

NAda ha que mais convenha aos Principes, que a Magnificencia com que premeaõ. He eſta huma virtude, que naõ ſó os diſtingue do reſto dos mais homens, mas que immortalizando-os na poſteridade os faz ſemelhantes ao Supremo Arbitro do deſtino das Monarquias: fallos ſemelhantes a Deos.

Naõ ha ſerviço que liberalmente remunerem, que conſervando-ſe na memoria das gentes, lhe naõ lavre huma eſtatua, a que o tempo por mais que accelere o vôo, reſpeitará ſempre. Conquiſta os animos, e vai diſpondo novos braços, para que empenhados na con-

ſer-

ſervaçaõ da ſua gloria, igualmente lhe ſegurem na cabeça a Coroa, que lhe dilatem os Dominios. Alexandre he mais lembrado pela profuſaõ de ſuas dadivas, que pelo valor do ſeu peito. Poro premeado immortaliza mais o ſeu nome, que Poro vencido.

Mas eu para que me detenho? As virtudes que acompanhaõ a Magnificencia dos Principes, haveis ouvillas, naõ da minha boca, mas das Muſas, que affinando o dourado Plectro, agora me inſpiraõ.

SO-

SONETO.

A Maõ Real, que perdoar intenta,
Troca em felicidade a desventura,
Porém a maõ que premear procura,
A' ventura a Justiça lhe accrescenta:

Salvar hum triste da oppressaõ violenta
He digna acçaõ de huma alma grande, e pura,
Porém mais o seu credito segura,
Quando com premios, o seu povo alenta.

Assim dos nossos Reis a Magestade
No premio, e no perdaõ nunca remissa
Brilha mais na primeira qualidade.

E a consequencia de huma tal premissa
He collocar acima da piedade
O brilhante attributo da Justiça.

Disse.

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

Index das Obras deste Seg.do tomo — folhas

Anonymos = Sonetos á varios objectos. fol.s .. 169.
— Odes ás sabias Providencias de sua Mag.de — 185
— Romance aos annos de Sua Mag.de D. M.a 1.a ... 253
— Discurso poetico, filozofico escripto sobre o gosto de Pope, no seo Stomem aos ann.s da Raynha ... 339
— Ode in laudem Reginæ Mariæ Lusitanorum — 347

João Dias Tallaia Sotto-Maior. Juram.to em nome dos Academicos, em dia dos ann.s de D. M.a 1.a á N. Snr.a de Victoria = Soneto = Oração, e Ode — 3
— Oração aos sabios Collegas da Acad.ma de Sacavem — 22
— Idyllio aos annos da Raynha D. M.a 1.a — 59
— Ode, e Soneto aos mesmos ann.s — fol 70 — e — 73
— Ode á Infanta D. Marianna — 75
— Oração aos ann.s da Raynha — 77
— Oração aos fidelissimos Reys D. M.a e D. Pedro — 81
— Ode aos ann.s da Raynha — e Oração — fol. 89, e — 93.
— Falla no dia dos ann.s da Raynha — e Soneto f. 144, e 147. e 327.
Sonetos = Dos Pays, imagem, da virtude exemplo — 129
— Dada por Deos aos Povos Lusitanos — 130
— De virtude, a Purpura guarnece — 131
— Oração aos ann.s da Raynha — 125
— Vôz do agradecim.to p.los Desposorios dos Infantes D. João com D. Carlota Joaq.na = D. Gabriel com D. Mariana Victoria — 257
— A. El Rey D. Pedro — 263
— A Raynha, e Rey. Ode — 267
— Aos Infantes D. João, e Carlota, Lyras — 273
— A. Carlos 3.o Ode — 277
— A. Raynha de Portugal, Oração — 281

— Redondilhas á D. Pedro 3º — 313
Problema = qual mais glorioso he para Suas Mag.es se a magnificencia com q. premeiaõ, se a piedade com q. perdoaõ = e Soneto f 367 e = 369
perdoaõ
Joaq.m Ignacio Tallaia = Silva aos ann. da Raynha — 27
Romance joco-serio, e Decima aos an.s da Raynha — 39
Sonetos = Dos Pais, imagem, da Virtude exemplo — 134
— Dada por Deos aos Povos Lusitanos — 134
— Da Mãy, transmigra o espirito na Filha — 134
— Gloria de Sacavem, gloria de todos — 135
— De Virtudes, a purpura guarnece — 135
Colcheas = Mais ditosos, do q. Augusto
— fas os seos annos Maria — 136
— Os annos de Marianna
pelos annos de Maria — 137
— Elogio á Inf.ta D. Marianna, em dia de annos — 319
— Cançaõ, aos mesmos — 223
Joze Valerio Tallaia = Silva aos an.s da Raynha — 101
— Soneto — 103
— Oraçaõ — 105
D. Fran.ca Benedicta Talaia = Oraçaõ aos an.s da Raynha — 16
D. Marianna Victoria Tallaia: Soneto a Princeza Carlota 204
Fr. Ant.o de S.ta Barbara = Discurso aos an.s da Raynha — 361
Antonius Felix Menesius: Lusitana Calliope de pace inter cognata Sceptra Caroli 3.i, Mariæ, et Petri Lusitaniæ Regum — 303
Ant.o Moreira Pegas = Sonetos aos an.s da Raynha — 31
— outro — 169
— Versos ás melhoras da Raynha f 171 e — 172
— Sonetos sobre o Problema = qual he mais estimavel em hũ Rey = se o excesso no valor, se o excesso na Religiaõ — 170

Ant.o Pr.e

Antonio Pr.or de Figr.do Oração aos ann.s da Raynha ... 35
—— Reynado de Amor, Dissertação Filologia —— 141
Claudius Menerius Castrius. Genethliacon Petro 3.o —— 315
—— Elegia Mariæ Reginæ Lusitanorum 349
Fran.co Ant.o de Novaes, e Campos = Ode aos ann.s da Princeza do Brazil, e Duq.za de Brag.a ... 295
Fran.co Joze da Costa — Ode. —— 351
—— Discurso = se á materia repugna o pensar —— 175
Fran.cus á Jesu M.a Castellus = Cantica sacra ... 285
Joaq.m Forjaz — Soneto = Nos Soberanos ás Relig.as deve preceder ao valor. —— 359
—— Ode aos ann.s de D. Pedro 3.o —— 309
João Rozado de Villa lobos Nav.cos = Dissertação sobre a felicid.e em ter Portugal a D. M.a 1.a por sua Soberana —— 205
—— Falla publica á Raynha D. M.a 1.a —— 229
Josephus Anton.s de Almeida = Epigrama encomiasticum dico —— 293
Joze Joaq.m Melitão = Oração aos ann.s de D. M.a 1.a —— 49
Joze Soares Barboza: Sonetos á Fundação do Conv.to das Relig.as Carmelitas da Estrella — 45 = 46 = 47
Man.el Evang.a Maxav.as Soneto á mesma Fundação —— 43
—— Romance hendecasillabo ao D.or J.o Dias Tallaia —— 329
—— Agradecim.to do mesmo Tallaia ao Autor do Romance — 327
Mig.l Ant.o Frr.a Taborda = Ode á Raynha D. M.a 1.a —— 335
Mig.l Roiz dos S.tos Soneto, aos ann.s de M.a 1.a —— 123
Theodoro de Carv.o = Oração á N. Snr.a da Victoria no dia de ann.s da Raynha D. M.a 1.a —— 119

Finis